Douração
EDGARD DE CARVALHO
São Paulo
Rua Liberdade, 788

J. DE ALENCAR.

AS MINAS DE PRATA

ROMANCE.

IV.

RIO DE JANEIRO.
B. L. GARNIER, EDITOR
69,—RUA DO OUVIDOR,—69
1866.

LIVROS A VENDA

NA

LIVRARIA GARNIER

69 RUA DO OUVIDOR 69.

—

O Genio do Christianismo, por Chateaubriand, traduzido por Antonio Feliciano de Castilho e José da Silva Mendes Leal Junior, 1 vol. in-folio ornado de muitas gravuras. 7$000

O Enredador, divertida farça, 1 vol. $500

Eufemia ou o triumpho da religião, drama de M. Arnauld, traduzido por M. M. B. du Bocage, 1 vol. in-8.° 1$000

O tributo das cem donzellas, drama em 5 actos por Mendes Leal, 1 vol. in-8.° br. 1$000

Pelayo ou o restaurador de Hespanha, romance historico por D. Juan de Dias Mora, 2 vol. in-4.° com estampas. 6$000

Gloria, riquezas e honras, ou Gilberto e Gilberta, por Eugenio Sue, 6 vol. in-4.° enc. 6$000

Justiça, drama em 2 actos por Camillo Castello-Branco, 1 vol. 1$000

O conselho dos dez em Veneza, ou historia da machina infernal, 1 vol. enc. 3$000

J. DE ALENCAR.

AS MINAS DE PRATA

ROMANCE.

IV.

RIO DE JANEIRO.
B. L. GARNIER, EDITOR
69,—RUA DO OUVIDOR,—69
—
1865.

TYPOGRAPHIA DE QUIRINO & IRMÃO
rua da Assembléa n. 54

I

Onde se expreme o soro de um coração de donzella.

Chegou vespera de Reis.

Eram sete horas da noite. Já corriam as ruas e praças da cidade os alegres descantes e costumadas serenatas, com que então muito celebrava o povo aquella festa do anno.

Por esse tempo um cavalleiro bem embuçado

na capa entrou pela porta de S. Bento, e seguiu até o principio da rua da Palma. Ahi apeou, atirando as redeas ao pagem com estas palavras :

— Vae-te ao Terreiro esperar !

Continuou á pé e cosido com a parede, seu caminho até á casa onde tinha o judeu Samuel banca de dinheiro. A porta estava fechada : abriu-se um postigo que havia por cima, e uma voz doce e maviosa perguntou :

— Quem bate lá ?...

O cavalleiro já se tinha afastado dois passos, como se esperasse aquella apparição ; e saudou-a de baixo, atirando-lhe um estrepitoso beijo estalado na ponta dos dedos. De cima lhe responderam com um longo suspiro acompanhado de uma flor que veio cahir á seus pés ; elle depois de a apertar uma e muitas vezes aos labios, guardou-a no peito do gibão.

— Quando permittireis á um triste, senhora, que vos admire de mais perto, ainda que seja para acabar á vossos pés de dar esta alma ?....

— Ella não vos disse ?... murmurou a voz maviosa.

— Quem, a Joaninha ?

— Sim, ella ; não vos disse que sou guardada como monja ?

— Quizesse-o vós !...

— Ui !...

Este gritosinho de susto foi acompanhado do bater do postigo. que fechavam. Mais logo um vulto de maiores dimensões appareceu, e outra voz roufenha e pesada deixou cahir estas palavras :

— Andai vosso caminho, senhor cavalleiro. Não é prudente se expor á beirada das casas ; as telhas podem cahir. Andai.

— Andado o tenho eu, honrado Samuel, para não dizer honrado ladrão ; e bem andado, pois me trouxe elle á vossa espelunca.

Aproveitando uma sonata de remoto descante, que soava para as bandas da Graça, o cavalleiro entoou baixo o principio de uma cantiga de reis :

Aqui estou á vossa porta,
Acordai si estaes dormindo !. .

— Longe estava eu de suppor que fosseis vós, Sr. D. José ; escusae-me a liberdade. Corro á abrir-vos.

O alferes penetrou na toca do velho judeu.

— Honradissimo Samuel, o negocio é breve; preciso de quinhentos cruzados esta noite, ou antes este momento.

— Trouxeste o vale?...

— Não, mas posso assigna-lo aqui; dae-me com que escrever.

— Rachel! disse o velho.

A voz maviosa respondeu dentro:

— Pae!...

— Buscae-me os oculos.

Pela fresta aberta na parede passou a mão a mais alva e mimosa que é possivel imaginar: o alferes aproveitando o momento em que o velho estava occupado a arranjar a meza, tomou os oculos, e travando dos dedos que os seguravam, beijou-os sem a menor ceremonia. Ao estalo do beijo e do grito que soou dentro, o judeu voltou-se:

— Não passou da ponta do dedo mimoso, digno usurario. Creio que trazeis este thesouro ainda mais aferrolhado do que o outro.

— Este é minha carne; o outro são apenas os ossos, senhor cavalleiro. Sereis pae um dia para me comprehender.

— Mas usurario não; disso podeis ter a certeza.

— Aqui tendes o necessario ! Ponde-vos á meza e fazei vosso bilhete, emquanto vos contarei as moedas.

O cavalleiro sentou-se e escreveu em vez de um dois bilhetes ; o primeiro para o velho judeu de quinhentos cruzados, o segundo para a filha, dando-lhe um emprazamento á janella na proxima noite. Dobrando ambos na mão, approximou-se do contador, onde estava o judeu, e apresentou-lhe o primeiro. O velho judeu calcou os oculos e principiou a leitura ; mas logo á primeira linha tornou a dobrar o papel, e o restituiu, dizendo :

— Creio que vos enganastes !...

— E' certo ; este é um papel atoa ; o vosso aqui está ! acodiu o alferes azoado, pensando ter dado ao judeu a carta destinada a Rachel.

Emquanto Samuel examinava com profunda attenção o outro escripto, o cavalleiro aproveitando o ensejo jogou pela fresta o bilhete, pensando que o apanharia a donzella. O mercador contou-lhe os quinhentos cruzados em moedas de ouro, e cerrou na gaveta o papel que recebera. Apenas o fidalgo sahiu, o velho debruçou-se ao balcão, e disse á filha :

— Rachel, passai-me outra vez o escripto do cavalleiro para que o aponte em minhas notas.

Era com effeito o vale, que o alferes passara sorrateiramente á moça pensando ser a carta de namoro. O velho o fino judeu, desconfiado com o negocio da janella e mais do beijo, não perdera de olho o alferes emquanto elle escrevia; viu-o pois fazer dois bilhetes e dobra-los fechando ambos na palma. Usou então de ardil; ao apresentar-lhe o moço o vale, fingiu haver engano que realmente não havia; desconcertado o alferes, como era natural, mais que depressa arrecadou esse, dando-lhe em troca o recado de namoro, que era quanto desejava o judeu.

Esse então pareceu absorver-se na leitura para dar occasião ao cavalleiro de fazer a sua estrategia; logo que o vale se achou em segurança na mão da moça, tranquillo á respeito do seu dinheiro, como á respeito da filha, consummou a transacção.

Entretanto o alferes, depennado na bolsa e logrado nos amores pelo velho judeu, seguia rua acima até a Praça do Palacio, d'onde quebrando a travessa da Sé, ganhou a bodega do Braz, ainda nessa noite, como na de anno bom, cheia de ale-

gre freguezia e frequentada por toda a casta de gente, desde a mais reles peonagem até a mais famosa fidalguia. O alferes rebuçou-se bem no manto escuro e entrou afoutamante a varanda da taberna : trocado com o judengo um signal que de certo era concertado, penetrou no interior pelo corredor particular ; a ultima das portas dava para uma camera pequena, onde havia encravado na parede um grande armario de angelim.

O taberneiro chegou logo apoz com uma candeia na mão ; e reconhecendo o fidalgo pela feição, não mais rebuçada, saudou-o com mostras de muito respeito.

— Estão em numero ? perguntou o alferes.

— Uma dusia delles ; tódos dos melhores.

— Aviai-vos !...

Braz sacou do bolso a chave do armario que abriu : calcando então uma pequena mola occulta no canto, fez volver sobre os gonzos o fundo que era da mesma madeira. Appareceu uma aberta que dava para o vão de um segundo armario embutido na face opposta da parede. Cinco pancadas, divididas por duas pausas, applicou o taverneiro á divisão, que logo foi franqueada. O alferes

passou de um salto deste áquelle aposento, e tudo voltou ao estado anterior.

O aposento era espaçoso bastante, e situado no centro da casa; não tinha janellas, nem outra porta a não ser a encoberta por detraz do armario. O ar penetrava pelas largas seteiras que davam para um pateo, e pela agua furtada que havia no telhado. No meio da casa via-se uma grande mesa oblanga de jacarandá, em volta da qual estavão grupados dez fidalgos jogando as cartas. D. José foi recebido por elles com ruidosa alegria; todos conchegaram-se para dar-lhe lugar perto de si no banco em que sentavam. O alferes accomodou-se no mais perto que encontrou.

A mestre Braz não satisfaziam unicamente os ganhos da taberna; tambem tinha casa de jogos ou tavolagem, e explorava mais essa lucrativa industria apezar das Ordenações do Reino, que a prohibiam: O judengo porém era fertil em recursos e achára modos de combinar a segurança de sua pessoa com os accrescentamentos da bolsa. Comprára por intermedio de um mercador judeu a casa que tocava com a sua pelos fundos e construíra aposento apropriado ao fim a que se propunha.

A frente da tal casa era occupada pela tia Eufrasia, mãi de Anselmo, que ahi tinha sua tenda aberta durante o dia ; á noite por uma escada de mão encostada ao muro do pateo, ou ella ou o o filho penetravam na sala pela agua furtada, para servir aos jogadores quando careciam de qualquer cousa. Estes entravam pela taberna á titulo de beber, e ninguem podia suspeitar do fim que realmente os trazia.

Assim, graças á engenhosa combinação, a tavolagem do Braz não o podia compromettter porque não fazia parte de sua casa ; a tia Eufrasia e o Anselmo seriam, no caso pouco provavel da descoberta, os que pagariam as custas ; mas em compensação disso, boas contas faziam elles ao taberneiro pelo serviço que lhe prestavam.

D. José deitára sobre a mesa a bolsa pesada dos quinhentos cruzados, e esperou a sua vez de tomar cartas. Seus parceiros eram todos da melhor fidalguia da cidade, moços cavalleiros, que esbanjavam o patrimonio de seus pais, e tambem alguns velhos encanecidos no vicio.

O taberneiro voltando á varanda encontrou um mestiço encostado ao balcão, e resfolgando como quem trazia longa caminhada :

— Então, Pedro, que novas?...

— Primeiro molhai-me a guela, si quereis que falle, pois a trago esturricada.

— Tomai lá, rapaz, bebei, mas com tino, que não vos vire a bola.

— Não haja medo.

O rapaz esvasiou o canjerão, e chupando os beiços debruçou no balcão para fallar ao ouvido do judengo.

— O navio é chegado desde tarde, disse elle. De primeiro ninguem o conheceu; vinha se fazendo na volta de terra, mas logo entrou á noite. Então fez signal... Sabeis?... as tres panelinhas de fogo azul?...

— Sei, sei. Que mais?

— Então deixei lá os outros á espreita e vim dar-vos aviso.

— Bem, Pedro!... Tereis uma boa paga, eu vo-lo prometto. Tornai, que sobre madrugada serei comvosco. Cuidado com a guarda-costa, que anda de pulga na orelha.

— Deixai-a comigo, que bem lhe conheço as traças. Agora a ceia, emquanto descanço.

— Sim, rapaz! Apre que nada vos esqueça!

— Cuidaes?...

O Pedro que sentava-se á uma das mesas, e um cavalleiro rebuçado que parava na porta; depois de um instante de hesitação endireitou para o balcão. O taberneiro emborcou-se todo para fallar ao novo hospede, mas especialmente para sondar lhe a feição atravez das dobras do manto.

— Preciso de fallar já sem demora á D. José de Aguilar!... disse o recem-chegado com um tom vivo e imperioso.

— Dir-me-heis agora o que é mister que faça, senhor D. Fernando de Athayde, para que já me ponha em caminho de obedecer-vos.

Isso foi modulado pelo Braz no seu mais doce sonsonete, entre duas reverencias humildes, e adubado por um sorriso, que se desfazia como torrão de assucar.

— Ide avisa-lo que aqui estou! retrucou o cavalleiro.

— Ha muito lá estaria eu correndo, senhor cavalleiro, si soubesse onde encontra-lo.

— Si elle está em vossa propria casa, taberneiro!...

— Em minha casa, que assim a chamo com per-

missão de Vossa Mercê! Em minha casa! Tal não ha! Juraria, si preciso fosse!...

— Digo-vos que para aqui veio; aqui deve estar!...

— Desde que vos juro eu, senhor D. Fernando!... Não me quereis crer; pois si vos praz, pedeis correr toda a casa para certificar-vos.

— Taberneiro, já vos adverti que venho apressado; poupai vossas juras e reverencias para outros. Segunda vez vos digo que aviseis D. José de lhe querer eu fallar com urgencia!... Não vos direi terceira.

— Fazei-me em postas, senhor cavalleiro, si tal é o vosso gosto; já que não sei que mais faça para que me acrediteis.

D. Fernando mordeu os beiços de impaciencia:

— Peão, tu persistes em negar que D. José está em tua casa?

— Persisto na verdade, senhor cavalleiro.

— Pois, guiae-me á casa da tavolagem.

— Qual tavolagem, senhor D. Fernando?

— A tua, burlão!...

— Virgem Maria Santissima! Que heregia, meu fidalgo!... Joaquim Braz, o taberneiro, com casa de tavolagem! Donde chegaes, que tal cousa vos

metteram na cabeça; pois em toda esta cidade do Salvador e sua redondeza, ninguem tal dissera!

— Mestre Braz, si me conheceis, não ignorais sem duvida o amigo que eu sou de D. José, para quem não guarda elle segredos. Eu sei que tendes aqui nos fundos de vossa casa uma camera onde se dão jogos muitas noites!...

— Ai, Céos!... Quem está livre de um falso testemunho!

— E agora lembro mais, por m'o dizer uma vez que emprazou-me para acompanha-lo, que a communicação se faz por um armario.

— Fallai mais baixo por quem sois, senhor cavalleiro! Vejo agora que estaes no segredo, que é mais dos vossos amigos, que meu; e só pelo respeito delles é que vos encobria. Portanto me perdoareis, porque outrotanto faria pelo vosso respeito.

— Perdoar-vos-hei, si me guiardes sem mais demora; do contrario amargareis o que já me fizestes esperar.

— Segui este corredor ahi á esquerda, que lá no fundo, ultimo cubiculo, me achareis.

O cavalleiro executou a recommendação e chegou á casa do jogo pelo mesmo caminho do al-

feres. A sua entrada causou alguma sorpreza, por não ser elle dos camaradas daquella devoção ; mas foi applaudida por quantos ali estavam.

— Oh ! D. Fernando !...

— Bravo !... chegou vosso dia !...

— Bem pensava eu que não havia tardar !...

— Todos acabam por ahi ! Cedo ou tarde!

— Bem vindo, sejaes !...

— E ainda mais bem vinda e melhor ficada a bolsa, que trazeis recheada !...

— Abancai-vos para aqui !...

D. Fernando correspondeu com uma cortezia geral á estas exclamações partidas de todos os lados, e respondeu simplesmente :

— Enganam-se, senhores meus, em pensando que venho tomar parte na tão boa companhia : por honrado me dera ; mas outro cuidado me traz, que é fallar a D. José de negocio importante e apressado.

O alferes, a quem o jogo tinha por tal forma que não lhe deixava fóra d'ali mais olhos para ver, e mais boca para fallar, quasi nem se apercebera da chegada do amigo. Elle estava em hora de má fortuna ; as moedas do judeu a pouco

e pouco escoavam de sua bolsa para engrossar as pilhas de ouro que brilhavam diante de dois ou tres parceiros a quem o azar favorecia com uma veia inexgotavel. Via-se porém o fidalgo no desprezo com que enchia o pareo, e na sobranceria e calma em que arrostava os lances contrarios.

O sorriso cortez não abandonára um instante o seu labio; o olhar não contava os moedas perdidas, mas só as que restavam á perder, para mais depressa arrisca-las. Pouco lhe importava o ouro; o que o absorvia todo era só a paixão, o vicio, o demonio das cartas. As ultimas moedas que acabava de atirar sobre a mesa não lhe recordaram que eram ellas o fim de uma grossa quantia; mas sim, que eram talvez a derradeira mão que jogasse; e esse pensamento o incommodou, e o prendeu ainda mais ás cartas.

Debalde lhe dirigiu D. Fernando a palavra; não respondeu, nem mesmo voltou para elle o rosto; nesse instante abria as cartas dadas pelo parceiro da direita; correram as vasas, e o alferes perdeu ainda a mão. Fez um gesto de enfado passageiro que mudou em sorriso: e affastou de si o baralho, que lhe tinham passado, por lhe caber dar as cartas.

Fernando aproveitou o ensejo para lhe fallar de novo :

— D. José, tenho cousa urgente que communicar-vos !

— Oh ! chegastes á proposito !... respondeu o alferes, como si então sómente se apercebesse da presença do cavalleiro.

Reclinando ao ouvido :

— Prestai-me quanto trazeis na bolsa, amigo !...

— De bom grado o faria, se não fosse carecer de conversar-vos, o que o jogo não permittiria.

— Temos tempo !... Só duas mãos para forrar parte do que perdi.

— Mas attendei, amigo, que é grave, e muito, o de que vamos tratar.

— Pois não jogarei mais que uma ; depois me tereis todo para quanto vos approuver, o que agora não succederá pois si não me servis, vou ao judeu !...

Athaide passou a bolsa ; e o alferes travando do baralho, xafurdou-se de novo no vicio ; correu primeira, segunda, terceira mão : a cada uma o amigo lembrava-lhe o promettido, e avivava a importancia e urgencia do negocio que o trouxera ; mas a nada elle attendia. Afinal D. Fernando in-

clinou-se e conseguiu metter-lhe ao ouvido estas palavras :

— D. José, trata-se da honra de vossa irmã !

— Já vos fallo !... foi a resposta.

A má fortuna continuava : o subsidio accrescentado aos quinhentos cruzados fundiu-se rapidamente entre os dedos do jogador ; chegou outra vez o momento em que a mesa diante delle achou-se limpa, tendo apenas, como reliquias, as duas bolsas desertas e encolhidas.

— Senhores, recebeis uma parada sobre palavra ? perguntou o alferes.

Os outros olharam-se entre si e como atalhados da pergunta, sem palavra proferir. Afinal um resolveu responder, pois já o silencio passava á descortezia :

— Deveis lembrar-vos, Sr. D. José, do que foi acceito por todos que vimos á esta mesa, de em caso algum fazer parceo que não seja com moeda de contada sobre a mesa ; e isso pelo motivo de se acabarem com reixas e affrontas que costumam em casas taes, filhas da levesa de uns e desconfiança de outros.

— Bem lembrado estou e por isso vos perguntei antes si querieis receber ?...

— Faze-lo á um é abrir a porta á todos: e tanto não podemos nós em uma cousa concertada pelo voto geral.

— Basta, senhores. Outra vez em que a sorte me esteja de feição, forrar-me-hei das moedas e do mais!

— Penso que não vos daes por offendido, alferes!

— Dar-me-hei, si assim vos appraz, capitão! replicou D. José repuxando o bigode.

O interlocutor, que era Affonso da França, capitão entertenido por El-rei, ergueu-se prompto mas os outros metteram o caso á bulha e tanto fizeram que instantes depois riam todos á guelas despregadas, com as facecias de Manoel de Mello. Afinal este foi á parede e bateu nella com a palma da mão; era ouco o muro nesse lugar porque o som repercutiu profundamente. Logo appareceu na agua furtada a cabeça arrepellada da tia Eufrazia:

— Que mandam vossas mercês em seu serviço?

— Do melhor da Madeira!...

— A' uma por cabeça?

— A' duas, megera! Onde já vistes um bom portuguez da Bahia bater-se com um só inimigo!...

Com pouco desceu por uma corda uma cesta

cheia de garrafas e copos; correu a primeira saude a D. José, a segunda ao capitão Affonso, depois á todos os presentes, ás damas, ao amor, á folia e ao jogo. Emfim D. Fernando impaciente conseguiu arrancar o alferes á tentação; e embuçando-se ambos, sahiram á rua pela taberna do mestre Braz.

Os dois amigos caminhavam a par e par sem dizer palavra: o alferes logo que pisara a calçada inquirira do motivo que trouxera D. Fernando á sua busca:

— Em chegando á casa, já agora!

D. José não replicára e encolhendo os hombros continuou a andar, ruminando em seu cerebro esquentado, jogo, vinho, amor, tudo de mistura: bem se via que estava de máo humor, pelo impeto com que esticava o bigode á ponto de arrancar os pellos. Ao descer a ladeira da Palma, lobrigou elle que se esprimia pela fresta da porta do judeu um vulto, o qual logo que pôz pé na rua nivelou-se com a parede, de modo a não roçar nem de leve no cavalleiro. O alferes porém não perdeu essa occasião de descarregar uma pouca da sua raiva; a mão foi direita á gorja do encolhido e o arrancou da parede de um safanão.

— Quem és tu, e que fazes aqui á esta hora, taful?

— Ai! sou eu, senhor D. José, com vosso respeito!

— Oh! mestre Braz, vós em casa do judeu Samuel, tão tarde da noite?

— Os tempos andam tão máos, senhor alferes!.. Vim empenhar umas pratinhas!...

— O judeu ainda está acordado; abrirá elle?..

— A' vossa mercê, sem duvida!...

O taberneiro escamou-se: o alferes caminhou para a porta do judeu:

— Que, D. José?... Ainda pretendeis voltar ao jogo?... Si não vale meu pedido, valha ao menos a fama de vossa irmã, pois vos repito que della e de sua honra se trata.

O alferes ao tom grave do amigo vexou-se e sem responder-lhe apressou o passo. Chegaram á casa de Athayde; eram dez horas: a ceia os esperava sobre a mesa; sentando-se, Fernando despediu os famulos com um aceno, e tirou do bolso do calção um papel cerrado em carta, e o apresentou aberto a D. José: este leu um escripto assim concebido:

« Ao mui nobre cavalleiro D. Fernando de Athayde.

« Sexta-feira depois de Reis, que se contam 8 deste janeiro, desde o romper d'alva até o toque de meio dia, estará no sitio da Graça á um tiro de berço da ermida para as bandas da praia, um cavalleiro que jurou não ter um momento de repouso emquanto não provar que vil e indigno é o cavalleiro que pede e acceita a mão forçada de uma dama, sem o coração que ella a outro já deu com seu amor.

« Si D. Fernando de Athayde preza a sua honra e não é um cobarde, venha ao lugar emprasado ouvi-lo dizer em face, e desmenti-lo com a espada na mão. Não o fazendo será tido por infame, e tratado como tal no lugar mais publico onde se faça encontrado. »

O alferes acabou a leitura de pé, batendo com força no pavimento :

— O atrevido a pagará. Deixai-o á minha conta. Esta affronta é primeiro minha ; e só depois vossa.

— Sabeis donde vem este cartel ?

— Não o soubera eu !... Do tal D.ª Lopo de Vellasco !... Cuida elle com ser commendador que ha de caçar tambem Inezita, como usa com suas

alimarias !... Está muito enganado. Verá si aqui na Bahia se aturam tafularias !...

— Mas porque pensais que fosse elle ?

— Ora, é boa a pergunta. Não ha uma semana, que o tal fidalgo veio em procissão á nossa casa pedir a mão de Inezita, e meu pae lh'a negou redondamente ! Ainda duvidaes ? Pois sabei mais agora, que lhe havendo meu pae por forma de desculpa dito ter-vos dado sua palavra, e a não ser esse grave motivo se regosijaria de seu pedido ; logo no dia seguinte escreveu elle dizendo que tinha por acceita e ractificada a promessa condicional, caso qualquer razão maior nos desobrigasse da palavra dada !...

— Ah ! essa ignorava eu !...

— Bem sei ; não dando á isso importancia alguma, esqueceu-me de vos fazer sabedor. Assim descobris agora o seu manejo ; desafia-vos para por esse meio destruir o obstaculo unico que elle suppõe se oppor ao seu intento. Mas ha de sahir-lhe as vessas !...

— Ainda estou longe de concordar comvosco. Lembro-me de ter ouvido de D. Francisco, que extranhando elle o improviso de seu pedido, pois acreditava que raras vezes tivesse visto D. Ignez,

acodiu-lhe o commendador que nunca, mas o decidira a fama de sua belleza e virtudes.

— Que tem isso?

— Si o commendador não viu D. Ignez e menos foi della visto, como a ama e sabe ser correspondido?

— Não vedes que são iscas para que lhe pegueis no anzol! Quiz tocar-vos no fraco!

— Talvez assim seja; mas logo que deitei os olhos á este escripto, atirei á outra parte. Lembra-vos das justas ....

— Quem, o estudante?... Não teria o atrevimento!...

— Não teve elle o de erguer olhos para D. Ignez? Porque não o de arriscar tudo para possui-la? No seu caso eu o faria! Esses ardimentos, crede-me, da-os o coração, e não ha resistir-lhes.

— Fazeis muita honra á esse rapaz, D. Fernando!... Elle deve se conhecer para que nem um instante se lembre que D. Ignez de Aguilar possa distingui-lo no pó!... Mas ainda vos digo, deixae isto por minha conta. Ou D. Lopo, ou quem quer que seja, receberá o castigo de minha mão.

— Não o entendo assim, D. José. Si mostrei-vos esse cartel foi por uma só razão, que estou, haveis de approvar. Aqui se diz que aceitei a mão de uma dama, sem o coração á outro dado; e accrescenta que o cavalleiro que tal pratica é vil e indigno. Sou do mesmo pensar. Portanto achareis justo que eu ouça, sem mais tardar que amanhã, da propria boca de D. Ignez, o desmentido á essa calumnia; para com a consciencia tranquilla e a fé na minha causa, punir o refalsado que ousou denegrir sua e minha honra.

O alferes impacientou-se

— E' o que me faltava ver!... Que desseis credito ao que vos escrevem encapotados. Quem sabe si não é isso alguma farça de amigo nosso?

— Farça em tal assumpto passa á serio, pois é cousa com que não se brinca. Minha resolução está tomada; procurei-vos para a annunciar á D. Francisco!

— Tal não farei; occupa-lo com nonadas!...

— Fa-lo-hei então eu proprio, amanhã, com cedo.

Os dous amigos separarão-se frios.

A resolução de Fernando incommodava o alferes: bem como a recusa deste affligia profun-

damente aquelle: e isto se explica pelas relações que havia entre ambos.

D. José de Aguilar, jogador e perdulario, travara conhecimento dous annos havia, com D. Fernando de Athayde, rico fidalgo, da casa dos condes de Castanheira, e proprietario de muitos engenhos. Em principio não passou isso de camaradagem de moços, mas logo o amor que Inezita inspirou a Athayde o rendeu como era natural á amisade do alferes, o qual desde então começou á usar e abusar da bolsa do amigo, a titulo de emprestimo. Avultavam de dia em dia os empenhos, quando o enamorado cavalleiro animou-se um dia á fazer a confidencia de seu affecto ao irmão; este a acolheu favoravelmente e encorajou o amigo promettendo servi-lo.

Este facto sellou o captiveiro de D. Fernando que tornou-se d'ahi em diante propriedade de D. José, elle e seus haveres. Mas o alferes desdenhando fallar á irmã á respeito dos sentimentos que ella inspirara, contentou-se em agasalhar muito o amigo, a quem facilmente illudia o recato da menina, junto á benevolencia devida ao companheiro de seu irmão. Afinal instado pelo cavalleiro resolveu fallar de sua pretenção á D. Francisco, empenhando

em favor della todo o seu valimento no coração do pai. O fidalgo castelhano não desapprovou a idéa; mas consultando sua mulher achou-a de aviso contrario Comtudo um voto mui autorisado, o de Fr. Carlos da Luz, capellão e conselheiro do fidalgo fez pender a balança em favor de Athaydo, cuja casa fôra sempre de pais e filhos protectora do mosteiro de S. Bento, desde a sua fundação em 1581. Entretanto para não affligir sua mulher, quiz o fidalgo que o projectado casamento ficasse em segredo até o tempo de se effectuar, o que seria quando Inezita completasse os desoito annos.

Succedeu porém que no sarau de anno bom, interrogado pelo Governador com mostras de muita benevolencia sobre sua familia e o futuro de Inezita, D. Francisco julgou-se obrigado pelo respeito a confessar os projectos formados, e assim divulgou-se nas salas a noticia que fôra para Estacio um golpe mortal.

No dia seguinte, que foi o de Reis, D. Fernando, firme na resolução da vespera, procurou em sua casa de Nazareth a D. Francisco de Aguilar, já a esta hora prevenido pelo filho. O moço achou reunidos na sala pai e filho e mais o frade bento,

chamado á conselho para o caso difficil. Avistando-o, o senhor de Paripe foi á elle:

— Deixai-me ver o insolente escripto!...

— Aqui o tendes. Já sabeis?...

— Sei tudo. D. José m'o referiu.

— Sabeis tambem o pedido que lhe fiz?...

— Depois trataremos disso! Vamos ao que mais importa!...

— Perdoai, D. Francisco. O mais importante para mim é o desmentido dessa calumnia da boca mesmo de vossa filha.

— Ides ouvi-lo, D. Fernando. Antes porém é mister que concertemos sobre o que mais convém á nossa honra e commum interesse.

Tomando conhecimento do cartel, que seus olhos percorreram rapidamente com um gesto iroso, atirou-o amarrotado sobre os joelhos de Fr. Carlos da Luz.

— O primeiro e mais offendido aqui sou eu, na pessoa de minha filha e fama de minha casa. A mim pois antes de todos compete o direito de castigar o villão e' refalsado, qualquer que elle fôr.

— Essa é a minha parte, senhor, como filho, como moço e como soldado. A vós o conselho; á mim a espada.

— Vingareis vosso pai, si elle succumbir, D. José: é essa a vossa parte. Depois poderá D. Fernando castigar a affronta á elle feita.

— Esqueceis, senhor D. Francisco, que este cartel não vos foi endereçado, e sois supposto ignorar o que nelle se contém! O direito de responder-lhe não é de ninguem mais, senão meu; e conto não cede-lo.

— Pois a mim me parece que todos estão no caminho errado!... disse o frade que adiantou-se com o papel dobrado entre o indice e o polegar da mão esquerda. Antes de tudo, pessoas de nobreza e tão qualificadas, como são os que me fazem a honra de ouvir, não respondem á desafio de um encoberto! Sabeis vós ao menos que casta de homem é o que isto escreveu? E que figura farieis si lá chegando achasseis um villão indigno de medir-se comvosco?

— Manda-lo-hia açoutar pelos meus escravos, para lhe castigar o atrevimento!...

— Devieis então começar por ahi, si o mais digno e acertado não fosse lançar ao desprezo estas palavras ao vento.

— Isto não admitto eu por fórma alguma! exclamou D. José.

— Dado que seja um cavalleiro quem assim se occulta contra todas as regras usadas entre a boa gente, vosso desprezo será comprehendido, e elle voltará de rosto descoberto. Então não serei eu quem vos tolha a valente espada, senhor D. Francisco, ou a de vossos filhos aqui presentes.

A sensatez desse alvitre calou á uma no animo dos tres fidalgos, os quaes embora já rendidos á razão, sentiram ainda os brios alvoraçados que resistiam. Emmudeceram, por não acharem argumento com que retrucar.

— O cartel!... disse emfim D. Fernando estendendo a mão ao frade.

— Este escripto?... Uma vez na minha mão, ordena-me o meu ministerio de paz, que o confisque em bem da religião e humanidade. De resto para que vos serviria já agora?

— Sem duvida, pois que acceitamos o conselho que nos suggeriu a sabedoria do nosso capellão! acodiu D. Francisco.

— E a vossa promessa, senhor?... E' preciso que o veja aquella de quem ahi se falla, para que o desminta!...

— D. José, trazei aqui vossa irmã!...

— Com vossa permissão. *Primò*, julgo eu que

resolvido se desse ao desprezo este escripto, entende-se todo o conteudo seu : portanto desappareceu o motivo e a necessidade deste passo, sempre difficil para uma donzella angelica e de tanta pureza como D. Ignez. *Secundó*, mostrar-lhe tal papel seria po-la em ancias por pessoas que lhe são tão conjunctas, como pai e irmão, e outra que o será em um anno !...

— Ponderais bem, Fr. Carlos : mas já que esta occasião se apresentou ouça eu o que ainda não ouvi daquella que tem de ser minha esposa, occulte-se-lhe embora todo o occorrido.

D. José sahiu para cumprir a ordem do pai. Achou Inezita na varanda, recostada á penumbra, e olhando tristemente o céo : ao approximar-se, a menina estremeceu, e seu olhar angustiado cahiu-lhe sobre a mão direita, correndo como uma faisca electrica ao longo da espada. Procurava esse olhar ali o vestigio do sangue de Estacio?

— D. Ignez, vosso pai vos chama !

A menina seguiu authomaticamente para a porta, depois de ter feito um gesto de assentimento com a fronte.

— D. Fernando de Athayde deseja ouvir de

vossa propria confissão, minha irmã, que respondeis aos sentimentos que lhe soubestes inspirar !...

— E porque o não dissuadiste, meu irmão ?... respondeu a donzella voltando-se com uma dignidade serena para o alferes.

— Porque ? replicou o alferes com um máo sorriso. Porque um besouro lhe zumbiu aos ouvidos que sem o consentimento dos vossos tinheis dado a outro o vosso coração. Ora si isso fosse verdade esse feliz seria hoje mesmo um homem morto ! Mas não é verdade !... Tenho disso toda a certeza !

— D. José, mal conheceis vossa irmã si cuidaes que ella seja capaz de comprar com uma mentira a vida daquelle a quem ama !...

E soberba e rainha, na sua altiva resignação, assomou á porta da sala onde a esperava seu pai. O frade adiantou-se como para recebe-la, e ao passo que lhe dava a mão a beijar, murmurou-lhe baixo estas palavras :

— Filha, ha segredos que só no confissionario se revellam !...

D. Francisco de Aguilar dirigiu-se á filha com certa severidade :

— Vosso pai vos ordena, D. Ignez, que em

presença de vosso futuro esposo confesseis a verdade dos vossos sentimentos á seu respeito? E' de vossa livre vontade que recebereis sua mão e seu nome?...

— Ordenais, senhor; devo obedecer-vos sem hesitar. Darei minha vida á quem escolhestes, de minha muito livre vontade, porque a dou a vós, de quem a recebi eu.

— Estais satisfeito, D. Fernando?

— E o vosso coração, mereço-o eu?...

Inezita callou-se:

— Fallai! disse o pai.

— Mereceis, senhor D. Fernando, melhor do que este coração ingrato e desleal, pois si roubou ao seu dever para dar-se á um infeliz como elle!...

— Que proferis, ingrata filha?

— A verdade, como ordenastes, senhor! Este orgulho podeis ter, que nunca vos mentirá vossa filha!

— Quem foi o seductor infame?

— Seductor, si o houve, foi Deus sómente...

— Não blasphemeis, D. Ignez.

— Deus que nos reuniu quatro vezes, uma para que me salvasse elle, e todas para que lhe pozesse

eu a vida em risco, quiz que por gratidão e misericordia o amasse!

— Como se chama?

— Sim, o nome?

Inezita pôz os olhos no céo, e entreabriu os labios para que exhalasse o nome querido entranhado no mais profundo de sua alma. Um grande rubor invadiu-lhe subito as faces, que arderam; refluindo deixou uma grande lividez impressa nas feições.

Desmaiara.

II

Como naquelle tempo se fazia opposição ao governo.

Reboava o carrilhão do Collegio.

O povo affluira em massa á festa de Reis que celebravam os Padres no seu mosteiro. As ruas estavam enramadas de palmeiras e florões, e a praça toda apavesada de flamulas e galhardetes. A artilharia montada na cerca jogava de meia em

meia hora ; a armação da igreja excedia na riqueza e primor, quanto se tinha visto mesmo em Portugal.

O orgulho dos jesuitas não podia consentir que passasse sem protesto o regosijo dos nobres e senhores de engenho pela chegada do novo Governador. Aproveitando o pretesto do dia de Reis que vinha logo em seguida, resolveram dar tambem a sua festa ao povo bahiano e eclipsar no sumptuoso das galas e ornamentos, bem como na concurrencia, a ceremonia religiosa da cathedral.

O P.e Gusmão de Molina approvou a idéa, e foi em commissão com o Provincial e o Reitor pedir a D. Diogo de Menezes a honra de sua presença ; admirou-se o Governador do estranho proceder, que denotava mudança de tactica do adversario ; e suspeitou que o motivo occulto desse passo era apresenta-lo aos olhos de El-rei, como intolerante, caso não comparecesse elle conforme de certo esperavam. O que porém resolveu D. Diogo á ir foi o lembrar-se da ausencia do Provincial na Sé em dia de anno bom ; tinha por indigno do seu caracter, como de seu cargo, mostrar que o offendêra semelhante acto, e retorquir por igual modo.

A fidalguia, com excepção dos poucos amigos e devotos da Companhia, não appareceu ; em compensação o popular, que uma parte era pelos Padres e a outra pela festa, apinhava a igreja e o terreiro. Muita gente viera de todo o reconcavo ; e muita ainda estava chegando para o fim da ceremonia.

Já a missa cantada havia começado : Fernão Cardim officiava ; o Reitor tinha a epistola e o P.e Figueira o evangelho. O côro dos noviços e estudantes regido pelo respeitavel Manoel Soares, correspondia á reputação musical de que merecidamente gosava a casa provincial do Salvador, desde o tempo do P.e Navarro, o Orpheo christão. Não obstante o nosso Bartholomeu Pires, de corpulenta memoria, mui digno mestre de capella da Sé Cathedral, nesse momento ao lado do seu inseparavel amigo Vaz Caminha, achava muito que dizer á execução.

— Ora, vede senhor licenciado, como agora affouxam o compasso, para outras vezes estica-lo que parecem vão á toque de marcha !...

— São invenções de canto moderno, mestre Bartholomeu !... respondia o advogodo mansamente !

— Bem sei; mas não me parecem bem na musica de igreja; para salas e terreiros, não digo que não!... E as vozes, achaes que sejam bem afinadas umas por outras?

— Podiam ser mais, e o seriam, si fossem regidas por certo mestre de capella do meu conhecimento.

— Haveis de dizer-me o seu nome! acodiu o musico expandindo-se como um repolho.

Nesse instante entrou uma dama de preto, coberta de mantilha e véo espesso, que ao passar enviou ao advogado uma ligeira saudação da fronte. Seguindo com os olhos o passo airoso e a ondulação do talhe elegante, o advogado reconheceu atravez das rendas a sua formosa cliente da rua de Santa Luzia. Era com effeito D. Dulce que vinha á festa impellida por uma irresistivel tentação.

Desde o instante em que vira seu marido sob o habito negro de Jesus, a infeliz senhora tinha, como confessara ao doutor, momentos terriveis, em que sua alma queria revoltar-se contra a religião que lhe arrebatára o objecto de seu amor, a outra metade viva dessa metade morta. As vezes até blasphemava no delirio de sua paixão desgraçada; e exprobrava ao Senhor ter-lhe tomado

o esposo que lhe dera, e quebrado a união que santificára. Depois essa febre passava ; a coragem lhe desfallecia : mas ficava no coração um odio profundo e intranhado contra tudo que pertencia á ordem de Jesus. Si então ella recebia o P.e Reitor, era por uma especie de goso da vingança, para zombar da argucia do religioso, e aguçar nelle a cupidez do ouro, que contava frustrar á final. Deleitava-se em tantalisar o frade.

Outras vezes porém Dulce sentia passar em si uma cousa extranha, revulsão terrivel do seu ser. O coração como que inchava, inchava a ponto de estalar ; o amor que espadanava de todos os poros a enchia por tal fórma que a raptava á si mesmo e á sua rasão. Ella via diante de si um vulto humano, trajando habito negro, e precipitava para elle ; o enlaçava em seus braços ; esmagava-o de beijos e o affagava de delicias. Nesses momentos como que um mar immenso de amor a innundava, tal era a potencia com que sua alma se derramava. Tudo que lembrava a ultima apparição do esposo, a igreja da ordem a que elle pertencia, a roupeta que trajava, o nome que trazia, tudo exercia sobre ella uma attracção irresistivel ; a tudo ella amava.

Naquella manhã teve Dulce um desses momen-

tos. Espertára ella e repassava os amargores da sua vida, quando as vibrações graves do bronze repercutiram no seu coração, como échos de vivas recordações. Lembrou-se do dia que era ; conheceu qual sino reboava assim, e levada de um assomo incomprehensivel tocou-se e adereçou mui ligeira, sem mesmo chamar a velha Brazia. Esta só appareceu quando já estava prompta, e foi pôr os olhos nella e exclamar levando as mãos á cabeça :

— Virgem Maria Santissima, será verdade o que vêem estes olhos !.. A dona ataviada para sahir !

— Que espanto é esse, Brazia ? Iremos á missa do Collegio !...

— Santo Breve da marca ! Com a igreja atopetada de gente como ha de estar ! Si por estas bandas retiradas anda o povo em pelotões, que não será no terreiro !... E então a dona que não tem costume desses apertos !...

— Pois arranjai-vos logo para que mais cedo cheguemos !...

— Mas attenda a dona. Sempre é bom tomar conselho do Reverendo P. Reitor ?... Não custa ; vou lá e torno aqui, em menos de uma *ave*.

— Não careço de conselho para ir á casa do

Senhor! Cuidae de preparar-vos para acompanhar-me.

O tom severo destas palavras desconcertou a velha. Ella começou á girar na recamera toda atarantada, até que descobriu um imperceptivel senão no toucado de Dulce: tratando de corrigir esse defeito, taes cousas fez, que a dama foi obrigada a toucar-se de novo. Mas quando chegou a occasião de trajar-se ella para a festa, só uma paciencia de santo a poderia soffrer. Agora faltava a saia preta que as almas lhe tinham carregado; depois o cabeção de sahir que o tinhoso por pirraça lhe sumira; logo eram uns flatos que lhe atacavam a ilharga, ou umas caimbras mesmo na sola do pé, que não lhe deixavam pisar no chão!...

A principio Dulce acreditou na realidade desses repentinos accidentes; mas o talento com que a velha Brazia os improvisava, foi justamente o que os perdeu, porque a coincidencia de tantas contrariedades na mesma hora, despertou a desconfiança da dama: ella reparou na servente e lhe pareceu que havia ali mais caretas e tregeitos que dores reaes:

— Então, Brazia, vindes vós á final?...

— Bem estou rogando aos meus santos que me valham !... Mas já por duas vezes que acommetto de andar e não posso comigo á dar um passo !... Ui ! ui ! ui !... Cá estão ellas, as caimbras mofinas, que são molhos de alfinetes me crivando de umas dôres finas !...

— Pois fica-te socegada, que eu me irei acompanhada de Lucas !

E sem mais sahiu a senhora da camera, e foi á cosinha para cumprir o seu dito ; logo apoz a velha Brazia ergueu-se, e pé ante pé a seguiu de longe ; quando viu que não havia meio de impedir que a moça fosse ao collegio naquelle dia, resignou-se, e tomando seu partido apresentou-se na porta embiocada na mantilha. Para de alguma fórma disfarçar a sua rapida e milagrosa cura, manquejava ainda do pé, e trazia do canto de cada olho pendurada uma lagrima.

— Oh ! que milagre, dona ! Foi agarrar-me com o angelico S. Antonio, e as dores applacando, applacando !...

Fôra esse o motivo por que Dulce chegara á igreja depois de começada a ceremonia : ao sentar-se ella no estrado de um dos altares lateraes, reparou que Brazia não estava ali junto, e

suppoz fosse o aperto da gente que a tivesse perdido della. Enganava-se porem; a velha, veterana de festas e procissões, furou como um mergulhão as ondas do povo, e ganhando a nave, enfiou pela escada do convento acima. Foi-se ao primeiro leigo que encontrou e disse-lhe em grande alvoroço:

— Senhor meu devoto, levae-me já nesta hora ao Rev. P.' Molina!...

— Não póde ouvir-vos agora, mulher; pois já está recolhido na camera do pulpito para o sermão que vae entrar!...

— Si foi elle proprio quem mandou-me o buscasse neste agorinha! E' mesmo pelo sermão!...

O irmão Beanardo olhou desconfiado para a velha; mas esta levando a mão ao peito fez um signal cabalistico, que dispoz favoravelmente o leigo.

— Vinde, irmã.

O porteiro guiou a velha até defronte de uma portinha de tribuna; ás pancadas miudas e continuas da Brazia perguntaram de dentro quem batia.

— Uma devota da rua de Santa Luzia!...

A porta abriu-se logo: dentro do cubiculo

estavam duas pessoas: o Visitador e um frade moço que acompanhava lendo em um rolo de manuscripto a declamação do pregador. Fôra o P.e Molina quem abrira o postigo, e reconhecendo a velha sahiu fóra para ouvi-la. Brazia derrubou-se impetuosamente de joelhos aos pés do jesuita, batendo nos peitos lamentando-se clamando misericordia, e engrolando com estas lamurias a narrativa do que era passado.

— Então ella está aqui?... disse o P.e Molina com uma voz surda.

— Não houve forças, Padre meu, que a despersuadisse de vir.

O Visitador reflectiu um instante.

— De que lado está ella?... Quero ve-la.

— Deste lado da Epistola, mesmo aos pés do altar do Santissimo!

O frade serenou.

— Bem; tornae á igreja; e si a virdes muito afflicta fareis que a levem á casa sem tardança.

A velha beijou a manga do sacerdote; e desceu ao corpo da igreja á busca de Dulce. Descarregada a consciencia do peso que trazia, Brazia restituida ao seu beatismo, palpitava com a lembrança do proximo sermão.

O P.' Molina logo no seguinte dia ao da sua chegada, encontrando-se por tarde com o Reitor, communicou-lhe que tomava ao seu cuidado o negocio da mysteriosa dama de que se tratára na vespera em capitulo.

Assim se explicam as entradas da Brazia com o Visitador, que ordenára-lhe empregasse traças para desviar a moça de ir ao collegio naquelle dia, especialmente por causa da pregação ; como essa devia ser fôrte em demasia , podia abalar muito a alma da senhora e move-la ao pranto e lamentação de suas passadas desditas. Ora a velha servente, condemnada a perder o famoso sermão , não cabia em si com o contentamento de o ouvir e commentar com alguma comadre que por ali achasse á geito.

Varando entre a pinha de devotas, chegava ao lado de Dulce e encolhia-se para acommodar-se no cantinho que lhe fizeram as outras conchegando-se ; quando foi ouvido um borborinho que fazia o povo empurrando-se com murmurações descontentes, mas contidas pelo respeito do lugar.

— Já se viu isto?... exclamava toda arrebitada a tia Eufrasia. Vir á igreja como uma emparedada, á tomar largas aos mais!...

— Ella que se esconde, não é boa cousa!... respondia o Anselmo.

— E mesmo!... Já lhe os peccados sem duvida arrebentaram em lepra pelo corpo.

Adeante, mestre Braz, acochado pelo mulherio resmungava:

— Quem vem por derradeiro, que fique á porta!... E não incommode os mais!...

Passava a Joaninha, que voltou o rosto zombeteiro:

— Usaes isso na vossa bodega, senhor Braz?.. Cuido eu que não, pois os que mais tarde chegam, são que mais lá dentro vão!...

— Cuidae mais de vós, rapariga, e menos do proximo, para que deixeis em paz as más linguas!..

— Em paz estão ellas, só taberneiro de meia cara, dês que as pondes de molho na vossa espelunca de judeu!...

O Braz ia responder quando um soco bem applicado nas costellas o derreou:

— Cala esta boca de excommungado, mercador de zurrapa!

Esta exclamação e o soco que a precedeu foram obras de misericordia de Gil: quando o taberneiro voltou a si da dôr já o travesso pagem

estava longe ao lado de Joaninha, que o encobria com a vasquina.

Emfim até o mestre Bartholomeu, apesar da attenção que dava ao côro, foi distrahido pelo rumor e agitação do povo, e notando a causa não pôde deixar de dizer para o licenciado:

— Pois tem geito isto?... Pôr em alvoroto a gente toda por causa de um, e no meio do côro!...

— Alguma dama doente, sem duvida!...

— Na cathedral, senhor licenciado, não se vêm dessas cousas.

Ora a causa de todo esse reboliço era um palanquim fechado completamente, á não serem as frestas da rotula dourada que formava duas sanefas por banda. Ao chegar á portaria, logo desceu um frade, que depois de algumas palavras em voz submissa trocadas atravez da persiana, guiou os portadores pela igreja dentro pedindo aos devotos que se afastassem para deixar passar a dona que chegava, senhora de muito valimento e maior humildade, que assim vinha á festa por virtude de um voto. O palanquim avançava lentamente, e por onde passava ia levantando as protestações que se viram; peior foi quando chegou

aonde devia ficar justamente junto ao altar do Santissimo.

As devotas que ali estavam tiveram de erguer-se e ceder o lugar. Umas ahi mesmo se acommodaram á trouxe e mouxe, e em posição menos decorosa para damas sisudas. Dulce preferiu sahir, e ia-se retirando para a porta, quando Vaz Caminha apercebendo-se, acodiu-lhe a ponto. O advogado recorreu aos bons officios e aos formidaveis quadris do seu amigo Bartholomeu.

— Não poderieis, mestre Bartholomeu, acommodar n'algum canto aquella dama, a quem tiraram de seu lugar?

— Por dar-vos gosto, senhor licenciado, o que não farei eu!... Venia, senhores meus, para uma dama!...

O mestre de capella acompanhou o aviso de um tal sacoteado de ancas, que abriu logo brecha na turba multa. Achegando-se á Dulce o advogado ergueu-se na ponta dos pés para murmurar-lhe perto do ouvido:

— Este amigo vai levar-vos á bom posto para gosardes o resto da festa. Segui-o, senhora.

— Deus vos recompensará tanta bondade;

doutor! Melhor porém é ir-me á casa, pois sou de mais aqui.

— De modo algum, D. Dulce; por minha parte não consentirei nessa descortezia de faltar-se com o devido ás damas, e sobretudo em lugar onde ellas são recebidas á titulo de anjos!...

A moça meio rendida á fineza do advogado, seguiu a trilha que deixava o mestre Bartholomeu, e chegou assim até o ultimo retabulo do lado do evangelho: ahi havia entre as beatas um tocheiro que o Pires tirou para dar lugar á dama, e foi de mão em mão para junto de Gil. O pagem trepando no pedestal abraçou-se com elle e pôde assim gosar da festa por cima da cabeça de Joaninha, que não tinha onde sentar-se.

— Olhai, Gil, quem está ali? dizia a mulatinha?...

— Onde, Joaninha?...

— Deste mesmo lado, perto da cadeirinha!...

— Ah! Tiburcino!

— Não!... Aqui pelo beque da tia Eufrasia, antes de chegar ao condestavel do S. Alberto!...

— Vejo, vejo, rapariga! O senhor Estacio!...

— Não te parece bem mais contente que estes dias passados?...

— Destes contentamentos livre-te Deus, Joaninha !... Riso por fóra, e por dentro facadas !

— Ai ! amores, amores ! Rebentam em flôres, o fructo são dores !... disse a mulatinha sorrindo e suspirando ao mesmo tempo.

Nisso o pagem descobriu perto o Braz :

— Olél Queres ver, Joaninha, um riso gostoso?..

— Aquieta-te de uma vez, Gil !...

— Espera um tantinho !... Elle vai chiar como carrapeta.

O menino lesto desceu do tocheiro, e chegando á parede, conseguiu, pondo o pé no plinto da columna de marmore, suspender-se até a altura da arandela. Ahi com o disfarce de ver melhor foi torcendo um brandão de modo á po-lo sobre a cabeça do Braz ; feito o que voltou ao seu lugar e esperou o resultado da travessura. Momentos depois os pingos de cêra fervendo cahiam sobre a mão do taberneiro, que repinicou de dôr.

— Arre ! casmurro !... Vê, Joaninha, como elle chora pitanga... Ao menos esta semana, quando aperreares o pobre do Martim, has de lembrar-te de mim !..

— Arrenego do taberneiro !...

Tambem outra pessoa já tinha descoberto o mancebo ; D. Marina.

Estacio não tinha realmente no semblante a tristeza profunda em que o sepultára a nova do casamento de Inezita, e a idéa de perde-la para sempre : na sua phisionomia, como na sua attitude, o que logo se notava, era a expressão firme e energica do homem que tomou uma rosolução decisiva, e espera a hora de realisa-la, indifferente á tudo o mais que passa em torno. E a sua alma e vida que dependiam todas daquelle acontecimento futuro, derramavam-se ás vezes no brilho de seus olhos, no fogo de sua tez, em assomos de esperanças risonhas, que enfloravam então um sorriso nos seus labios. Outras porém refluiam ao coração, e repassando-se ahi de uma melancholia doce e altiva, resignação dos caracteres fortes, vasavam no olhar que dirigia á divina magestade, e no qual punha a seus pés, como em holocausto, a sua vida.

O moço chegára ao terreiro, quando passava-lhe diante para a igreja a cadeirinha mysteriosa : e como seu caminho era o mesmo, a foi seguindo até a igreja. Embora não lhe desse mais attenção do que qualquer outra pesssoa, metten-

do-se ella naturalmente pelos olhos, viu sahir pelas rotulas dois dedos mimosos, como jasmins, que se moveram com extrema vivacidade, á modo de que chamassem alguem. Volveu o moço a vista para conhecer a quem era feito o aceno, e tornando á cadeirinha, os dedinhos que se tinham deixado ficar bem quietos, recomeçaram com a mesma ligeiresa ; de repente desappareceram arrebatadamente em risco de se magoarem.

Este brusco desapparecimento não escapou á Estacio, que logo o combinou com outras circumstancias por elle observadas ; a de se terem os lindos dedos mostrado da parte occupada pelo assento de diante, e quasi rente com o estrado.

— São duas pessoas, pensou o moço ; naturalmente mãi e filha. Foi esta quem passou os dedos ás escondidas por entre as dobras da vasquina, e os recolheu de chofre com medo que a velha se apercebesse !...

Os espiritos do cavalleiro alvoroçaram-se. Viera elle tão descançado da idéa de ver Inezita nessa festa, e tão convencido da impossibilidade de tal acontecimento ! Mas eis que um simples gesto gerou em sua alma uma esperança louca. Pare-

ceu-lhe immediatamente provavel, o que á pouco considerava impossivel. O misterio do palanquim cerrado, e ainda mais as palavras allusivas á dama enferma que proferira o jesuita na porta, lhe davam rebate no coração. Resolvido pois a decifrar aquelle enigma, acompanhou a cadeira, e collocou-se perto della no corpo da igreja.

Apoz elle enfiou Tiburcino, que o seguia de longe, e postou-se de modo a não perde-lo de vista. O magarefe tinha descoberto a Joaninha, mais longe, no extremo do arco que descrevia naturalmente o seu olhar, o qual começou immediatamente á oscilar da direita para a esquerda, de Estacio á rapariga, com a regularidade de um pendulo. Assim notou elle quando esta mostrando a Gil o cavalleiro, lhe reparára attentamente no semblante; os ciumes accenderam mais violentos n'alma do pobre carniceiro, e afuzilavam nos olhos com um fogo sinistro.

Joaninha voltando então o rosto para ver o seu infeliz enamorado, notou aquelle estranho lampejo que sahia da pupilla do magarefe e parecia mesmo de longe chamuscar a tez delicada do cavalleiro. Acodiu-lhe á mente a noite de anno bom, e a palavra rouca que o magarefe soltára na praça

do palacio ; e a esta lembrança sentiu correr-lhe um calafrio pelo corpo.

Fez-se nesse momento um grande silencio no vasto ambito do templo.

A attenção do povo derramada por tantos assumptos varios recolheu, e pairou na espectativa de um acontecimento importante. Os olhares todos voltaram-se para um só ponto da igreja, emquanto os labios mudos entreabriam-se, não para a palavra que os desertara, mas para a anciada respiração.

No quadro do pulpito acabava de apparecer a figura solemne e inspirada do pregador. Sobre o busto negro, aquella mascara pallida e ascetica ressumbrava magestade terrivel. Os olhos fugidos pelas orbitas, pareciam submergir-se nas profundezas daquelle vasto espirito, para arrancar d'ali, como das entranhas de um volcão, a lava incadescente do olhar. Pela abobada da fronte vasta e proeminente as oscillações dos cirios proximos jogavam ondulando, como um reflexo do que se passava dentro, onde as idéas deviam pullular assim.

A mão branca, longa e descarnada, surgindo da larga manga do habito, vibrou o gesto, como

o raio que se desenvolve da caligem densa de uma nuvem. A voz possante e arrebatada troou pelas abobadas do templo augusto, onde meio seculo depois devia echoar a palavra eloquente de Vieira. Quem sabe? Talvez a essa hora ali estivesse elle, infante ainda no collo materno, escutando seu predecessor e emulo.

O pulpito era naquella epocha a unica tribuna do povo; e o sermão tinha no labio de um orador eminente grande importancia politica: era a voz do povo fundindo-se na voz de Deus.

A liberdade não perece nunca, porque a liberdade é a essencia da alma immortal; a todo o tempo e em qualquer região, opprima embora o despotismo a grei humana, depravando a creatura racional e clausurando as nobres aspirações da intelligencia; procurai a liberdade nessa treva espessa, que a achareis em alguma parte; si não for na superficie da terra, será foragida nas catacumbas de Roma, ou voando ao céo, a abrigar-se na eternidade, como o espirito dos primeiros chistãos atirados barbaramente em pasto ás feras, e a alma dos martyres de 1817 immolados aos ultimos paroxismos do despotismo portuguez.

Emquanto ella acha um ponto onde se incarne, não abandona a terra; ás vezes é na lança do barbaro godo ou na ponta da valente espada do cavalleiro da idade média; outras no pelouro das communas, nas dobras da beca do juiz, ou ainda da toga do advogado: algumas já appareceu nas trovas populares, nos motes e chacotas de ruas, nas obras de arte. Ao tempo desta historia abrigara-se nos claustros, e trajava a sotaina e o burel. Era a epocha em que Bossuet admoestava do alto da cadeira sagrada a poderosa magestade de Luiz XIV, e Vieira censurava os reis e satyrisava os ministros.

O P.e Molina, conformando sua predica com o assumpto do dia, tomara um thema vasto, sobre o qual a sua intelligencia ousada e brilhante podia discorrer livremente. Foi com uma intonação lenta e grave, que de seus labios cahiram á uma e uma, sobre a multidão submissa, as palavras biblicas, acompanhando-as de um olhar tão estatico e fixo no solio do governador, como si tivesse ali incarnadas na pessoa de D. Diogo todas as realezas do mundo:

— *Audite ergo reges et intelligite, discite judices finium terra.* Ouvide pois, reis, e com-

prehendereis ; aprendei, juizes dos confins da terra! E' do livro da sabedoria, cap. 6.°, v. 2.°

Houve uma breve pausa ; recolheu o olhar e a severa expressão do semblante nos recessos d'alma : toda sua pessoa parecia convolver-se ao intimo. Instante depois a potente organisação assim refrangida e socalcada fez explosão ; erigiu-se alto o talhe e arfou o peito amplo com o dilatar daquelle espirito vigoroso. Os arroubos celestes o transfiguraram de repente em sublime apostolo ; com os olhos em extase no retabulo da adoração dos magos que lhe ficava fronteiro, começou :

— Espectaculo magestoso, tão magestoso em aspecto, como em lição profundo, é este que contempla em o dia de hoje a alma do christão !... Ei-lo, ali, no humilde estabulo, o divino infante recemnascido. Villeza de condição, pobreza da familia e fragilidade do ser, Deus Padre as dispoz de modo, que a maior alteza e poder da terra acurvasse mais baixo ainda e tanto que rojasse no esterco immundo !...

« Vêde !... aquellas tres frontes altivas derrubadas ante o vil retabulo da mangedoura, mãos no peito, joelhos no chão ! Na varia figura sig-

nificam os tres peregrinos as raças de homens disseminados pela face do globo; na corôa que os cinge a magestade humana prostrada no pó e anniquilada ante a magestade omnipotente daquelle que sómente é, porque nelle e em sua infinita bondade está quanto existe e foi creado.

« Vinde aqui, vós, a quem o Senhor poz reis dos povos, e comprehendei !... Vinde tambem vós, a quem os reis constituiram grandes e primeiros do seus subditos, para os guiar, e aprendei neste exemplo !...

« Vinde todos vós, nobres, ricos e senhores, que viveis entumecidos das grandesas, mas fofos de espirito da virtude, e humilhai-vos !

« O Senhor vos discrimina; seu olhar vos conta as cabeças erguidas, e sua ira terrivel, concitada pela justiça, não tarda vibrar o raio tremendo que ha de fulminar-vos em vossa soberba !... Curvai essa fronte impia, que desafia a cholera celeste !... »

Estrida subito pela abobada um grito vibrante, que atravessa os echos da voz sonora e cheia do pregador. Uma dama que se erguera convulsa e hirta, cahiu fulminada no pavimento, como se lhe

estalassem as entranhas naquelle grito angustiado, deixando escapar a vida. Era D. Dulce: desde o começo do sermão Vaz Caminha a vira erguer impetuosamente a cabeça e devorar com os olhos a figura do frade; uma corrente magnetica se estabelecêra entre ambos, que a attrahia irresistivelmente para aquelle vulto solemne, primeiro a alma, depois o corpo tambem. Com effeito sem o sentir fôra se erguendo por uma especie de orgasmo, e sem o querer achou-se de pé com o corpo inteiriçado e as mãos crispadas.

No momento em que o P.' Molina accentuando a sua imprecação, inclinou o rosto para ella, esmagando-a com o peso do gesto e do olhar, sua alma estalára naquelle grito estridente que fôra ouvido. O advogado seguido do mestre de capella correu em soccorro da dama, que acharam desfallecida no collo da velha Brazia e cercada por outras beatas.

O acontecimento desviára um instante a attenção geral do pulpito, e por isso desapercebido ficou o sorriso fulvo que perpassou no rosto livido do sacerdote, rapido como lampejo de borrasca. Elle remetteu-se logo, e dando á sua phisionomia uma espressão tremenda e augusta, com uma só

frase da voz solemne, evocou á si todos os espiritos e todos os olhares !

« — Grande é o poder de Deus !...

Abaixando para o corpo desfallecido da dama um olhar compungido, continuou com falla dolente:

« Sucumbistes, misera creatura, minada pela culpa, ao peso do remorso !... Cahistes fulminada ao sopro vingador da ira celeste !...

« Deus grande, Deus omnipotente, vós que armastes o braço fragil de vosso ministro, e infundistes na sua imprecação uma scentelha da vossa ira tremenda, para que tivesse a força de abalar este povo embrutecido no peccado, e penetrar o seixo aspero de seu coração ; Deus infinito de bondade, deixai cahir sobre a misera peccadora uma lagrima de vossa misericordia. Graça, Senhor, graça para esta alma, que renascerá pelo arrependimento, depois de dura expiação.

« Graça para ella, mas punição para os que presistem na culpa, punição tremenda. Assim como esta, caiam fulminados pelo raio todos os reprobos ! A sua hora está marcada ; eu daqui as vejo, essas cabeças onde o anjo vingador já sellou em caracteres invisiveis a sentença do exterminio. Tremei, vermes da terra, tremei. Não ouvides ?...

Ai, não! O tiritar dos membros e ranger dos dentes não vos deixam escutar. Mas eu ouço já o medonho susurro que se levanta nas portas do céo. E' o bulcão que vos ha de varrer, miseravel argila. Face em terra! Rebolçai-vos no pó. A maldição do Senhor desce sobre vós, como desceram sobre o povo de Israel as chammas do monte Sinai! »

Levantou-se por todo o ambito da igreja uma grande lamentação, entrecortada de soluços e prantos; a maior parte das mulheres e muitos homens cahiam com a face em terra, rojando pelo chão as frontes, ou batendo fortemente nos peitos com grandes clamores, estre os quaes destacavam estes gritos:

— Senhor, misericordia!...

— Confesso a minha culpa, absolvei-me, Padre!

Depois de gosar um instante desse triumpho, o sacerdote aplacou a tempestade que elle proprio concitára.

« — Sus!... Erguei as frontes humilhadas e preservai no arrependimento, que a graça do Senhor desceŕ ás vossas almas na benção de seu indigno servo.

Lançando com um gesto augusto a benção ao

povo reverente, o pregador arrojou-se de novo, soltando os vôos á sua eloquencia impetuosa. O P.e Molina era sobretudo orador de improviso ; os commettimentos ousados, as inspirações audaciosas, os rasgos sublimes, debalde os buscára elle no silencio da cella e na meditação e estudo : onde os achava era no pulpito, quando o arrebatava o enthusiasmo apostolico. Ahi a idéa lhe cahia do céo na mente inspirada já envolta na palavra eloquente, que ás vezes fluia, outras espadanava do labio arrogante.

O sermão escripto não era pois para o P.e Molina mais que um apontamento, ou melhor um ensaio da pregação. Delle só aproveitava de ordinario o introito ; e muitas vezes nem isso. Si a inspiração lhe chegava logo, como já havia succedido, seguia apoz ella. Nesse dia fôra a presença de Dulce que esvairára seu discurso do rumo traçado. Logo que apparecêra no pulpito, o jesuita percorrendo a igreja do olhar vasto e eminente com que os grandes oradores tomam posse de seu auditorio, viu defronte de si a filha de Ramon e a reconhecêra immediatamente apezar dos annos, pela impressão que causou nella seu aspecto.

Elle sabia a lucidez maravilhosa do olhar do

coração, do olhar amante, e tinha a prova na scena da igreja em Palos; sabia que sua voz tinha vibrações profundissimas n'aquella alma assolada pela desgraça. Não o sorprehenderam pois os signaes de pungente emoção que logo começaram de manifestar-se na feição e modos da dama. Sua feliz imaginação logo lhe apresentou o meio de tirar partido desses proprios simptomas que o podiam comprometter, conhecida a causa. Prevendo com uma justeza e alcance admiravel o que ia acontecer, prevenindo o grito que elle já via soluçar na garganta oppressa, formulou de repente aquella imprecação, que o seu gesto lançou justamente sobre a cabeça de Dulce no momento em que ella succumbia, acabando de reconhece-lo.

Todos suppozeram que o grito e desmaio da dama fôra effeito da ameaça, quando ao contrario esta era o effeito de reconhceer Dulce á seu marido. Depois aproveitou ainda habilmente aquelle accidente para um triumpho oratorio, que si por um lado lisonjeava seu orgulho, por outro distrahia completamente a attenção do acontecimento.

As beatas, chamadas á seus proprios peccados, abandonaram a pobre dama, que entregue unicamente ao advogado e á velha Brazia, foi em

braços para fóra da igreja e conduzida á casa em uma cadeirinha que se achava á ponto, como se a tivessem disposto de antemão para tal fim.

O frade, que apontava o rascunho do sermão, não conhecendo o costume do P.e Molina, embasbacou, quando o percebeu affastar-se da letra; cuidando que o não ouvisse o pregador por fallar baixo, foi alteando a voz á ponto que ultimamente já mais parecia berro, e começava a obscurecer a voz sonora do orador. Ahi o P.e Molina que descrevia á traços largos e brilhantes o quadro do nascimento de Jesus Christo e a adoração dos magos, e não podia conter a sua impetuosa eloquencia para mandar uma advertencia ao apontador, soccorreu-se de um meio engenhoso. Fez apparecer no estabulo os animaes que a crença popular pretende que annunciaram o nascimento de Christo; e mostrando como o zurro do jumento desconcertava da geral harmonia, clamou de repente, voltando-se:

— Silencio, bruto!

O frade, que recebeu esta apostrophe á queima roupa, calou-se; e o pregador continuou sem estorvo. Do assumpto religioso passou por uma transicção habil para o assumpto politico: lembrou

que esses reis da terra em adoração ao rei do céo, significavam quanto o throno dependia do altar ; e recordavam os deveres sagrados que o Senhor havia posto aos seus ungidos. Discorrendo então sobre a missão da realeza na terra, passou a tratar especialmente das cousas do Brasil e sua governança. Censurou o menos preço em que estava a religião nessas partes por culpa dos que dirigiam o povo ; alludiu com elogio ao Governador actual D. Diogo de Menezes a quem louvou a nobreza de caracter, o seu saber e prudencia de homem de guerra e de estado, lamentando apenas que tão illustre capitão arrefecesse no zelo do espiritual. Rematou a oração batendo rijo nos senhores de engenho, vampiros que sugavam o melhor do sangue de tão grande reino, e viviam chafurdados no ouro com grande escandalo da religião, roubando ao gremio da igreja um povo para o captivar.

No meio de uma peroração eloquente, desappareceu o P.' Molina do pulpito como tinha apparecido, de improviso. A multidão de carolas e beatas precipitou para o consistorio e ganhou as escadarias para esperar no seu caminho o pregador. Quando elle passou, toda aquella gente acotovel-

lava-se brigando á qual primeiro beijaria a borda do habito do santo homem, ou tocaria de perto o seu corpo milagroso. Naquelle dia e nos seguintes não se conversou entre a gente miuda outra cousa além do sermão de Reis, e do miraculoso caso da mulher castigada pela praga do santo homem.

Desde então o P.e Molina ficou em grande cheiro na cidade do Salvador; e, como o senador romano, nas dobras de sua toga, trazia o frade nas pregas da roupeta a paz ou guerra, para a cidade do Salvador. Quizesse elle, que do alto do pulpito concitaria ás armas em favor de uma causa qualquer a arraia miuda; mas o Visitador era muito prudente para tenta-lo; bastava-lhe que a convicção entrasse no espirito de seus adversarios.

III

O que havia no mysterioso palanquim.

Na confusão que operou o refluxo dos devotos correndo á sachristia para ver de perto o pregador, rareou a multidão em roda do mysterioso palanquim, e ficou-lhe mesmo ao lado um espaço de lage descoberta.

Estacio, que não obstante os accidentes da festa,

nunca desviara a attenção da cadeirinha, viu o dedosinho mimoso enfiar outra vez pela rotula, mas dessa vez bem longe de agitar-se ficou immovel, como apontando-lhe o lugar vago. Elle obedeceu e foi ajoelhar onde lhe ordenavam. Suppoz achar-se então bem perto da pessoa que o chamara; e de feito atravez dos intersticios passava um halito tepido e perfumado que bafejava-lhe a face esquerda.

Entretanto nada mais adeantava o cavalleiro, e já ia erguer-se, quando começou a ouvir um ligeiro e doce sussurro de resas proferidas por uma voz maviosa, ainda tão baixo que não se percebiam palavras. Mas logo a falla subiu de tom, e disse claramente estas palavras:

— Esperança nossa... á voz bradamos... á vós suspiramos, gemendo e chorando, neste valle de lagrimas...

Estacio conheceu que a voz mysteriosa resava a Salve-Rainha, e tão compungida que ás vezes excedia-se deixando perceber umas phrases soltas e destacadas. Applicando o ouvido para embeber-se daquella voz suave, qual não foi o seu pasmo ouvindo com um termo ainda mais claro e expressivo um trecho da oração assim invertido:

— Eia, pois, *advogado nosso!...*

A terminação das ultimas palavras foi tão distincta, que Estacio não podia duvidar. Della resultou sem duvida o travar-se dentro da cadeirinha um dialogo, de que o moço só ouviu o murmurio; depois voltou o silencio; a doce voz que resava emmudecera.

Cogitando desse caso estranho, e confrontando-o com as circumstancias anteriores do signal por duas vezes repetido, e da ultima de modo tão positivo, o cavalleiro tirou de seus pensamentos esta convicção, que ali naquelle mysterioso palanquim estava uma moça opprimida de desgostos, a quem guardavam do mundo para mais reduzi-la de um amor condemnado. Impedida pela vigilancia da mãe de divulgar sua presença aquelle a cujos olhos a roubavam, pensando rouba-la ao seu amor, usara do engenhoso expediente de emprestar da oração algumas palavras allusivas á sua posição.

Essa moça, quem podia ser, senão Inezita? pensava Estacio palpitante; e acreditava que a Virgem Immaculada, a divina Mãe de Deus, cheia de graça, lá dos céos, de onde a contemplava sorrindo de bondade, perdoara á donzella aquelle

innocente peccado de seu puro amor, que perseguido na terra se abrigava á sombra de suas azas.

Era então meio dia.

Terminara a ceremonia religiosa; ficava para a tarde a procissão, que devia rematar a festa da igreja, entrando á noite, com as luminarias e varios artificios de fogo, as dansas e musicas de terreiro.

Dous pretos robustos, vestidos ao commum da peonagem, sem libré, suspenderam o palanquim aos hombros e sahiram fóra, caminho da Sé. Estacio, cada vez mais preso áquelle enigma, o foi seguindo á distancia, e com disfarce resolvido a ver onde entrava: na portaria, como parasse um instante para ver o lado que tomava, os dedos mimosos, já tão seus conhecidos e amigos, lhe acenaram um chamado, que elle bem comprehendeu.

Logo que Estacio se dirigiu ao terreiro, Tiburcino, que não lhe tirava um instante a vista de cima, seguiu apoz, não directamente, mas rodeando por longe, ora á uma, ora á outra banda. Esse jogo por mais bem concertado que fosse, não escapou á esperta da Joaninha, á quem não

sahira da memoria o olhar torvo e máo com que o carniceiro no começo da missa chocava a sua raiva no semblante do gentil cavalleiro. Ora a mulatinha tinha suas razões para querer á Estacio, e não gostara disso; entretanto ainda suppunha que o senho do magarefe não passasse de vãs abafas, quando o nenhum caso que della fez na sahida, deixando-a para ir na pista do cavalleiro, lhe deu seriamente que pensar.

Voltou-se para Gil que a ladeava, e lhe segredou ao ouvido com açodamento:

— Apanha o cavalleiro quanto antes e avisa-o de que o seguem.

— O seguem á elle?... Mas quem?...

— Tanto basta que saiba, alfim de se ter em guarda.

— Renego eu de cachas!... Desembucha de uma vez, rapariga.

— Vae-te, que o não percas!... acodiu a alfeloeira vendo Estacio dobrar a esquina.

— Não haja cuidado, que em dois saltos o tenho fillado!... Mas diz-me tu, Joaninha, quando has de cumprir o promettido?...

— Qual promettido?...

— Pois já te não lembra, da sexta feira, prometteste dizer uma cousa ?...

— Ah ! Sei já !... Mas para que, Gil, si tu, por meu mal, não a entendes !... E' cousa que não quer ensinada, mas que vem do coração sem a gente o querer, e brota como flor de rosa, que em a cortando, mais copa e se enflora ! Adivinha lá, si és capaz !...

E a mulatinha sumiu-se n'uma pirueta.

— Ai, a tonta da rapariga ! gritou o pagem rindo ás gargalhadas ; e correndo na direcção seguida por Estacio, passou por Tiburcino que ia adeante : nessa occasião ouviu que chamavam :

— Psio !... Psio !... Tiburcino !... O' cá !...

Era Joaninha que assim chamava o carniceiro ; este reconhecendo-a estremeceu desde as entranhas até a ponta dos cabellos. Lançou ao cavalleiro um ultimo olhar aferrado como harpéo, para á elle pregar-se ; mas poder maior o acabava de soldar ao chão, que não havia forças á arreda-lo d'ali. Em pé, offegante, olhos em Estacio, ouvido na mulatinha, ali ficou aperreado, como um touro ao moirão. Sentia a alfeloeira approximar-se, e seus musculos de aço afrouxavam

como cordas bambas de um mastro roto, açoutando ao vento o madeiro.

Joaninha achegou-se, e com o seu modo mais gentil e a sua voz mais caricosa fallou-lhe:

— Onde ides assim, tão alheio, que não dás com a gente, Tiburcino? E' muito mal feito, sabeis?...

— Si não vos tinha visto, Joaninha! respondeu o magarefe achatando-se no gosto de ouvir aquellas palavras. Pois ha nada que me alheie em vos vendo?...

— Escusas não são respostas!... Pergunto-vos eu onde ides desse passo?...

— Sem rumo, si não é que algum me daes agora.

— Oh! que sim!... Vinde cá em meu seguimento! disse a mulatinha acenando-lhe com a mão travessa.

O magarefe deitou ainda uma vez os olhos para o fim da rua onde pouco havia que Estacio desapparecera, e arrancando um suspiro roufenho da peitada robusta, a si, com elle, se arrancou daquelle lugar por um esforço grande, a modo que despedaçasse o rijo laço que o cingia ao poste. E' que nesse instante lhe surdira na imaginação

aquella imagem augusta e tremenda do P. Molina, que elle vira horas antes do alto do pulpito vibrar a cholera celeste. Fervilhou-lhe n'alma um calafrio ; mas fechou os olhos e seguiu a mulatinha.

Entretanto Gil tinha alcançado o cavalleiro, e dera-lhe o aviso mandado ; mas esse não vendo pessoa no caminho, tornou ao pagem com presteza :

— Quero-me só neste instante!... Ganha o deante áquelle palanquim, e vê por onde toma!...

Não se fez repetir a ordem o brejeiro do pagem, que logo atinou com a tenção do amo. Este continuou a seguir o palanquim ; em par do postigo iam agora dois homens por banda, que se lhe juntaram ao passar o largo da Sé. Tinham elles carapuça de rebuço, que lhes cobria quasi o rosto inteiro, e reguingote comprido por baixo do qual se descobria o geito das armas, de que vinham forrados.

Quando a comitiva tomou para o lado da porta de S. Bento, si alguma sombra de duvida ainda annuviava a esperança de Estacio, dissipou-se, porque era aquelle o caminho da casa de Inezita em Nasareth. Então no céo limpido da sua

esperança lhe apparecia já de longe a deliciosa imagem da menina ; como isso se fazia, ignorava-o elle, mas tinha fé em Deus e no seu amor. Nessa occasião porem notou o cavalleiro que os acostados do palanquim se voltavam á miudo para observa-lo, de certo por terem percebido que elle os seguia com tenção suspeita e não por acaso. Um delles encostara a boca á grade e logo apoz o ouvido, naturalmente para dizer alguma cousa e receber a resposta da pessoa que ia dentro no assento de honra.

Desse momento em deante parece que tomaram elles seu partido, pois não se voltavam já tão á miudo como d'antes, mas á espaços e com disfarce. Houve porem uma manobra que não passou desapercebida á Estacio, e foi destacar-se um homem de cada banda, e ir-se deixando ficar atraz, cousa de duas braças dos outros. Ao mesmo tempo os dodos mimosos passaram pelas grades, e acenaram vivamente que se fosse. O cavalleiro sorriu e continuou sem dar mostra de occupar-se com quem ia adeante.

Já avistavam a porta de S. Bento, quando sahiu-lhes da esquina de Santa Luzia o doutor Vaz Caminha O advogado vinha da casa de Dulce

mergulhado em profunda meditação; e de certo passaria sem dar fé do cavalleiro, si não fosse o risco que correra de ser esbarrado pelo palanquim. Erguendo então a vista viu a comitiva e mais longe descobriu mal, pela cançada vista, uma figura que lhe pareceu de Estacio. Foi direito e presto á elle.

— Ia mesmo por vós, Estacio! Careço de fallar-vos!...

— Depois, mestre!... Agora não o poderei!... Esperai um instante aqui, emquanto torno.

O cavalleiro apressou o passo para desforrar o tempo perdido; e o advogado, pressuroso de fallar-lhe o mais breve, e conhecendo o que levava o afilhado assim de affogadilho, foi andando apoz na mesma direcção, pensando assim mais cedo se encontrarem, quando voltasse elle de suas cavallarias amorosas.

O palanquim passara a porta oriental da cidade, e ia agora pelo caminho do arrabalde bordado de arvoredo, e quasi deserto á essa hora de meio dia. Os dois acostados que se haviam distanciado pararam, e abrindo os reguingotes levaram mão do punho das espadas, em ordem de quem se prepara para a briga. Bem os comprehendeu Es-

tacio que se foi chegando, descuidado de seu, e como si a cousa não fosse absolutamente com elle:

— Inda que mal pergunte; mora Vm.ce destas bandas? disse um dos taes.

Não se dando por ouvido, ia o moço avante, quando o taful sacando rapido da espada accrescentou:

— Já que não respondeis áquella lingua, é de ver si tambem esta não n'a entendeis!

— Querem ver que o homem como perdeu a falla, tambem lhe afrouxou a munheca? acodiu o outro espetando no chão a ponta da espada.

Estacio com effeito não se dava muita pressa de desembainhar. Tendo comprehendido perfeitamente a manobra dos dois sequazes, que era ou faze-lo arripiar caminho, ou entrete-lo emquanto o palanquim se afastava, avaliou da força do obstaculo que se oppunha ao seu intento; na ancia de ver finar-se a esperança que o levava, lançou os olhos cheios d'alma ao mysterioso postigo, como um adeus em despedida extrema. Mas que viram elles que assim vivos scintillaram?

Atravez da grade appareceu um objecto diminutissimo, cujo não pôde divisar pela distanmais que um ponto alvo e um brilho de ouro;

depois de curta demora cahiu ao chão, sem que o percebessem os homens do palanquim. Curiosos de observarem a briga dos outros, levavam a cabeça constantemente voltada, e passaram alem, deixando apoz o objecto. Alguem mais afora Estacio bispou o acontecido; foi Gil, que á esse tempo ia por dentro do matapasto fronteiro ao postigo; e apenas o palanquim afastou-se cahiu de salto sobre o objecto e escondeu-o no bolso do calção.

O acto da mysteriosa dama do palanquim e o feito de Gil foram tão rapidos, que á ambos bastou o só olhar relanceado por Estacio, emquanto elle recuava dois passos, para desembainhar a espada. Houve uma revolução no seu espirito, pois o ferro já quasi todo nú, deixou-o de novo cahir na bainha, e disse voltando as costas aos mariolas sorpresos:

— Ide-vos em paz, pobre gente; ganhastes bem o salario!...

Os tafues embasbacados não tiveram que retorquir, pelo respeito que naturalmente punha nelles aquelle tom nobre e superior; viram immoveis o mancebo afastar-se em direcção á cidade, e voltaram á reunir-se aos companheiros, não sem

reparar si acaso tornava o moço á sua insistencia de segui-los. Não viram elles porem que Estacio na primeira curva do caminho ganhara o arvoredo, e virando de rumo fazia um rodeio para cortar o caminho á comitiva, e encontrar-se com Gil, que de longe cantarolava um villancete de sua invenção para dar-lhe signal.

De feito á poucos passos apressados, d'entre o matapasto surdiu o pagem com o riso nos labios e o mysterioso objecto na mão:

— Ahi o tendes!... Vou-lhes no encalço!.... Depois vos direi.

O cavalleiro, sem parar da batida em que ia, examinou o objecto. Era esse uma figurinha de ouro lavrado, como naquelle tempo usavam trazer as damas, muitas e de varia feição, em molhos pendentes do bracelete: quaes representavam emblemas da religião, armas e galanterias; quaes vultos de homens ou de animaes de todas as castas. Aquelle que Estacio examinava era a imitação do calix da Paixão e em torno delle estava atado um pedaço de finissima olanda.

Que significava tudo isso?...

Era sem duvida um enigma, que desafiava a perspicacia do intelligente cavalleiro. Desatando e

abrindo a estreita tira de olanda, conheceu elle que a tinham rasgado da ponta de um lenço de fina lençaria, e descobriu ali bordadas duas lettras de marca — *E. P.* Que lhe enviava porem Inezita nestas duas iniciaes de palavras occultas, e nesse emblema arrancado ao seu bracelete? Eis o que não podia elle adivinhar, apezar dos esforços de imaginação gastos em fantasiar mil versões, cada uma mais absurda.

Então percebeu pelo estrupido dos pés, que a comitiva se afastava do caminho de Nazareth, tomando para o lado do Brejo. Foi um raio de luz, que fuzilou no espirito. Era Elvira de Paiva quem ali estava encerrada naquelle palanquim; suas as iniciaes do lenço; naquelle emblema do calix ella mostrava a sua afflicção por conhecer a sorte de Christovão, de quem não sabia se vivo era ou morto. Estacio recordou-se das palavras da Salve-Rainha na igreja, e só então comprehendeu o seu verdadeiro alcance, e a delicada allusão que lhes dera a moça referindo-se á sua amizade por Christovão.

— Como serenar aquelle misero e triste coração?... interrogou o moço á seu espirito.

E avançou mais rapido ainda. Chegou a tempo em que a comitiva parada á beira do fosso, espe-

rava que abaixassem a ponte. Gil, adiante, no prolongamento do caminho, derrubava um ninho ás pedradas.

Beirando o vallo, entre o limo e as plantas rasteiras que cobriam a ribanceira, pareceu ao cavalleiro que resvallava ali imperceptivelmente uma fórma de serpe, mas de grossura descommunal. Pouco reparo fez porém dessa circumstancia ; tinha então cousa que mais o occupava.

Tocava o palanquim o terreiro da casa, quando chegou ao cabo da ponte o cavalleiro. Os acostados de D. Luiza, que o viram com espanto approximar-se, suspenderam a ponte ligeiros, cuidando que o moço queria atravessa-la. Mas outra era a sua tenção : elevando a voz de modo a ser ouvido distinctamente, atirou aos mariolas estas palavras :

— Estaes marcados, tredos ! Aquelle que escapastes de assassinar está salvo e quasi são dos golpes que lhe destes á traição. Breve recebereis a vossa esportula, miseraveis !

Aqui deu o cavalleiro mais forte entonação á voz :

— Portanto, estai álerta !...

O dedo de Elvira annunciou a Estacio que ella o comprehendêra. A cadeirinha entrou em casa ;

apoz Baptista e os companheiros, a porta foi logo fechada ; e aquella morada voltou ao encerro e tristeza, que lhe dava aspecto de claustro, ou melhor, de alguma dessas habitações legendarias que a crença popular tinha por mal assombradas.

O cavalleiro voltou sobre os passos acompanhado pelo pagem :

— Vêde, senhor Estacio, a tamanha coruja !... Safa !... Cada olho que arregala !...

O rapazito apontava para a ramada embastida de uma grande arvore alto-copada. De feito entre a folharada percebia-se um vulto cujas fórmas não se podiam bem distinguir, já pela sombra que ahi reinava, já pelo encolhido e abolado dos varios membros. Sim, viam-se perfeitamente dois redondos olhos negros, esbugalhados como carbunculos, que luziam á instantes, e logo cerravam-se preguiçosamente com a somnolencia diurna propria das aves de rapina.

Da primeira inspecção aquella coruja pareceu ao cavalleiro irmã da cobra que á pouco vira deslisar á beira do fosso ; e uma, como a outra, lhe pareceu suspeita. Mas elle tinha outra cousa em que pensar, e nada havia naquelle accidente que lhe excitasse a attenção. Proseguiu á en-

contrar-se com Vaz Caminha, que devia estar farto de esperar. Encontrou-o logo adeante, ainda no arrabalde, sentado á borda do caminho, n'um cómoro de relva.

O advogado, com as perninhas cruzadas sobre a canna e o queixo apoiado no polegar, tirava á final as provas á larga meditação, e ruminava um plano, que o occupava desde anno bom.

— Aqui me tendes, mestre!... Escusai si vos fiz esperar.

— Nada fez ao caso senão bem, pois deste-me tempo de amadurecer melhor o fructo da cogitação. Fazia de conta ir á vossa casa; mas já que vos encontrei, aproveite-se a occasião, mesmo porque qualquer demora seria nociva.

— Quereis que fiquemos aqui?

— Busquemos lugar mais descampado e nú de arvoredo, onde se não possam esconder ouças curiosas.

Desviando á direita, acharam sitio conveniente n'uma christa do outeiro coberta apenas de raro capim; sentaram-se ambos, voltando o rosto ao mar, e discorrendo com os olhos a bahia que se desdobrava em baixo como um tapete de veludo azul recamado de estrellas de ouro e flores de prata.

— Antes que tudo, domingo é o dia em que partireis para S. Sebastião.

— Domingo?... Por que navio?...

— Agora o sabereis. Essa difficuldade foi a primeira que se me antolhou. Nem podieis esperar que houvesse embarcação para aquelle porto; nem por terra era a viagem para tentar sem grande comitiva e maior demora. Então me acodiu uma boa idéa, e sobre ella concertei o plano da vossa ida. Fallastes-me de um canoeiro por nome Esteves, si me não engano?... E' rapaz seguro, em quem se confie?

— Estou que elle fará por meu respeito quanto puder!..

— Outro ponto. Tendes á mão um homem decidido, que vos acompanhe nesta empreza?...

— Quanto á isso, ninguem! O unico amigo meu, alem de não ser para cousa desse jaez, não o poderia agora, pois a enfermidade o tem de cama.

— Para o que é não se carece amigo; basta que seja homem de prol e resoluto. Essa parte deixei ao vosso cuidado, como mais entendido em cousas de esforço e contenda, do que um velho podão que sahiu dos coeiros para o enfronharem

na garnacha. Buscae o vosso homem ; tendes para isso dois dias ; o soldo que for convencionado fica á minha conta.

— E' o que faltava, privar-vos do vosso em proveito alheio. Não bastam já os cuidados que vos dou ?

— Eis o que si já não é, frisa com a ingratidão, filho. Pois vós, Estacio, me sois alheio, vós que eu trouxe nestes braços nunca abertos á outra alguma creança ! .. Que terá então o pobre velho de seu e proprio, si o que mais dentro d'alma tem, assim o renega e se põe fóra delle?...

— Basta, basta, mestre, não ha fugir á vossa bondade, bem vejo, sem magoar-vos no intimo. De resto toda a razão está de vossa parte ; disponde de mim como de cousa muito vossa !

— Ora bem ! Na vespera ha de ficar dentro da canôa a porção de mantimentos que eu tenho em casa já ordenada, e foi comprada aos poucos para não dar rebate. Ao domingo, quando forem tres da tarde, o Estevão tomando o outro que assoldardes, irá em ares de pescaria postar-se fronteiro á Barra.

— Emquanto isso, que farei eu, mestre ? Por que me deixaes em terra, si é força que parta ?...

— Não vos deixo tal, pois muito antes, por manhã, dita a missa da Sé, iremos ambos com mestre Bartholomeu Pires á sua ilha da Maré, para onde nos convidou com uma peixada, a cujo effeito terá na Ribeira disposto um barco, dos muitos que possue. Uma vez lá, escolhereis entre esses o que melhor vos parecer para a empreza. Quando formos na volta da tarde, que o sol comece á descambar, aventarei a idéa de um passeio sobre a agua. Irei eu de companhia com o Bartholomeu em um barco, e vós no tal que escolherdes com vosso pagem. A monção agora é boa, tomareis o leme e...

— O resto comprehendo. Faço-me de vela, e vou mar em fóra, rumo de S. Sebastião. Ao passar por Esteves, tomo-o a elle e ao outro a meu bordo com o mantimento. Si os remeiros resistirem, ha á cinta um meio de dobrar as vontades rebeldes. Só um ponto não o entendo eu.

— O como tomareis o mantimento sem logo excitar suspeitas?... O Esteves, bem industriado, vos bradará soccorro, por lhe ter apparecido um rombo na canôa.

— E' cousa de maior alcance. O barco não nos pertence. E' honesto que nos apossemos delle assim?

— Seu dono terá o preço delle logo que fordes partido ; e longe de perder, ganhará um barco novo pelo seu usado. Devieis conhecer-me, Estacio, para saber que não sou homem que vos mande á restauração da honra de vosso pai, fazendo tapete da vossa !

— Pois agora, sou eu que vos digo, mestre, que não tendes authoridade para culpar as susceptibilidades da probidade e honra d'aquelle em quem tão cedo as semeastes n'alma ! Si não fosse isto e conhecer eu a rigidez com que versaes no dever, deixaria que proseguisseis embora e sem réparo meu.

— Que isso não vos amofine com vosso velho amigo, Estacio. São aguas passadas ! Assim pois navegareis em barco não alheio, mas vosso, porque do momento em que nelle pozerdes pé, já terá mestre Bartholomeu na gaveta o seu preço, por elle mesmo estipulado.

— E podeis vós com tão avultados gastos ?

— Não vos dê isso cuidado : tenho juntas algumas economias, e veio-me ultimamente um subsidio grosso. Contar-vos-hei tudo na volta. Quando estiverdes em posses de pagar-me estes avanços, então vos farei as contas.

Estacio travou das mãos do velho e beijou-as com effusão uma e muitas vezes. O advogado sem fazer reparo se recolhera de novo :

— Agora, mais do que nunca, Estacio, é necessaria a maior discrição e prudencia nesta empreza. Não vos poderei relatar quanto hei cogitado estes dias passados, e quantos pensamentos baralhei na mente ; basta que vos dê a summa para vosso governo.

Insensivelmente o advogado baixou a voz como si chegasse ao ponto mais grave :

— Suspeito que vosso segredo já foi sabido em Europa. Perdido o fio ao roteiro das minas de prata, talvez fosse elle de novo achado ao cabo de tantos annos, e acordasse a feroz cobiça que já anteriormente havia accendido.

— Donde sabeis isso? perguntou Estacio em sobresalto.

— Não o sei, não. Suspeito, filho.

— Mas em que fundaes vossas suspeitas, mestre?

— Eis o difficil. Perguntae ao galgo que fareja a lebre, porque lhe segue á pista sem a ver e sem a ouvir. Pois o espirito tambem tem seu faro ; vêde si o meu é de bom caçador.

— Isso sei eu já de outras vezes.

— Attendei. D. Francisco de Sousa, o mesmo que veio com vosso pai trazendo prometido o titulo de marquez, vem agora provido no governo do Sul, para esse effeito separado, quando ha annos o uniam para da lo ao mesmo. São já conhecidos os extraordinarios poderes que traz, nunca até aqui transmittidos á nenhum outro. Essa noticia, que vos ha de lembrar, chegou-me pouco depois que me mostrastes a carta de D. Diogo; foi o primeiro vento que me veio. No mesmo navio sabeis que chegou um Padre das Hespanhas.

— O P.e Gusmão de Molina, que hoje pregou no Collegio?

— Vistes que homem de engenho é, e podeis avaliar de que não será capaz! Mas uma cousa ignoraes, porque ainda sois moço e apenas entrado no mundo. Não ha neste seculo em canto algum da terra empreza grande que a Companhia não commetta ousadamente; nem segredo occulto que ella não fareje. E' terrivel poder, Estacio, que se insinua por toda a parte, pelos palacios e choupanas, como pelas consciencias. Si El-rei soube da existencia do roteiro e mandou para esse fim a D. Francisco de Souza, quasi posso assegurar que os jesuitas o souberam.

— Sem duvida pois são seus confessores.

— Ora basta olhar esse P. Molina, para conhecer logo que é elle homem de esphera superior; e quem sabe como na Companhia são certos em aferir o quilate aos homens, juraria que occupa elle cargo eminente. Foi esse o effeito que produziu em mim, ainda mais pela apparente humildade com que procura disfarçar o real merecimento.

— Tambem á mim, quando me despedi dos Padres, me pareceu de elevada cathegoria pelo seu aspecto, tanto como pelo respeito que lhe mostraram todos.

— Folgo de vosso juizo combinar com o meu. Que veio fazer ao Brasil este religioso na presente quadra? Para cousa de vulto veio elle, não ha duvidar; qual ella seja, suspeito. Além da coincidencia de sua partida quasi pelo tempo de D. Francisco de Sousa, accrescem duas circumstancias, que ides ponderar. Sabeis que foi elle á vossa casa na sexta-feira seguinte a anno bom?

— Não, mestre; a que iria elle?...

— Vossa tia nada vos disse?...

— Nada absolutamente.

— Pois lá foi, que de lá o vi sahir eu; e en-

trando depois, tambem vossa tia nada me disse, e nem eu lhe perguntei. No outro dia, quando fui ao Collegio pedir venia ao Provincial para vos retirar das aulas, sob o pretexto de vos propordes á milicia, lá estava o P.' Molina que não lhe soffreu que não tomasse a mão ao prelado, e esgotou a sua logica para que vos deixasse cursar ás aulas até os vinte annos pelo menos. Era informado, dizia elle, da boa disposição que mostraveis para as lettras ; e doia-lhe no fundo d'alma ver cortar a flor de tão bello talento. Emfim taes e tantas razões produziu, que me fizeram quasi esquecer o vosso segredo.

— Sem duvida isso mostra que ha da parte delle alguma cousa relativa a mim. Esse facto de ir á casa logo no dia seguinte, a pratica secreta com minha tia e a insistencia para me conservar como estudante da Companhia !...

— Emfim, hoje, Estacio, sube de uma circumstancia, que não tendo nenhuma referencia ao vosso negocio, foi como uma luz que illuminou meu pensamento. E' segredo alheio, não vos posso confiar : tambem pouco vos importa elle. Guardai sómente isto que vos digo : O P.' Molina fareja o roteiro das minas.

— Credes então que elle ainda não lhe achou a pista?...

— Sim, porque do contrario iria direito ao Rio de Janeiro, como D. Francisco de Souza A' menos que confiado no avanço que traz ao Governador, não quizesse tocar á Bahia para assegurar-se á vosso respeito. Seja como fôr, estae de sobreaviso. Excuso prevenir-vos que não vos deis por achado com a sonsa da D. Mencia.

O advogado ergueu-se, pondo-se á caminho para a cidade:

— Como vão os cuidados? perguntou elle sorrindo.

— Nada mais, além do que sabeis!... disse o moço enrubecendo. Depois da certeza que tive de ser o meu amor acceito e respondido, apezar de infeliz, não me foi possivel mais nada saber.

— E aquella cadeirinha mysteriosa! Nada lobrigastes pela rotula?...

— Não era quem pensava.

— Bom; voltareis de S. Sebastião com a chave magica para abrir o palacio encantado de vossa princeza!...

— Si antes outro mais feliz não a tiver aberto com chave de ouro.

— Isso vos asseguro que não! Tendes fé em vosso velho amigo?

— Tenho fé que, eu vivo, D. Fernando de Athayde não casará com ella!...

E o moço desappareceu brusco.

IV

Como a bengala bem manejada póde mais que muitas espadas.

Vem rompendo a manhã.

As alvoradas de corneta na guarda de palacio derramam longe pelo silencio do ermo os clangores estridentes; além responde por todos os pontos da cidade o grito vibrante do gallo, saudando os primeiros albores do dia.

A' essa hora matutina, rompiam as sombras pardacentas do crepusculo, com passo agil, Estacio e seu pagem. Iam elles já no alto de S. Bento, quando o primeiro raio da manhã toucou a grimpa dos montes. O céo estava do mais puro azul, o sol de ouro fino; o mar desdobrava-se aos pés da cidade como a tunica azul da sultana, que a despiu ao deitar-se sobre o divan de suas verdes montanhas.

Uma brisa fresca, saturada de suaves aromas, crepitava pelas palmas dos coqueiros, e coava sussurrante entre a espessa folhagem das jaqueiras em flor. De momento a momento troavam como salvas de canhão em distancia, as ondas alterosas que arrebentavam nas arêas ao longo da praia da Victoria. As aves atitavam; e um pescador de Itaparica que madrugara, mandava uns echos remotos de seu descante matutino.

Subito atravessou esse concerto o grito vibrante da saracura que repercutiu ao longe. O mancebo não deu nenhuma attenção á esse incidente, muito natural naquellas paragens; si elle estivesse menos preoccupado havia de reparar por certo que o grito era mais forte e sustido do que a ave costuma.

Menos ainda reparou elle que o seguia um vulto cauteloso. no qual o nosso esperto Gil cuidou reconhecer a forte corporatura do magarefe Tiburcino; ainda que reparasse porém não havia nisso motivo para desconfiança, pois o curral e açougue do conselho ficavam para aquellas bandas.

Ao confrontar com o mosteiro, avistaram adeante no caminho o burel de um benedictino, que percebendo-os aligeirou o passo miudo. Era de certo algum zeloso frade que ia á cura das almas para aquellas bandas; e bem pressuroso de aproveitar a sua madrugada, pois em breve desappareceu por entre as arvores, deixando livre o caminho.

A' direita erguia-se o forte de S. Thiago e mais longe a igreja da Victoria, a primeira matriz da antiga cidade que assentára Pereira Coutinho na falda sul da montanha. O povo chamava então esse lugar indistinctamente ou Villa Velha, ou Povoação do Pereira, em memoria do primeiro donatario.

Breve assomou por deante a graciosa ermida de N. S. da Graça, fundada por Catharina Alvares, e por ella doada aos Benedictinos, que ali tinham seu hospicio; á parte, um tanto arredadas, viam-se umas casas da morada de Diogo Alvares, o Ca-

ramurú, que ahi habitára até o anno de 1557, em que fallecêra, deixando nobre e numerosa descendencia, tronco de muitas das principaes familias da Bahia.

Estacio, revendo aquelles lugares, onde seus olhos penetravam-se das recordações estampadas na face daquelles edificios, e seu pé revolvia no pó da terra a cinza de um passado morto, sentia que o entrava uma tristeza grande. Tambem elle, pobre, decahido, proscripto da sua casa, provinha da estyrpe illustre dos primeiros senhores da Bahia; seus paes tinham o sangue de Diogo Alvares, e haviam herdado dos seus muitos haveres uma parte, que sua diligencia propria augmentara. Mas tudo, a fatalidade dissipara com um sopro devastador; deixando á Estacio por unica herança, a vergonha e miseria.

A numerosa descendencia do Caramurú povoava a Bahia e o Reconcavo, onde tinham nobres casarias com muitas alfaias e trem de creados e cavallos, e engenhos famosos com grandes fabricas ou grangearias arrendados em mil arrobas de assucar por anno. Alguns netos seus occupavam cargos importantes na governança do Estado; e viviam todos á lei da grandeza. Entretanto no meio de

tantos de seu sangue, Estacio não tinha parentes, era só e sem mais familia do que a tia materna, em companhia de quem morava. Os seus nem o conheciam ; uma condemnação posthuma quebrára os laços que o prendiam á elles, e o tornára extranho na terra de seus pais.

Lembrou-se o mancebo de Vaz Caminha e Christovão :

— Oh ! não ! murmurou dentro a voz do coração : não devo ser ingrato á Deus ! Em troca deu-me elle um pai e um irmão !...

A poetica ermida de Nossa Senhora da Graça já estava aberta ; o sachristão varria o pavimento. Pelas altas ogivas mal penetravam algumas tenues resteas da suave claridade da manhã, que batendo contra a parede branca espargia-se em borrifos de luz pelo ambito da capella. Estacio viu um frade bento sahir de uma vereda lateral e entrar na igreja. Pelo trote miudo e o rochonchudo do corpo pareceu-lhe o mesmo que encontrára na altura do mosteiro.

— Quando avistares um cavalleiro vindo para estas bandas, avisar-me-has, Gil.

— O mesmo a quem levei antes de hontem o cartel ?

— O mesmo!

Estacio entrou na ermida e foi ajoelhar ao pé do altar. Depois da oração parou em face de uma catacumba principal construida no centro da capella. Ahi recostado na espada, com a fronte acurvada ao peso das idéas que turbilhonavam no cerebro, e os olhos fixos na rubrica negra da lousa, ficou immovel e alheio de si.

O epithaphio, que ainda hoje se lê naquella ermida, resava assim:

Sepultura de D Catharina Alvares, senhora desta Capitania da Bahia, a qual ella e seu marido Diogo Alvares Correa, natural de Vianna, deram aos Senhores Reis de Portugal.

Fez e deu esta capella ao Patriarcha S. Bento.

Anno de 1582.

Em que pensava o amante de Inezita naquelle instante, em tal situação?

Para o saber fôra mister conhecer o que passára nos ultimos dias e que successos tinham marcado a sua existencia em tão pequeno espaço. Desde que elle deixára na manhã seguinte ao anno bom a casa de Vaz Caminha até a vespera na missa de Reis, a sua vida fôra um mysterio. Rara vez appareceu ao advogado e de relance; em casa

só entrava noite alta para dormir, e partia-se antes de ser dia. Ninguem sabia delle. Todo o seu tempo ou o passou á beira do leito de Christovão conversando ambos sobre os seus amores, e animando-se mutuamente apezar do proprio desalento ; ou vagava só para as bandas de Nazareth na esperança debil de ver a sombra de Inezita.

E' de lembrar o que Joaninha fizera na casa de D. Francisco e como de lá voltara. Logo que se pôde desvencilhar do alferes, a faceira mulatinha correu direito á fonte do Gravatá, para onde emprazára o pagem. Meio dia era já passado, muito havia ; e ella receiava que Gil, aborrecido de esperar, se fosse á casa. Mas de longe ainda avistou-o escanchado n'um galho de cajueiro, a balançar-se.

Ao descobrir a mulatinha tocou a terra n'um pulo, e achou-se logo junto della

— Então, Joaninha !...

— Ai, Gil !... Deixai que tome folego !... Não vistes em que batida vim eu !

— E' que tambem não me tenho em mim de saber !

— Vinha com medo de já não te encontrar.

— Que dizes, rapariga ?... Daqui não arredava

pé, sem que chegasses, inda que entrasse a noite !... Mas falla á final !... Já deves estar descançada.

— Jesus !... Que pressa !... Queres esperar, trapalhão ?

— Queres fallar, dengosa ?... Acaba de uma vez, se não faço-te cocegas.

— E's capaz !... disse Joaninha dando para elle um passo provocador.

Gil botou-se a ella, e dahi a pouco não se onviam senão risadinhas e gritos de alegria : afinal cessou o folguedo, e o pagem ameaçou de ir-se zangado si não lhe desse Joaninha as novas para levar a Estacio. A mulatinha respondeu que as novas eram boas, mas deviam ser levadas por ella propria ao cavalleiro.

— Pois então, um passo adeante, dobrado marcha !... gritou o pagem mandando a manobra e atirando ao ar com enthusiasmo o barrete ! Viva a doninha ! Viva !...

— Alto lá, mestre Gil. E o promettido ?

— Ai, começas com historias ! Que promettido ?

— De beijares... E's assim esquecido ?

— Mas é que sim ? Pois anda lá, acaba com isto ! Onde queres que beije eu ?... Si é zombaria, não arrisques ?

— E' serio !...

— Pois dize, que já me está isso aborrecendo !

Joaninha estremeceu ; o seu collo flexivel chegou a inclinar docemente como a haste de uma flor para debruçar o roseo seio ; uma chamma subtil subiu do seu peito e envolveu o gracioso semblante. Mas como as flores, que cerram com a chuva, a florescencia do seu rosto dissipou-se de repente. O tedio que se pintava no rosto petulante do pagem produzira esse effeito magico.

— Não, Gil, depois eu te direi !... Ou talvez nunca !.... murmurou a mulatinha tragando um suspiro, e caminhando rapida para a cidade.

O pagem, prevendo que seu amo estaria em casa de Mariquinhas, levou-a daquelle lado. Estacio resuscitou para o seu amor, recebendo o que lhe trouxe Joaninha. Era o listão de setim onde a mão de Inezita tinha alinhavado em ponto de marca as lettras desta unica palavra : — *Vivei.* Beijou nessa prenda não só o objecto que tinham tocado as mãos mimosas da menina, como o symbolo de sua salvação.

— O resto, Sr. cavalleiro, é triste ; mas não vos devo occultar, acodiu Joaninha.

— Não ; é preciso que eu saiba tudo !

— Ella foi promettida por seu pai á D. Fernando.

— Já o sabia desde hontem.

— E vos manda dizer que a vontade do pai se cumprirá, assim como seu fado della, que já a prometteu á terra fria !...

— Dizeis que é triste ?... Maior consolo e alegria não podia mandar . aquelle anjo do céo ás tristezas de minha alma. Deus vos pague, Joaninha, e vos dê em dobro o bem que me fizestes !...

Estacio, ficando só, entrou em si, e prescrutou o intimo de seu coração. Havia ali desde a conversa que tivera com Vaz Caminha naquella manhã, um pensamento que minava surdamente, cevando-se nas dores e angustias de que estava elle cheio. Agora com a certeza de que Inezita o amava, quando a luz penetrara de novo nas trevas do seu espirito, aquelle pensamento soturno nutrido na dôr longe de se dissipar, tornava-se mais vigoroso e obstinado, á ponto de concentrar em si toda a attenção do cavalleiro.

O moço meditou-o muito esse e os dias seguintes : á final chegou á resolução sobre que immediatamente conversou Christovão,

— Inezita me ama: bem sei que muitos obstaculos nos separam, mas conto vence-los com tempo e animo. Só um me affronta agora, que é D. Fernando. E' preciso afasta-lo ou destrui-lo.

— Eu não hesitaria! disse Christovão.

— Essa idéa acodiu-me ha dias conversando com meu padrinho e mestre; a certeza de que Inezita me amava a corroborou, comtudo não quiz leva-la a effeito sem a ponderar muito. Agora que tenho o vosso aviso, é tempo de obrar.

— Ainda não. Esse casamento não urge; e seria para mim grande pesar não assistir-vos nessa occasião. Esperae que me possa erguer desta cama malfadada!

— Tambem á mim, deveis pensar, de quanto conforto e segurança não seria sentir-vos á meu lado em tal circumstancia. Mas o negocio urge mais do que suppondes: qualquer dia posso ser obrigado á sahir da Bahia por motivo que á seu tempo vos direi. Si não quizer que me sorprehenda a necessidade!...

— E' ella tão forte, essa necessidade de sahirdes da Bahia, que a não possaes adiar por dois dias?

— Tão imperiosa, que não declinaria della nem uma hora; menos um dia.

— Já não vos opponho nada; mas fica-me um grande pesar.

— Não menos á mim; crede-me, Christovão.

Escreveu então Estacio o cartel de desafio, que nesse mesmo dia recebeu Fernando, sem saber de onde lhe vinha. Gil, incumbido da entrega, o introduzira sorrateiramente na cinta do fidalgo, quando esse montava á cavallo para ir á Nasareth ver Inezita.

O moço esperou tranquillo e resignado a manhã de sabbado. Sabia que D. Fernando era homem de brios, e havia de responder dignamente ao repto que lhe era feito. Quanto ao resultado do combate, aguardava-o de animo sereno. Si morresse, cumprido estava o seu destino na terra; deixaria o mundo sanctificado pelo amor de Inezita, e iria espera-la esposa no céo. Mas elle tinha plena confiança em sua espada e fé robusta no juiso de Deus, para o qual appellara da iniquidade dos homens. Contava infallivel a victoria.

Nenhuma idéa funebre veio pois associar-se aos seus pensamentos nas horas que precederam o momento decisivo. Ao contrario, com a certeza de

que esse primeiro e cruel transe do seu amor ia ter breve uma solução, seus espiritos serenaram, e uma doce esperança perfumou a melancholica expressão de seu semblante. Como succede ás almas de rija tempera, Estacio sabia esperar.

Na vespera ao deixar Vaz Caminha o estudante, tomou para as bandas da Sé. Na rua dos Mercadores, quasi á esquina, havia uma loja de armeiro, mister de primeira necessidade em qualquer povoado ou villa, quanto mais na cidade capital do estado do Brasil.

Um homem de forte nervura, com avental de couro e manopla de camurça, estava occupado em limpar e polir uma couraça.

— Mantenha-vos Deus, mestre Aleixo Garro!

— Para vos servir, senhor estudante.

— Trouxeram-vos hontem por tarde uma porção d'armas?

— Vinha de vossa parte?... Quatro partazanas, duas couras um arnez completo, e mais umas pontas de lança...

— Creio que sim.

— Quereis então que vos corrija e guarneça tudo?

— Não, mestre, falta-me moeda para vos pagar!

Si mandei-vos essa ferralha velha que lá andave por casa rolando do tempo de meu fallecido tio-avô, foi para vos propor um escambo!

— Que haveis de querer em troca?

— A vossa melhor espada, em primeiro lugar.

— Vede, si vos praz, ali daquella banda, na ultima fileira... Achareis cousa de vosso gosto!

Estacio examinou a linha de armas suspensas á parede, e depois de breve hesitação fixou como entendido a sua escolha.

— Esta me serviria! disse vergando a lamina bem temperada de uma excellente espada.

— Andai lá! Não sois peco!... Vosso parente o alcaide-mór ficou namorado della.

— E porque não a feirou elle?

— Ai, Deus! Si D. Alvaro fosse a arrecadar todas as raparigas de que se enamorou em moço e todas as espadas de que se enamora em velho, não tinha nem camera, nem sala d'armas, que lhe bastasse.

— Nem bolsa, que é o principal! acodiu o estudante sorrindo.

— Então vae a espada. Que mais ha de ser?

— Queria... Nem eu mesmo sei!

— Um estoque á franceza!...

— Não !... Uma cinta ou cousa igual para ter unido ao corpo certo objecto que por nada se queria perder !

— Entendo !... Prenda de alguma dama ! Bem se vê parente de quem sois.

Estacio corou.

— Acertastes !... E' uma prenda querida.

— De qual volume ?

— Volume... de minha mão !

O armeiro fincou o queixo no punho e passou lentamente os olhos pela sua loja.

— Já sei !... Tenho ali cousa que não está longe do vosso desejo.

Tirou d'uma prateleira uma camisa de malha finissima, forrada de tafetá.

— Vêde cá !... Entre o trançado e a seda, fica-vos uma larga bolsa, onde podeis trazer, mesmo unidinho ao peito, a vossa prenda ; e com mais uma vantagem que a trareis defendida de ferro e tudo !... Essa malha trançada não ha punhal buido, nem agua que a atravesse !...

Estacio examinou a camisa que de primeira vista logo lhe agradou :

— Serve mui bem para o fim que é.

— Nada mais ?

— Nada !

— Bem ; pela espada e a camisa de malha, vos recebo a ferralha , voltando-me vós meia dobla !...

— Já não vos feiro cousa alguma. Si comecei por dizer-vos que não tenho moeda !

— Ora ! Está para ver que o senhor alcaide-mór, nem mesmo vosso padrinho, o advogado, vos neguem essa migalha !...

— Não negam, não, que lh'a não peço eu !

— Pois levae o mercado ; pagareis depois !

— Isso não !

— Temeis o ditado—fiado raivado ?

— Só compram assim, os que não pagam, e os que...

— Pois não se dirá que no primeiro negocio fiqueis descontente de mim.

Estacio vestiu a camisa de malha e sob ella collocou a carta de D. Diogo de Mariz, depois cingindo a espada, saudou o armeiro, e encaminhou-se á casa de Alvaro do Carvalho. O valente soldado o recebeu com ruidosa effusão.

— Vinde ! vinde !... que vos estale esses ossos, rapaz ! gritou elle apertando a mão ao mancebo.

Isso já é dextra de cavalleiro!... Pena é que a queiram fazer gadanho de frade?

— Juro-vos que tal não será, senhor Alvaro!

— Assim espero em Deus!... Mas tenho meus medos que vos não enfeitice o ardiloso do vosso padrinho, o velho garnacha!

— Deixai-o em paz por quem sois!...

— E' o vosso alfinim!... Não lhe toquem! Admira que vos deixasse elle vir aqui!...

— Não vos apraz já ver-me!

— Valha-me o diabo com seiscentas bombas, rapaz! Queixo-me eu, mas é de não virdes sempre!

— Virei agora mais vezes, si daes licença!

— Vinde, quando vos approuver; comtanto que não vos ouça eu fallar em alfarrabios nem sotainas. Aqui em casa de soldado, só se pratica de armas e combates, de justas e torneios.

— Lembrais-me, senhor Alvaro, que justamente esta manhã merquei uma espada, e queria prova-la com quem é mestre do officio.

— Prompto, rapaz! Isso é fallar!... Dai cá a tal espada, que lhe tome o geito.

O velho soldado empunhou a espada, brandindo-a com a facilidade e elegancia do verdadeiro mestre em esgrima.

— Conheço! Boa lamina! exclamou elle. Vem das forjas de Aleixo Garro!

— E é ferro desta terra!

Fincando no chão a ponta da espada vergou-a por diversas vezes experimentando a elasticidade da folha:

— Tendes espada, rapaz. Seguro-vos eu! Vamos ver como a manejaes?

O alcaide saltou no meio da sala com sua impetuosidade costumada, e desembainhando arremetteu sobre o estudante. Estacio sustentou o assalto com a pericia e o sangue frio que seu mestre já lhe conhecia; a espada correspondeu ao conceito de ambos; ella tinha a flexibilidade da cobra, e umas vibrações magneticas que imprimiam ao punho do cavalleiro a electricidade de sua tempera.

Depois de rijo esgrimir, o alcaide parou alagado em suores; Estacio estava calmo e sereno como se tivesse manejado em vez de espada uma faceira chibata de galan.

— Bom ferro e melhor punho!...

— Julgais que possa fiar de ambos a minha sórte?

— Bofé! Que melhor guarda?

— Mas uma duvida tenho eu desde que me

cingistes uma espada, e agora a sinto crescer !... A espada na mão do cavalleiro é sua guarda e deffeza legitima, sem duvida ; mas póde servir-se della para conquistar o que os homens ou a sorte lhe negam ?

— Para tudo o que é justo ! Bem sabeis ; a justiça tem na dextra um gladio !

— Fallo-vos nisso porque outro dia ouvi discursarem ácerca varios cavalleiros... Sustentava um que o cavalleiro bem querido de uma dama podia disputa-la á qualquer que ousasse pretende-la !

— Por certo !... E o cavalleiro que o não fizesse seria um cobarde !

— Ainda mesmo que fosse necessario matar o seu rival !

— Morra embora, si é preciso.

Estacio sentiu-se alliviado como de um peso ; pouco depois, alegre e ligeiro, despediu-se do alcaide, e foi ter com Avila a quem levava um grande contentamento. Realmente o moço, ainda inquieto sobre Elvira, apesar dos repetidos e sempre baldados esforços de João Fogaça durante cinco dias, recebeu como uma benção do céo as novas que lhe trazia o amigo e mais a joia da moça.

Toda a tarde gastaram em devaneios amorosos, até a noite, quando appareceu o capitão de matto:

— Tive hoje novas de vossa pessoa, foi dizendo para Estacio.

— O mesmo prazer não tive eu!...

— Vistes na igreja uma cadeirinha fechada, e a seguistes até a casa!

— Já elle me contou! acodiu Christovão.

— Como o soubestes?...

— Vi com os *meus olhos*! respondeu o capitão de matto.

— E' possivel!

— E não foi só isto, quando fallastes aos acostados no cabo da ponte, a moça que ia dentro soltou um gritosinho de beija flôr!

— Isto não me tinheis dito, Estacio?

— Si o não escutei, nem podia.

— Pois ouvi com os *meus ouvidos*: e mais a voz zangada da velha beata que ralhava com a filha!...

— Onde estaveis então que vos não percebi!

— Adivinhai!..

— Ah! Lembro-me agora, exclamou Estacio; vi vossos olhos pestanejando entre a copa de uma

jaqueira, si não me engano; e vosso ouvido debaixo dos aguapés na beira do fosso!...

— Acertastes! Mas bom foi saber, para esfrega-los com uma cóça que os ensine á esconderem-se melhor.

— De quem fallaes, João, que vos não entendo? interrompeu Christovão.

— De meus caboclos!

— Sois injusto com elles, senhor João Fogaça; pois dou-vos minha palavra, que sem a nossa conversa, nunca tomaria por corpo de homem o vulto de serpente que resvallava pelo lodo, e o vulto de coruja que dormia no alto da arvore!...

— Por vosso respeito, passo-lhes esta!... Mas de vossa parte que descobristes tão agradavel que assim poz ledo e prasenteiro o semblante de Christovão!...

O amante de Elvira referiu o que lhe havia contado Estacio e acabou mostrando-lhe a joia.

Era tarde da noite quando os dois amigos apartaram-se. Christovão cingiu Estacio ao coração, e o teve ali por muito tempo; depois vencendo a emoção, murmurou-lhe ao ouvido:

— Deus seja comvosco, irmão; como será este coração que bate a compasso do vosso.

— Contava com ambos, e sei que me não hão de desamparar no momento.

Ao retirar-se Estacio, o amigo disse á João Fogaça:

— Estacio tem um desafio amanhã, entre o romper e o meio dia, na Graça. Quero que lá estejaes, já que não posso eu, para o acompanhar. Não vos mostreis, pois elle deseja o maior segredo; mas vigiae como por mim o farieis. Não sei o que receio; sinto uma tristeza immensa de lá não estar.

— Estareis, Christovão, na minha pessoa. Dormi descançado até amanhã sol fóra. Careceis de repouso.

Eis o que passára até o alvorecer do dia 8 de janeiro, em que Estacio cingindo a virgem espada que comprára na vespera e acompanhado de seu pagem, partira para a ermida de Nossa Senhora da Graça onde se achava naquelle instante meditando em face da sepultura de sua avó, D. Catharina Alvares. Lendo o epitaphio gravado na lousa, o moço pensou estas palavras:

— Vós, nobre e intrepida senhora, que combatieis com brios de cavalleiro e esforço de homem ao lado do esposo, não renegais vosso san-

gue, como o renegam os que delle geraste na terra. Si na mansão dos justos, que habitais, dóe á vossa alma bemaventurada o infortunio e injustiça que tudo me roubou, fazenda e estado. familia e casa, em reparação de quanto perdi, aqui vos peço, virtuosa senhora, uma só mercê : « Intercedei com a vossa divina protectora, Nossa Senhora da Graça, para que da graça sua infinita, derrame uma lagrima sobre este amor ardente que accendeu em mim o mais puro dos seus anjos na terra !... »

O mancebo tirou a espada da bainha e a collocou núa sobre a campa dos progenitores de sua familia :

— Sejam pois vossas cinzas que sagrem este ferro, e o abençoem do céo vossos olhos, senhora ; elle é virgem de sangue, e eu vos juro que sempre o será de sangue innocente ! Nunca o empunharei senão em prol de uma causa justa !

Depois de uma pausa :

— A espada de meu pai, bem sabeis, a despedaçou a mão do algoz sobre as suas cinzas ainda quentes ; nem essa herança me deixaram ;

até um canto deste chão, onde repousasse vosso descendente, lhe recusaram !

O pensamento do cavalleiro depois dessa invocação enleiou-se nas idéas que suscitava o proximo combate. A scena que ia representar-se desenhava-se como presente á seus olhos: via D. Fernando em face delle, as aspadas scintillando no ar e esgrimindo com furia; depois o adversario prostrado á seus pés. Então punha-lhe o ferro á gorja, e arrancava-lhe á preço da vida o juramento de renunciar para sempre á mão de Inezita.

Mas si D. Fernando recusasse e preferisse a morte ao juramento, que faria elle? Cravaria o ferro no peito do rival, e estancaria d'ali com o sangue o veneno do seu funesto amor pela filha de Aguilar? Deixa-lo-ia com vida, esperando de sua gratidão o que os brios do cavalleiro recusassem á ameaça?

Estacio sabia já quanto val a gratidão; mas tambem essa idéa de matar um homem, embora em combate leal, assim encarada friamente, lhe repugnava:

— Tenho eu o direito de mata-lo, á elle, instrumento apenas daquelles que não se importam

de cortar-me em flor a vida?... Si morto, não se realisarem as esperanças minhas, e D. Francisco repellir-me por indigno de sua alliança, esta morte não pesará na minha consciencia como um remorso?

O espirito do moço afundou-se na meditação dessa idéa; á final ergueu a fronte com energia:

— Não!... não o matarei!... As vestes candidas do santo amor nosso, Inezita, não as borrifarei de sangue, seja elle de um inimigo!... Immaculadas, como vossa alma, servirão de mortalha aos nossos corações, si Deus não permittir que nos sirvam de véos nupciaes!...

Depois ofuscando-se a fronte como nuvem sombria, onde afuzila um raio, murmurou:

— Só o mataria, si...? Mas é impossivel: Inezita jurou! Della só lhe pertencerá o despojo terrestre!..

Nesse instante o cavalleiro voltou-se, ouvindo Gil que o chamava da porta; e sahiu logo. Ao mesmo tempo a cabeça do frade bento que o estava espreitando do vão de uma porta, sumiu-se d'ali e foi apparecer á janella da sachristia, d'onde podia ver o que passava no pateo da igreja. O reverendo estremeceu reconhecendo ao longe, no caminho,

D. Fernando de Athayde que apressado se encaminhava para ali, seguido por um pagem.

Tambem Estacio sahindo fóra, reconhecera seu adversario; e deixando-o que chegasse ao terreiro, foi dirigindo-se para as bandas do mar, com passos lentos e medidos, de modo que visse o outro a direcção que tomava e a seguisse. Conhecendo que fôra comprehendido, internou-se pelo arvoredo.

Havia ali um grupo de aroeiras seculares, que sobrepujavam de muito na altura o outro matto proximo, e porisso era facil de distingui-las. A' sombra das arvores frondosas, o chão era limpo e plano como de uma sala d'armas; os troncos em conveniente distancia não estorvariam os movimentos dos campeões. O cavalleiro circulou com o olhar o recinto fechado em torno pela vegetação, e tirando a espada experimentou outra vez a flexibilidade da folha:

— Não o vistes seguir-me, Gil?...

— Oh! se vi! Mas elle que não apparece....

— Talvez se desviasse... Vae encaminha-lo.

— Ei-lo!...

As folhas secas rugiram; mas em vez de D. Fernando de Athayde, foram cinco soldados da guarda do Governador, tendo á sua frente o ca-

pitão Manoel de Mello, que appareceram de repente, sahindo do matto. O official avançou para o cavalleiro, procurando deitar-lhe a mão :

— De ordem do Sr. Governador vos prendo e intimo como réo de crime !

Estacio recuou de um salto, e pondo-se em guarda exclamou :

— Quem me tocar, é homem morto !...

— Toda resistencia é escusada. Olhae em volta ! Rendei-vos antes que ser rendido !...

Volvendo o olhar, viu o moço que o capitão dizia a verdade. Atraz surgira outra linha de cinco soldados, que estendendo-se como a primeira em semicirculo, fazia completo o cerco. A resistencia de feito era loucura.

— Embora ! Morrerei, e comigo alguns dos que ahi estão. Antes, porém, em presença de todos vós que me ouvis, soldados valentes, declaro alto e bom som, e vos rogo de repetir por cem bocas, que D. Fernando de Athayde é tres vezes infame !...

O moço encostou-se ao tronco d'arvore :

— Agora, senhores, ao vosso dispor.

D. Fernando de Athayde surgiu nesse instante pallido de cholera ; e apoz elle a figura enca-

puzada do frade bento, que procurava rete-lo pelo manto.

— Esperae um instante, senhores! Este homem acaba de insultar-me em vossa presença; elle me pertence antes que á vós!...

— Este homem está preso á ordem do Sr. Governador e sob minha guarda. Ninguem lhe deitará a mão! acodiu o capitão.

— Eu dou-me em refem e penhor de sua pessoa. Uma hora sómente, capitão!

— Impossivel, Sr. D. Fernando.

— Não presaes a vossa honra, Sr. Manoel de Mello!

— Provar-vos-hei em outra occasião; agora defendo a minha honra de soldado; cumpro as ordens.

— Neste caso, senhores, tereis de haver-vos tambem comigo!...

D. Fernando saltando no meio do circulo, postou-se ao lado de Estacio:

— Venho ajudar-vos a salvar a vossa liberdade, para poder dizer-vos então em face que mentistes!

A um signal do capitão, os soldados iam precipitar-se sobre os dois campeões, quando mais

um personagem entrou em scena. Era o nosso estimavel amigo João Fogaça, mui digno capitão de matto:

— Alto lá, gente!.... disse elle para os soldados, avançando em duas pernadas. Isso não vae assim, como cuidaes. Sr. capitão, vosso servo; que estejaes muito bom, é o que se quer. Que buscaes aqui, homens? Arredai-vos, que não estou agora de veia para aturar-vos. Um pouco de paciencia; não vos espinheis! Aqui estão dois cavalleiros decidindo um negocio de honra. Vós pretendeis que o Sr. Governador reclama por um; aqui entre nós, capitão, não vos parece que a justiça de Deus deve passar antes da justiça de El-rei!... Andai; abri campo aos adversarios; é o que de melhor tendes á fazer!

— Soldados, gritou o capitão, enxotae-me este malandrim!...

João Fogaça soltou então uma gargalhada estrepitosa, que reboou ao longe pelas praias, uma perfeita gargalhada homerica; e mostrou em volta ao capitão a critica situação em que de repente se acharam os seus soldados. Por traz de cada um, ao som da risada do capitão de matto, surgira um indio que se precipitara sobre, e como

uma cadeia de aço arrochara seu homem pelos peitos, tolhendo-lhe o movimento dos braços e do corpo. Pareciam estafermos atados ao poste.

— Enchei agora a boca de vossos soldados, capitão !...

— Sua Senhoria será sabedor !

— Por certo ; porque eu mesmo lhe direi, quando levar-lhe presa a palacio a sua guarda, comvosco em frente !...

— Tomo-vos por testemunhas qne cedo á força !

— E eu, ministro da religião e da paz, em nome do meu santo ministerio, advirto que esta terra que pertence á N. S. da Graça, quem a ensopar de sangue...

— Calae-vos dahi, reverendo ! Ide á vossa missa ; e vós, capitão, chegae-vos a mim para dar lugar aos campeões. Eia, senhores, em guarda!

Os dois mancebos afastaram-se tomando campo, e cruzaram o ferro ; mas ainda um obstaculo surdiu, com uma nova personagem, que interrompeu a scena. O advogado Vaz Caminha, deitando alma pela boca, chegou á toda a pressa, e erguendo a bengala interpoz-se entre os dois combatentes :

— Que dunguinha é este agora? perguntou o capitão de matto rindo e adiantando-se para safar o advogado.

Mas ante o velho, Estacio abaixara a espada, curvando a fronte com pejo.

— Filho, disse o advogado, em nome de vossa mãe, que dorme aqui perto, e a quem respondo pela vossa felicidade; em nome do amor que vos tenho e do bem que vos desejo; filho, eu vos ordeno. Entregae-me esta espada!... Rendei-a!...

— Aqui a tendes, mestre; mas eu insultei este homem; elle tem o direito de matar-me.

O velho voltou-se para D. Fernando:

— Eu vos respondo senhor, pela sua pessoa quando o exigirdes para desaffronta vossa.

Fernando ia replicar; eis que de repente surge de entre o matto o vulto do magarefe; arremette ao fidalgo, e fechando-o nos braços robustos o arrebatou da scena, como um abutre a presa.

O primeiro sentimento causado pelo incidente foi o da sorpresa; mas logo voltaram á anterior preoccupação.

Vaz Caminha voltou-se para Estacio:

— A espada que me rendeste, filho, rendo-a

eu áquelle de quem a houveste para deffeza da religião e da patria. A El-rei por quem a reclama a gente de seu serviço.

V

Como Vaz Caminha escreve torto por linhas direitas.

Os successos que tiveram lugar junto á ermida de Nossa Senhora da Graça carecem de explicação.

O matreiro do Fr. Carlos da Luz sahindo no dia de Reis da casa de D. Francisco de Aguilar com o cartel do desafio anonymo, fôra direito a

palacio, e sollicitára do Governador uma audiencia para depois da festa, pois tinha a communicar objecto de importancia para o Estado.

D. Diogo de Menezes o recebeu ao sahir da igreja. Fr. Carlos apresentou-lhe o cartel de desafio, e abundou depois em largas considerações para demonstrar a inconveniencia e perigo que havia em deixar-se á mercê de qualquer espadachim a reputação, socego e felicidade de uma familia principal. Accrescentou que d'ali podia originar-se um conflicto funesto para o Estado, porque os odios uma vez excitados não teriam mais paradeiro, e a vingança dos parentes roubaria á patria muitos filhos prestimosos.

— D. Francisco de Aguilar, rematou o frade, é rico e poderoso senhor, de natureza muito altiva e caracter pouco soffredor. Uma vez offendido em sua pessoa, ou de quem lhe toque de perto, é capaz de tudo.

O frade era homem de paz; além disso o interesse que tinha de ver realisado o casamento de D. Fernando com Inezita, lhe inspirára essa idéa feliz de recorrer ao Governador. Afastar o amante da moça, quem quer que elle fosse, até consumar-se a união, era a unica medida prudente: e

essa com a intervenção da authoridade, que tinha por dever prohibir e castigar os duellos, tornava-se de facil execução. Para mover completamente o animo de D. Diogo, que elle sabia ser brioso e portanto mui inclinado aos costumes cavalleirescos, esgotára a sua eloquencia demonstrando as consequencias funestas, que podiam sahir daquelle duello.

D. Diogo, cavalleiro sim, mas rigido observador da lei, não hesitou um momento á vista do cartel de desafio, o qual logo de primeira leitura adivinhou donde vinha, pelo que observára nos jogos do terreiro. Com tudo não pôde deixar de dizer ao frade com um sorriso enjoado:

— Vosso amigo, reverendo, é prudente e assisado!...

— Accreditae, senhor Governador, que D. Fernando não tem a minima parte no passo que dei; e para prova vou referir-vos tudo quanto é passado.

Contou de facto o modo porque se achava senhor do cartel; carregando porém mais as côres do painel, quando tratou da ira de D. Francisco, e exasperação de D. José. Sahido o frade, o

Governador releu o cartel, e tocando a campainha, mandou que chamassem o capitão de sua guarda.

— Esta madrugada antes que seja dia estareis com os homens precisos no sitio de Nossa Senhora da Graça; prendei da minha parte á um homem que para ahi emprasou um desafio, e supponho ser o chamado Estacio Correia! Conheceis-lo?

— Muito, senhor Governador!

— Preveni-vos com homens bastantes que possaes espalhar por diversos pontos para que vos elle não escape. Ponho o maior empenho nesta diligencia.

— Confiae no meu zelo.

Foi assim que se achou Manoel de Mello e seus homens tão a ponto para prender Estacio e impedir o combate.

Fr. Carlos da Luz sahira do mosteiro muito cedo para espiar e ver com seus proprios olhos o effeito da denuncia. Encontrando Estacio na capella, logo suspeitou pelos seus modos que era elle o homem da contenda. Mas sorprehendido ficou, reconhecendo D. Fernando de Athayde á dirigir-se para ali, quando o suppunha mui quieto em casa. O frade apesar de esperto não contava com o amor e o ciume, o que era desculpavel

pois nunca os sentira; si fosse negocio de gula, elle leria de cadeira.

Quando Athayde, descobrindo Estacio, seguiu-lhe as pisadas, o reverendo atravessou-se-lhe adeante, e usou das figuras de rethorica mais empregadas nos seus sermões para convence-lo de que não devia acceitar o desafio de um desconhecido. O moço que já havia reconhecido Estacio, e á sua vista sentira accender-se um odio entranhado, não o attendeu. Tudo quanto obteve o reverendo foi demorar seu protegido; mas tanto lhe bastava, pois deu tempo á apparecer Manoel de Mello e prender Estacio. Ouvindo o brado indignado do seu inimigo que o declarava tres vezes infame, o fidalgo arrancou e chegou á tempo de responder-lhe dignamente.

Quanto á João Fogaça cumprindo á risca a recommendação de Christovão, partira pela madrugada para a Graça. Ia só, mas bem armado. Ao chegar ao alto do S. Bento viu elle passar os homens da guarda do Governador embuçados nos reguingotes, e esgueirando-se ás occultas pelas sombras do arvoredo. O capitão de mato desconfiou da cousa e soltou então o grito da saracura que foi respondido pelos seus indios

emboscados nas visinhanças da casa de D. Luiza de Paiva: estes repetiram o aviso, continuado mais longe e mais até o rancho da sua companhia. O prudente sertanejo tinha disposto desde a casa de Mariquinhas até Nazareth um cordão de indios empoleirados nas arvores, que lhe serviam de telegrapho. Em caso de necessidade, o signal por elle mandado passando de arvore em arvore, iria em menos de cinco minutos ao rancho.

Assim succedeu aquella noite. O seu cabo ouvindo o signal e conhecendo que elle tinha necessidade de dez homens, despachou-os logo. Estes dirigidos pelo signal foram direitos aonde os esperava o capitão de matto, que rondando os soldados de longe os collocou á mão para qualquer emergencia. A esse tempo já elle se tinha convencido que a guarda não sahira debalde tão cedo.

Occupado em espréitar os movimentos dos soldados, não viu João Fogaça a chegada de Estacio á ermida: mas pouco abalo lhe dava já agora o moço, que aliás elle contava encontrar no lugar do desafio. A lembrança de previni-lo do que se passava, e aconselhar-lhe que fugisse, nem bruxuleou na mente do capitão de matto. Era

elle dos homens que caminham na vida sempre direito e avante, e só recuam ou desviam quando o rochedo que lhes intercepta o caminho é tal que não póde ser destruido ou acommettido. Um desafio fôra emprasado; e elle havia de ter lugar, já que o tinham mettido naquella danse.

Agora Vaz Caminha.

Na vespera, quando Estacio o deixou bruscamente, o licenciado ficou incommodado com aquella ultima palavra, que não cessou de virar em todos os sentidos para bem comprehende-la; e acabou convencido de que seu afilhado resolvera bater-se com D. Fernando.

Essa preoccupação só o deixou á portaria do Collegio para onde se encaminhou no proposito de gabar aos Padres, como merecia, a sua festa de Reis, e dar ao P. Molina seus louvores pelo admiravel sermão. E' natural que o advogado levasse a intenção occulta de sondar melhor o frade castelhano; mas achou-o impenetravel. De volta á casa, quando embocava na rua dos Mercadores, viu o doutor na outra ponta seu afilhado, que sahia de uma loja. Apressou o passo, para ver si o apanhava; mas debalde; o moço havia desapparecido.

Confronte com a porta donde elle sahira, conheceu sobresaltado o velho que era loja de armeiro; e logo acodiram-lhe as suspeitas e com força nova e maior. Desejoso de tirar a limpo este negocio, entrou na loja sob pretexto de comprar cutelos de mesa, e com a tactica e finura que lhe sobrava veio ao conhecimento de que Estacio havia mercado á poucos instantes uma espada em troca de ferralha velha, espadas, escudos e adagas.

Apertaram os sustos do velho. Mal engoliu o ultimo bocado do apressado jantar, botou-se para a casa de Estacio. Esperou-o debalde até noite fechada.

— E' escusado, senhor Vaz! O menino depois das festas, não sei que ares o tomaram, que só ao cantar do galo se recolhe; e nem o dia sonha de nascer, já elle anda no mundo grande.

— Rapaziadas, D. Mencia. Tambem nós fomos moços, ainda que já não nos lembra o quando e o como que isso foi!...

— E as aulas, senhor Vaz?... Que contas dará elle de si no caminho em que vae?...

— Deixae isso ao meu cuidado: quando o vejaes hoje antes de recolher, dizei-lhe que eu te-

nho precisão urgente de ve-lo. Em todo o caso virei por elle amanhã ao romper do dia.

De feito no dia seguinte á mesma hora em que Estacio passava a porta de S. Catharina o advogado chegava á casa do moço na Ribeira. Soube de D. Mencia, por entre a rotula, que o afilhado recolhera muito tarde: mas não obstante ella que o sentira, se tinha erguido para dar-lhe o recado. Apesar disso, muito antes de haver signal de dia, já elle estava á caminho acompanhado do pagem.

— Escusae-me de não abrir-vos; mas ainda estou descomposta, senhor Vaz. Ai, não vos chegueis tanto!...

O advogado, sobresaltado com as circumstancias que não só confirmavam as suas suspeitas, mas annunciavam a eminencia do acontecimento que elle desejava evitar a todo o transe, não attendeu ás denguices da velha D. Mencia; já ia longe, quando ella acabando de fallar e deitando fóra da rotula o nariz, como signal de sua graça, percebeu a evasão do ingrato:

— Sempre é homem de beca!... murmurou com despreso; e bateu o trinco da rotula.

Quanto á Vaz Caminha, ia sem destino, á toa,

como homem que deseja dividir-se em muitos para estar ao mesmo tempo em diversas partes. Sabia elle ao menos de que lado tinha Estacio tomado? Quiz voltar para indagar da velha; porem logo pareceu-lhe que era arriscar-se á perder tempo sem proveito. Foi andando para onde o levavam as pernas.

Quiz o acaso que no largo da Sé passassem por elle dois vultos, cavalleiro e pagem. No primeiro reconheceu D. Fernando e sentiu grande allivio. A attitude do fidalgo e seu famulo, a phisionomia de ambos e seus passos, tinham um tal aspecto mysterioso e ao mesmo tempo decidido, que annunciava empresa occulta e arriscada. O advogado resolveu seguir á pista daquelle que sabia ser o adversario de Estacio, e que sem duvida marchava para o terreno do combate. Apoz elle passou a porta sul da cidade, e galgou o caminho de S. Bento. Ahi na bifurcação da vereda que seguia para N. S. da Graça, o advogado já em extremo fatigado, perdeu de vista o cavalleiro; mas foi seguindo a direcção por elle tomada. Essa demora deu tempo aos incidentes que se passaram.

Falta-nos Tiburcino.

Quanto á este, desde a vespera que o pobre labrego andava arvoado. Arrastado pelo olhar da feiticeira mulatinha, como um touro sob o aguilhão, a fôra elle seguindo estupidamente até meia Praça de Palacio onde estava então assentado o pelourinho, que mais tarde removeu-se para o largo do Rosario.

Joaninha voltou-se bruscamente para o carniceiro, e fallou-lhe com um tom decidido :

— Tiburcino, veja você em que se mette. Só lhe digo uma cousa. Si algum mal succeder ao Sr. Estacio, eu sei de onde vem, e o saberá logo o Sr. Ouvidor Braz de Almeida. Portanto, quando ali estiver pendurado, si não fôr mais alto, não se queixe da risada gostosa que hei de eu dar ás caretas que você fizer !...

— Rapariga do demonio !... urrou o magarefe enfurecido, sacando da cinta o manchil. Tomai, e acabai-me aqui a casta de uma vez com este cutelo, antes que estar assim cada dia á picar-me aos pedacinhos !

Joaninha commoveu-se na presença daquella dôr de que era a innocente causa. Repellindo com o gesto o ferro, e com o sorriso deitando balsamo na ferida magoada, tornou compassiva :

— Quem lhe metteu a você na cabeça que ando eu amorada deste ou daquelle?

— Não n'o vi eu á outra noite, e ind'agorinha na igreja, com estes olhos que a terra ha de comer!...

A mulatinha bateu o pé de zangada.

— Mando-lhe eu, sô carniceiro, que não supporto que me andem espreitando!... Ouviu? E saiba mais, que em chegando o meu dia de querer á alguem, não será você nem todos os magarefes juntos do mundo inteiro, que me privem do que fôr muito de meu gosto e vontade!....

Proferindo estas palavras, as narinas rosadas da mulatinha insuflaram-se, e ao sopro ardente o magarefe dissorava estremecendo, como um tronco de jatoba, ao halito que o ameaçava.

— E não se ponha você com partes; pois bem póde ser que lhe saiam as cousas ao avesso, succedendo isso mais depressa do que devera!...

— Para que estaes ahi com cousas, Joaninha! rosnou o carniceiro. Si já lhe rendestes o coração.

— Pois o quereis, assim o tendes. Quero-lhe ao Sr. Estacio!.... Estaes ouvindo?... E agora tomara eu ver que tenhaes o atrevimento de pensar em lhe fazer mal.

Joaninha deixou o magarefe fulminado sob o peso de sua ameaça, mais tremenda para elle do que a excommunhão do P. Molina. Quando sahiu do attonismo, lançou-se á carreira pelos campos, como o touro cioso. A' tarde dando accordo de si, voltou á tarefa; elle sabia já onde encontrar Estacio, a quem perdera de vista desde pela manhã. Foi espera-lo á casa de Mariquinhas.

Na madrugada seguinte acompanhou o moço até N. S. da Graça. Chegava ás arpeiras no momento em que os dois adversarios se preparavam para o combate.

Tiburcino lembrou-se da recommendação do P.e Molina e estremeceu; mas as palavras de Joaninha tambem lhe soavam ao ouvido, e elle deixou-se ficar tranquillo. Não sabia o que queria; tremia ao mesmo tempo e palpitava com a idéa de que Estacio podesse morrer no desafio; Joaninha não lhe poderia imputar a sua morte. Mas com a demora produzida pela chegada de Vaz Caminha soffreu o espirito do carniceiro tal inversão que elle correu sobre D. Fernando e o arrebatou com uma rapidez incrivel.

Eis os motivos porque se achavam tão impre-

vistos no valle de N. S. da Graça os diversos personagens desta historia.

Eram já nove horas passadas.

D. Diogo de Menezes recolhido em seu gabinete, conversa em particular o sargento-mór do Brasil, D. Diogo de Campos, sobre cousas do Estado e governo das capitanias. Findo o conselho, foi Estacio introduzido á sua presença pelo capitão Manoel de Mello, que nessa occasião lhe deu parte do occorrido: chegando ao ponto relativo á intervenção indebita do capitão de matto, o Governador o interrompeu severamente:

— Basta, capitão! João Fogaça disse com acerto que os soldados da minha guarda ao vosso mando hão mister que lhes ensine elle a cumprir minhas ordens. Pena tenho eu de que vos não trouxesse atados pelo meio da cidade, como o prometteu, mas dir-lhe-heis de minha parte, que venha a palacio para lhe agradecer a lição que vos deu!...

O official retirou-se. O Governador e o moço ficaram sós:

— Estacio Corrêa, quem escreveu este papel?... interrogou D. Diogo desdobrando o cartel.

— Escrevi-o eu, Sr. Governador, de meu pro-

prio punho, respondeu o moço erguendo a fronte com serenidade altiva; e occultei meu nome unicamente pelo receio de comprometter a pessoa de quem ahi se trata.

— Sabeis que o desafio é um crime?

— Crimes desses prefiro-os eu á infamia daquelle que para fugir delles os denuncia!... replicou o moço ardendo-lhe as faces de indignação.

— Vosso adversario D. Fernando de Athayde não procedeu como pensaes; deveis fazer-lhe essa justiça.

D. Diogo referiu quanto bastava para afastar do noivo de Inezita a pecha de cobarde; depois adoçando a expressão de rigidez e severidade que asselava sua nobre phisionomia, fallou de novo a Estacio:

— O esforço e bravura de que destes em minha presença, fazem oito dias, tão brilhantes provas, mancebo, não são para se esperdiçarem em cousas pequenas, como desafios e duellos, quando as emprezas grandes, em prol da patria e para serviço d'El-rei estão com instancia esperando pelos corações de vossa tempera. Não carecem punição esses primeiros assomos da mocidade vigo-

rosa ; basta que sejam encaminhados. Quero pois abrir-vos campo ás nobres e generosas aspirações.

Estacio inclinou-se respeitoso e corando aos louvores de pessoa tão veneravel :

— Ha cerca de oito mezes mandei Martim Soares Moreno á fundar um presidio na costa do rio Ceará, muito infestada de francezes e mais desamparada dos nossos. Foi elle acompanhado de poucos homens e baldo de recursos, mas com promessa que lhe fiz de prompto subsidio. Quando chegastes tratava com o sargento-mór do Estado sobre este assumpto , e buscavamos homem para a difficil empreza. Quereis ser esse homem, vós que estaes na altura della ?...

— Sou captivo da bondade que usa Vossa Senhoria para comigo ; e acceitaria reconhecido o cargo, si não fôra sobejo de mais para as minhas forças.

— Desse ponto não sois o melhor juiz ; fio mais do meu aviso. Podeis retirar-vos em liberdade, deixando-me em penhor vossa palavra de como não vos batereis em desafio com D. Fernando ou qualquer outra pessoa ; e ordenae vossa partida para daqui a oito dias, emquanto se arranja a expedição que deveis commandar.

Estacio empallideceu de leve ouvindo o Governador, mas logo recobrou-se:

— Não poderei dar á Vossa Senhoria uma palavra que não saberia cumprir! Quanto á expedição, um negocio muito particular, do qual depende a minha vida, reclama agora a minha presença nesta cidade. A patria, a quem pertencerá o resto dessa vida, bem póde dispensar-me tão mingoada porção de tempo, quando lhe sobram tantos e mais experimentados servidores. Creio mesmo que se me deve essa compensação, pelo muito que perdi.

D. Diogo longe de irritar-se com a firmeza e o tom da resposta, tornou benevolo:

— Sei ao que alludis, Estacio Corrêa. Tendes um amor desventurado. Quem não os teve na vossa idade?... São como as primeiras flores das arvores que nunca geram fructo, e murcham de si mesmas. Entrastes agora na juventude: essa primeira decepção longe de vos desanimar, deve alentar novos e maiores arrojos. Subi-vos pelos nobres commettimentos á altura a que deveis chegar e não receieis que d'ahi vos recusem a mão daquella que elegerdes para vossa companheira e socia de vossa existencia!...

— Chegaria tarde. Quando voltasse já não encontraria a quem offerecer o premio desses serviços.

— Porque não ha de o vosso coração sentir e inspirar outra affeição, mais forte e vigorosa, por isso mesmo que se approximará da virilidade e robustez do homem?

— Fallou Sua Senhoria ha um instante das primeiras flores das arvores que não vingam em fructo; mas tambem tenho eu visto ás vezes, discorrendo estes campos nossos, algum arvoredo que não dá mais que uma flor; e depois dessa camada seccam e mirram para sempre!

O joven fallou com uma voz que sahia do coração. D. Diogo conheceu quanto era violenta e indomavel a paixão que assolava aquella vigorosa organisação.

— Cerremos aqui esta pratica. Ella vos deve convencer do grande interesse que tomo por vossa pessoa, mancebo; pois esqueci-me a ponto de discorrer amores comvosco. Não enchergae portanto na medida que vou tomar á vosso respeito, excesso de rigor e dureza, senão zelo temperado por alguma severidade precisa. Confessastes ha um instante, que não poderieis conter os impetos da

paixão que vos arrastou ao desafio com D. Fernando, e vos arrastaria mais tarde á novas loucuras. Sou obrigado pois, bem a meu pezar, não só para cumprimento da lei, como para vosso proprio beneficio, a reter-vos prezo e encerrado.

— Como a Vossa Senhoria approuver: respondeu Estacio sentindo gelar-lhe a medula, mas revoltarem-se os brios.

— A menos, disse o Governador com intenção, que não estejaes resolvido a partir para o Ceará, e me dês a palavra exigida, pois levo a confiança em vossa honra á ponto de não duvidar do seu cumprimento, uma vez dada.

— E' impossivel, senhor!... Mandae-me encarcerar.

O Governador tocou a campainha, e acodindo o reposteiro mandou que chamasse o capitão Manoel de Mello.

— Conduzireis o prezo ao Castello de S. Alberto, com a ordem que vos será entregue por meu secretario, neste mesmo instante.

Na antesala encontraram o doutor Vaz Caminha que esperava pela decisão, pensativo e triste, mas resignado. Ao abrir da porta, ergueu-se rapido, e approximou do mancebo. Estacio, ainda sob a pri-

meira impressão dolorosa do golpe que o atordoava, lembrou-se pondo os olhos em Vaz Caminha, que sem a brusca intervenção do velho doutor, que obstára o duello, estaria elle áquella hora desassombrado do seu maior cuidado, que era o seu rival e tambem livre e solto pelo auxilio de João Fogaça.

— Eis o que fizestes, mestre!... Prezo, e sabe Deus por quanto tempo!... disse o moço com doce exprobração.

— Não é agora occasião para as recriminações, filho; mas si não me houvesses occultado vosso intento, não acontecêra isto.

— Eu sabia que não darieis o vosso consentimento.

— Rasão de sobra para discutirmos ambos o assumpto, pois dois conselhos aproveitam mais que um.

— Andei errado, confesso: mas já que não tinha remedio, melhor era decidir logo de uma vez.... Ou matava-me elle a mim ou arrancava-lhe eu a ferro o juramento de não casar com Inezita. Viesse embora a prisão, que não vinha vos seguro eu.

— Esse juramento de D. Fernando ainda podereis obte-lo, Estacio?

— Agora, tolhido da minha liberdade, e sepultado n'alguma masmorra?... Nada mais espero, mestre, senão morrer breve nesta terra onde ella vive, misturando os soluços da agonia aos murmurios das ondas que gemiam quando da primeira vez a vi, exhalando meu ultimo suspiro no seio da brisa para que me ella respire em sua alma, de envolta com o ar. Essa morte, prefiro-a eu á vida e liberdade que me offereciam pouco ha, mas longe d'aqui, longe della, nos sertões d'além.

O moço ia contar o que passára entre elle e o Governador, quando apresentou-se o capitão da guarda com a ordem de prisão na cinta. Vaz Caminha teve tempo de lançar ao ouvido de Estacio estas breves palavras:

— Não desespereis!... Até amanhã talvez!...

No começo apenas da luta que ia travar com seu destino adverso, quando ainda não tinha nem as forças provadas, nem o habito do successo que gera a confiança e o arrojo invencivel, Estacio ficou nos primeiros momentos acabrunhado sob o peso da fatalidade que pezava sobre elle. Repassando os acontecimentos do dia, reflectia nas vicissitudes

que soffrêra seu plano tão bem concertado até ser afinal e completamente anniquilado.

Parecia-lhe isso uma zombaria cruel da sórte, que podendo acabar com elle de uma vez, o fazia seu joguete e escarneo.

Mas era da melhor e mais fina a tempera dessa alma ; e si agora dava de si e embrandecia com o primeiro fogo, não tardava que sahisse mais rija e adamantina dessa primeira prova.

O forte de S. Alberto, sito sobre um lagedo ilhado e fronteiro ao ancoradouro das naus era pela sua posição tambem conhecido por castello do mar. Ainda hoje ali existe no mesmo lugar, com o mesmo nome mas na construcção inteiramente outro do que era então. Tinha ao que parece naquelle tempo carceres fortes e seguros, pois ahi eram guardados os captivos de guerra e presos de estado.

Já Estacio e a guarda que o acompanhava haviam embarcado em um batel nas Tercenas da Ribeira, e estavam em metade da travessia, quando o moço deu por Gil que o acompanhara desde palacio, e agora de pé sobre a lagem da praia, alongava os olhos no seguimento do batel, para

despedir-se de seu amo querido, e ao mesmo tempo saber onde o levavam. O menino enxugava com os dedos as lagrimas que os olhos debulhavam; e tinha desde a manhã um soluço á rouquejar-lhe no peito.

Avistando o, o cavalleiro ergueu o braço e apontou para o castello do mar dizendo ao capitão para disfarçar esse movimento:

— E' ali que me levaes, capitão?...

— Breve o sabereis! respondeu o official que estava de máo humor

Pouco se deu o moço com a sequidão da resposta. Gil tinha comprehendido o seu movimento, pois de repente saltára da lagem e disparára a correr pela ribeira veloz como um cervo. Onde e a que ia elle desse passo, era o que não podia adivinhar o preso; mas não duvidou um instante que o brusco desapparecimento do pagem annunciasse uma resolução prompta e favoravel.

O batel encostou á barbacan do castello; e emquanto esperava o capitão pelo condestavel da homenagem do S. Alberto para lhe fazer entrega do preso, Estacio encostou-se ao parapeito das baterias. Nessa occasião ouvia-se do lado das ter-

cenas do Collegio a celeuma de um navio que levantava anchora, e desfraldando as vellas ao fresco terral, singrava barra fora. A attenção do moço foi distrahida de seus cuidados por esta scena agradavel da vida maritima. Era realmente um bello e soberbo navio, o galeão *Santo Ignacio*, pertencente á Companhia e construido nos seus estaleiros da Bahia das melhores madeiras do Brasil sob a direcção dos mesmos Padres.

Fazendo-se no bordo do mar, o alteroso galeão passou á falla do forte e tão proximo que se via todo o convez. Ali proximo á habitacula com a vista derramada pelos horisontes, estava um frade, que voltou-se para examinar o castello de S. Alberto no momento em que passava debaixo de suas baterias. Estacio conheceu o P.' Gusmão de Molina; e recordou-se das revellações feitas na vespera pelo doutor Vaz Caminha. Ahi estava deante de seus olhos a confirmação de todas as suspeitas do sagaz advogado: o frade naturalmente depois de haver sondado na cidade do Salvador a existencia delle Estacio, partia para o Rio de Janeiro á busca do roteiro.

Era mais uma esperança que se apagava! De seu lado tambem o Visitador reconheceu Estacio

no parapeito do castello; e sorriu. Soubera elle da prisão uma hora depois por Tiburcino, que deixando D. Fernando na sachristia da ermida e fechando-lhe a porta sobre, voltára ao lugar do desafio e de longe acompanhara a guarda até palacio. Mais tranquillo ainda com este accidente, partia pois o astuto jesuita, qual novo Jasão, á conquista do vellocino de prata.

Estacio acompanhava com os olhos a singradura rapida do soberbo galeão, quando appareceu no terrado o condestavel. Era um bravo veterano, que pelejára os mouros na India e os francezes no Rio de Janeiro; rispido de maneiras, mas no fundo bom coração:

— Mancebo, Sua Senhoria me ordena que vos tenha em boa guarda! Dae-me a vossa palavra, e tereis todo o castello de menagem.

— A minha palavra, senhor condestavel, me prenderia mais do que os muros da vossa fortaleza.

— Pretendeis então evadir-vos, mancebo!... Cautela comigo!...

Estacio sorriu:

— O que pretendo fazer, e o que será, Deus

o sabe!... Tomae vossas cautellas, e dai-vos por avisado!...

— Irra!... Com seiscentas mil bombas e bombardas!... Quereis zombar comigo!... Pois vereis de que especie são os carceres de S. Alberto. Tenho justamente um devoluto e á vossa disposição, pois morreu-lhe hoje o morador!... Irra!...

O condestavel bufando e puchando os bigodes deu tres gritos que fizeram saltar deante delle o chaveiro. Estacio foi lançado no promettido carcere. Era uma cava humida e infecta, construida abaixo do nivel do mar, e esclarecida por duas estreitas seteiras abertas no alto da cortina exterior do forte. No momento em que elle ahi entrava removiam o corpo de seu finado antecessor. O moço sentiu apertar-se-lhe o coração, pensando que talvez elle tambem não sahisse vivo daquella sepultura, onde o lançavam.

Mas logo que a pesada porta bateu, e que elle sentiu-se amortalhado na humidade que lentejava das paredes, a vida exhuberante que se expandia em todo o viço de sua joven e robusta organisação, reagiu fortemente contra o regelo e torpor do carcere. Pareceu-lhe que lhe cresceriam as forças

como a Sansão, para abater os muros que lhe tolhiam a liberdade, e a abobada de pedra que lhe esmagava as expansões da mocidade.

VI

No qual o christão se faz judas.

Seriam dez horas da noite. A cidade, muito havia que repousava; não se ouvia nas ruas desertas senão o passo vagaroso e duro dos quadrilheiros que voltavam da ronda nocturna depois do toque de recolher, e o piso lesto de algum jogador ou

namorado que ao abrigo das trevas buscava a espelunca da tavolagem ou a rotula da amante.

A' porta de uma casa da rua das Palmas, que já nos é conhecida, parou um vulto embuçado, que bateu subtilmente, mas com um modo symbolico : o postigo da porta logo abriu e tornou a fechar, mal desappareceu o nocturno visitante. Dahi á instante outro vulto e outro até contarem dez com o primeiro, foram entrando á intervallos e pela mesma forma. Então ouviu-se o baque dos ferrolhos corridos e da tranca apertada contra a porta ; signal de que nenhum mais era esperado.

A casa do mercador Samuel, era construida de encontro á encosta oriental da montanha, que serve de assento á cidade ; na frente era sobrado e nos fundos casa terrea ao que parecia ao menos. Havia porem por baixo uma sala subterranea onde tinha o judeu escondido o seu cofre ; e para a qual se entrava por um alçapão. Foi nesse aposento, que os dez vultos, sabedores dos escaninhos da casa, se reuniram á um e um.

Na ponta de uma banca longa e rasa onde se viam o livro sagrado do antigo testamento e outros symbolos da religião judaica, estava sentado

o velho Samuel pensativo e cabisbaixo ; em face delle uma lampada mortiça lhe esclarecia o rosto adunco e hirsuto. Os outros, á medida que entravam diziam pausadamente a saudação habitual :

— O Deus de Abraham e Jacob vos dê força, veneravel rabino.

Depois sentavam-se ao longo da mesa de uma e outra banda mais ou menos afastados conforme o gráo de cada um. Quando o numero ficou completo, Samuel erguendo a fronte deu o signal da prece.

As scenas que seguem pelo seu encadeamento com a historia não poderiam ser bem comprehendidas sem a recordação de certos acontecimentos do tempo.

Continuava entre a Hespanha e a Hollanda a guerra que havia começado em 1579; porem nesse ultimo paiz dividia-se a opinião á respeito da conveniencia de sua continuação.

O partido da paz ganhava cada dia novas forças, apesar dos grandes esforços de Usselincx. Esse chefe illustre do partido da guerra diz Netscher, fixou a attenção sobre o Brasil, donde já exportava a Hollanda annualmente o valor de 4.800.000 florins em assucar, afora madeira de

tinturaria, algodão e outras mercadorias. Não obstante a magnifica prespectiva dessa conquista, que se antolhava de facil execução pelo desamparo em que deixava a Hespanha suas colonias de origem portugueza, preponderou o voto da paz nos Estados Geraes, e concluiu-se um armisticio de doze annos, que não foi respeitado pelos contrabandistas nas colonias.

Ao tempo em que vae correndo esta chronica, nos principios do anno de 1609 não era ainda chegada ao Brasil a noticia da tregoa; e portanto não haviam cessado as hostilidades como não cessaram mesmo depois, ainda que de um modo mais encoberto. Ora os judeos da cidade do Salvador, como os de todo o Brasil, ameaçados da revogação da lei de 30 de julho de 1601, que lhes permittiu a passagem á colonia, apesar de a haverem comprado por 200.000 cruzados; faziam votos pela continuação da guerra e alimentavam a secreta esperança de ver o estado do Brasil passar ao dominio da Hollanda, á quem na falta da lingua e da origem, os ligava o santo e poderoso vinculo da religião.

A esse fim tinham mandado á Haya mestre Braz com a carta dirigida a Usselincx; e era

com esse elemento que o illustre chefe da guerra acenava áquella nação de mercadores e marinheiros para as riquezas fabulosas da terra de Santa Cruz. A mensagem dos judeus tivera o effeito de activar mais o corso nas costas do Brasil, e estender o contrabando ; porém a esperada conquista da cidade do Salvador era ainda um projecto, que só mais tarde em 1624 veio á realisar-se.

Entretanto não perdiam os judeus da Bahia a esperança de sua redempção, e consolavam-se mercando por contrabando com os navios hollandezes, que visitavam nossos mares, as novidades da terra, como assucar, páo brasil e algodão, pelos productos europeus adquirindo nesse trafego avultados capitaes, que traziam bem aferrolhados. Servia-lhe de agente nessa empreza arriscada o ardiloso mestre Braz, que além da boa esportula, tambem lucrava encartar a sua bisca na carga do navio.

O pescador, que na vespera de Reis entrára na taberna, não era senão o capataz da Companhia que elle tinha de espreita ao longo da praia para annunciar-lhe a chegada do barco contrabandista : por meio de um jogo de laternas de côr anilada,

annunciavam os hollandezes para a terra a sua chegada. O espia a communicava ao Braz, que avisava Samuel, e partia a entender-se com o commandante.

Terminada a prece, Samuel tirou do seio da oparlanda um papel dobrado em fórma de carta, e dirigiu-se aos outros rabinos :

— Reuni-vos, veneraveis irmãos, para communicar-vos que é chegado o navio que esperamos. Nossa irmão Braz, me deu aviso hontem tarde da noite, e logo partiu a entender-se com o commandante e saber o que nos trazia da Europa. Eis porque só hoje nos achamos aqui juntos para tratar dos nossos interesses. O navio tem pouca demora, e portanto apressae vossas mercadorias.

O rabino calou-se um instante, emquanto os outros pestanejando de alegria, calculavam já os lucros provaveis das futuras operações.

— Outro negocio porém de maxima importancia deve hoje prender vossa attenção, veneraveis irmãos. Usselincx nos escreveu : na data de sua carta fallava-se muito na paz, e havia receios de que o partido della venha a final á triumphar : comtudo, fiel ás promessas que nos fez, combattia com todas as suas forças tal voto, proclamando a

todos a grande vantagem da conquista destas terras ; mas temem-se lá das difficuldades da empreza e do receio de ser mal succedida ; pelo que se podessemos enviar novo emissario, importante pelo seu estado e authorisado de sua palavra, me parece que isso lhe dera muita força e decidiria talvez do resultado.

— Tambem eu assim penso, murmurou um rabino velho.

— Aqui tendes a carta para que della tomeis pleno conhecimento. Vereis que no final insta elle pela liberdade dos tres officiaes prisioneiros.

Os judeus foram lendo e passando de mão em mão a carta que lhes mandára Usselincx escrever por seu secretario : terminada a leitura esperaram que o velho Samuel sahisse de sua meditação.

— Bem avaliaes, sem que necessite de vos demonstrar, de quanto mal seria para nós a paz na presente conjunctura. A lei que tão caro resgatamos do 1.º dos Filippes já nos ameaçaram de tira-la e breve no-la roubarão, para ver si lhe pomos maior preço ainda ; pois quando as cousas de governio se mercam, ficam em almoeda á quem mais dá. Portanto devemos abandonar a idéa de novas avenças, que não serão mais do

que occasiões para maiores fintas, com que afinal nos tirarão até a ultima gota de sangue. E não se conta o despreso e odio em que nos tem a raça christã, cobrindo-nos de baldões e injurias e tratando-nos abaixo de seus captivos.

Um grunhido de dor percorreu a fileira dos rabinos.

— A conquista da terra pelos nossos irmãos flamengos é a nossa unica esperança de redempção !

— Fallaes como o propheta, veneravel Samuel ; mas si como nos diz a carta, concluio-se a paz, ainda não terá fim o nosso captiveiro.

— Tenho pensado ; creio que si podessemos enviar agora á Haia esses tres officiaes flamengos, prisioneiros nesta cidade, pelos quaes tanto tem de lá instado comnosco ; e ainda mais si esses officiaes gratos ao beneficio levassem com uma nova mensagem as informações precisas para a facil tomada desta primeira praça aos portuguezes ; o voto dos Estados havia de ser pela guerra e conquista destas ricas possessões que os christãos não sabem aproveitar.

— Como podemos nós chegar ao cabo de tamanha empresa si todos os esforços hão sido

baldados? Propuzeram o resgate que secretamente nos offerecemos á pagar por elles e foi recusado: tentamos a evasão, que a principio parecia bem estreada, e esbarrou pela difficuldade que sabeis, da senha.

— E' verdade quanto dizeis, respeitavel Samuel; porem maiores difficuldades venceram nossos primeiros paes quando deixaram a terra do Egypto em busca do paiz de Canaan. O Deus que guiou Moysés no deserto illuminou meu espirito. Si approvaes a empresa e julgaes que seja coroada de bom resultado, confiae de mim o sacrificio da execução.

— Obrai, veneravel Samuel: pomos em vós a nossa salvação.

— Não é justo porem que o sacrificio pese unicamente sobre um; manda o Senhor que o reparta por todos na proporção de suas forças. Vou arriscar por vós minha existencia; e portanto haveis de indemnisar della a minha Rachel, na somma de vinte mil cruzados, com que contribuireis repartidamente.

— Por tal preço não poderemos!...

— Sem duvida; antes perca-se tudo.

— Realisae então isso á que me proponho, e vos contarei eu os vinte mil cruzados!

Todos calaram-se curvando a cabeça. Dissolveu-se a synagoga silenciosa e tranquillamente como se reunira.

No dia seguinte, quando Rachel foi como costumava saudar seu velho pae, o mercador depois que a abraçou, mandou que se sentasse ao seu lado; e dando-lhe o velho testamento, disse-lhe com doçura e carinho:

— Filha, abri o livro santo e lede-me o livro de Esther.

Rachel obedeceu; e sua voz maviosa começou á recitar como um canto os versetos da Biblia.

— Basta, filha. Lede agora o livro de Judith.

A moça correndo as folhas buscou a passagem pedida:

3 — « E ella lavou seu corpo e se perfumou de mirrha e ornou o seu cabello e poz uma aureola na cabeça, e se adereçou com as vestes de sua alegria e calçou os pés nas sandalias e tomou armillas, lyrios, arrecadas, anneis, e cobrio-se de ornatos. »

4 — « O Senhor fez brilhar sua belleza, por que todo esse enfeite não era inspirado por máo

desejo mas por sua virtude ; pelo que o Senhor augmentou sua belleza para que ella apparecesse á todas as vistas de um brilho incomparavel. »

O velho estendeu a mão sobre o livro e tomou-o : depois ficou em extase contemplando a filha que lhe sorria :

— Como és formosa, Rachel ! tu podias te chamar Noemi a bella ! E's mais formosa que a rosa de Jericó ou o lyrio de Geslaad.

O velho estacou triste e sombrio :

— Porque vosso semblante se annuvia, pae, como o cimo do Oreb ?

— Rachel, a raça de teu pae vae ser expulsa desta terra onde nascestes talvez para outra de mais duro captiveiro.

— Que proferis, pae ?...

— A salvação nossa, a redempção de teus irmãos o Senhor poz em tuas mãos, filha !

— E' possivel !... Dizei o que devo eu fazer !

— Tres officiaes flamengos estão presos ha cerca de um anno no forte de São Alberto. E' preciso que elles vão o mais breve possivel á sua patria buscar as cohortes que virão libertar-nos, como as phalanges de Cyro libertaram nossos paes do

captiveiro em Babylonia. Um homem pode tira-los dos carceres onde jazem ; e esse homem, tu o sabes.

Rachel palpitou :

— Quem é elle, pae?

— D. José de Aguilar, o maior amigo do tenente Bezerra, ajudante do condestavel do castello. Basta que o alferes saiba delle o santo da guarda. Isso é a primeira cousa ; outra resta e igualmente facil : é a copia de um relatorio que fez D. Diogo de Campos, sargento-mór do estado, ao Governador , sobre a fortificação e milicia desta cidade.

O velho poz então na filha olhos vivos e penetrantes que lhe entraram até o coração.

— Si tu quizeres , Rachel , D. José fará isso sem hesitação.

O rubor vivace que accendeu as faces da donzella, apagou-se logo, desbotado por um ironico sorriso :

— Que significam tuas palavras, pae? perguntou a moça.

— Na quarta feira á noite quando o fidalgo aqui esteve, escreveu-te este bilhete que me cahiu nas mãos. Respondei-lhe que venha hoje á meia noite,

o tu lhe fallarás aqui nesta sala, emquanto eu estiver embaixo encerrado.

— Mas pae, sabeis o que exigis de mim? Só com elle, á noite...

— Esther foi só á presença de Assuerus por conselho de seu tio, e Judith á tenda de Holophernes por inspiração divina! Ambas sacrificaram-se pelo seu povo. Terás tu degenerado desse sangue, Rachel?

— Nem Esther, nem Judith, pae, amavam o homem á quem se foram entregar friamente!... respondeu a moça com uma voz estrangulada.

Os olhos do judeu scintillaram:

— Teu sacrificio, filha, será então mais doce do que foi o dellas: respondeu o judeu com um sorriso melifluo atravez do qual sentia-se a ponta de um estilete.

Rachel ergueu-se com um sublime assomo:

— Seja feita a vossa vontade, pae! Mas vos previno que é uma tentativa inutil!... Elle não acceitará!...

— Não te conheces, Rachel!

— Si me conheço!... Digo-vos eu e juro, que o homem digno do meu amor recusará com indignação semelhante infamia!.

— Escreve sempre, Rachel !...

A moça sentou-se ao bufete e escreveu simplesmente as seguintes palavras:

« Esta meia noite ha na rua da Palma uma pessoa que anciosamente vos espera. »

Sobrescriptou á D. José de Aguilar, e entregando ao velho Samuel a carta retirou-se precipitadamente á sua recamera. O amor casto e delicado que enchia o seu coração como um lago sereno, acabava de ser toldado por um lodo infecto e negro.

O alferes recebeu o recado escripto de Rachel nessa mesma manhã, poucas horas depois da scena passada em casa do judeu. Imagine-se qual não foi sua alegria, e a vaidade de que encheu-se por tão famosa conquista. Nesse dia recolheu cedo á casa para ataviar-se com primor; e mal foi tangido o sino de recolher já elle media de uma á outra ponta a calçada da Palma, como uma sentinella de posto de guarda.

A' meia noite em ponto ouviu á final abrir-se a rotula do sobrado, e a voz maviosa chamar por elle e perguntar si ahi estava. A outro mais observador do que o alferes não passara desapercebido o tom resoluto e o modo desembaraçado

com que a menina, tão timida á dois dias, lhe fallava agora, e o convidava á subir por uma escada de cordões de seda presa ao peitoril da janella. Não se fez rogar o namorado cavalleiro, e com a impavidez que lhe era propria assaltou a escada e em dois arrancos achou-se na sala.

Rachel o esperava, e sem resistencia deixou que ajoelhasse á seus pés e lhe beijasse as mãos. Convidando-o a sentar-se perto do cochim de damasco, dirigiu-lhe a palavra fria e melancholica:

— E' verdade que me tendes amor, cavalleiro?...

— Duvidaes ainda, formosa Rachel?

— Tanto não duvido, que aqui estaes agora para m'o provar.

— Si for preciso a minha vida para isso, ainda a acho pouca, senhora.

— Será preciso menos ou mais do que ella, conforme vosso pensar. Tambem eu vos amo, cavalleiro, e vos amei com fogo santo até este instante pelo menos!

— E porque não me amareis sempre, senhora?

— Depende de vós e da maneira por que ides responder á esperanca que em vós depositei.

— Fallae pois, senhora, e apressae.

Rachel reproduziu então o que lhe havia dito seu pae tanto á respeito do santo para evasão dos prisioneiros, como sobre a memoria da fortificação e milicia da cidade do Salvador. O fidalgo ouviu-a todo o tempo em sobresalto, e por varias vezes quiz interrompe-la ; porem não o deixou a linda judia, que terminou á final com um sorriso extranho.

— Mas é uma traição que exigis de mim, senhora ! E' mais do que a vida, dissestes bem ; é a honra.

Os olhos de Rachel scintillaram com um esplendido fulgor, que lhe ornou a fronte como de uma aureola :

— Sim, disse ella com voz profunda ; é a vossa honra, cavalleiro.

Depois, como si uma nuvem cobrisse de repente a luz de seu semblante, continuou com a voz surda e ensopada em ondas de sarcasmo :

— Mas Samuel pedindo isto á sua filha, lhe disse : —« Ao homem que te fizer este sacrificio, nada recusarás, Rachel, como nada te recusarei eu si delle obtiveres o que te peço. »

— Nada ?... exclamou o alferes, pondo nesta

breve palavra um abysmo de sensualidade e depravação.

O labio da judia encrespou com a chamma offegante que lhe exhalava do seio, envolta na respiração. Sua pupilla grande negra e avelluda-la, desviando do semblante do moço, escondeu-se sob as palpebras á meio cerradas, porque lhe repugnava chafurdar no lodo daquella alma. Mas vencendo esse impeto de nojo, a moça procurou no cinto orlado de perlas que lhe ajustava o corpilho, uma pequena chave de ouro, que mais parecia de algum cofre de sandalo ou marfim; era da sua recamera virginal, cofre de belleza, innocencia, castidade.

— Eis o preço do serviço! Aquelle que em dois dias me trouxer a palavra e o papel pedido, será senhor desta chave e de quem ella guarda. Comprehendeis agora?

O sangue do alferes ferveu-lhe nas veias.

— E Samuel consente nisso?... disse elle pasmo.

— Samuel tem a alma de Abraham, e sacrifica o amor de sua filha á religião de seus paes!...

— E tambem á ganancia que espera!... Mas outro que o ajude á pilha-la, não eu!... disse o

fidalgo voltando as costas e encaminhando-se á porta.

A bella figura da judia resplandeceu innundada no jubilo immenso que lhe vertia d'alma. Seu peito de repente acommettido por aquella forte emoção, estalou n'um grito que era de prazer, mas ainda immerso na dôr.

— Recusaes?...

O alferes tinha feito uma falsa retirada, tactica sempre bem succedida nos seus assaltos amorosos. No meio da sorpreza que lhe causara a extranha proposição da moça, viera-lhe uma suspeita sobre a sinceridade de Rachel, e a parte que o judeu tinha em tudo isso. Ouvindo a exclamação da judia, que elle tomou por um grito de afflicção, se voltou sorrindo.

— Ora, formosa Rachel, quem me diz que o espertalhão do vosso pai não faltará ao promettido, no que é useiro e veseiro!...

— Não me acreditaes? disse a moça com soberano despreso.

Com a mão afilada e mimosa bateu n'uma especie de timpano que havia encravado na parede. O velho Samuel que assistira á toda a scena precedente por detraz de uma porta occulta na ta-

pessaria, metteu debaixo da oparlanda o longo punhal, e dando volta foi apparecer na porta da sala.

— Pae, disse Rachel vendo-o entrar, repetilhe o que prometteste.

O velho erguendo ao céo os olhos extacticos e dando á sua phisionomia veneranda um ar inspirado, proferiu lentamente:

— Pela palavra do propheta juro que si fizerdes o que vos peço, vos entregarei Rachel, como entregou Labam sua filha á Jacob.

— No mesmo instante?...

— No instante mesmo em que me trouxerdes a palavra do santo e a copia do papel.

O cavalleiro soltou uma gargalhada.

— Acceito, e concluido! Apertae!...

Os dois trocaram um aperto de mão, signal de ractificação do pacto.

— Então, cavalleiro, disse Rachel, até amanhã á esta mesma hora e neste mesmo logar!

— Aqui estarei a vossos pés, tyranna desta alma.

Beijando com galanteria a mão da judia, o alferes acompanhou o judeu até a loja no pavimento terreo. O digno Samuel desejava entrar em maiores

explicações á respeito da empreza que iam tentar, pois não contando com a esperteza do alferes, só o empregava como simples instrumento, indispensavel para a execução do seu plano :

— De que traça usareis, senhor D. José, para obter o Santo ao tenente Bezerra, sem que elle suspeite de vós ?... Isso é essencial.

A pergunta embaraçou o fidalgo ; foi como uma rocha que desabasse sobre os castellos de sua imaginação. D. José, soldado e cavalleiro, presava em alto gráo uma cousa que elle chamava sua *honra* ; palavra de tão vario sentido entre os homens e os povos de todos os tempos. O que lhe pedia Rachel era no seu modo de pensar uma infame traição á patria e á religião. Si fosse um homem quem ousasse, não já propor, mas sómente fallar disso como de uma cousa possivel, elle o atravessaria incontinente com sua espada. Mas era uma dama ; e a galanteria tolerava esse brinco.

Entretanto ouvindo de Rachel qual seria a recompensa do serviço por ella reclamado, o alferes refinado namorador, teve uma feliz lembrança. Elle podia inventar uma palavra de santo ; arranjar uma falsa cópia da memoria do sargento-mór : e assim sem traição, por uma simples esperteza,

lograr a tão cubiçada ventura. Parece que a honra como a entendia o alferes se accomodava com essa villania, pois apontando-lhe no espirito um levo escrupulo, elle o dissipou com essa judiciosa reflexão.

— No codigo de amor não passa de um estratagema de guerra!... E deve ganhar indulgencia plenaria quem enganar um judeu, tão refinado velhaco!

Deste orthodoxo pensamento foi echo e applauso a gargalhada de ha pouco.

Quando pois lhe fez o judeu a pergunta, elle que não tinha outro plano senão o da sua grosseira invenção, ficou atarantado sem saber, que resposta dar: afinal sahiu do seu embaraço com esta coartada:

— Lá isso te toca, digno Samuel, refinado velhaco. Estou prompto a servir-vos; mas não tenho tempo, nem geito para martellar a cabeça.

— Si permittis, submetterei á vossa approvação um meio que me occorreu, e me parece o melhor pela sua simplicidade.

— Vamos á isso sem detença!...

— A copia do papel, essa nada custa; podeis faze-la amanhã durante o dia. Quanto ao santo,

si fosseis por volta da tarde ao castello de S. Alberto convidar vosso amigo para uma ceia divertida em casa do Braz...

— Quem pagará o pato, Samuel?

— Não vos dê isso cuidado; fica por minha conta. Mas si fosseis, como dizia, por tarde, ao sahir, fazendo elle confiança em vós, não duvidaria dar o santo em vossa presença, ou si o não desse, por qualquer outro modo virieis ao seu conhecimento. Não vos parece?...

— E' bem combinado, sem duvida. Que mais?

— Então chegando á casa do Braz, farieis modo de metter-lhe dentro algumas canadas de vinho, o que deve estar feito até meia noite.

— E' tempo de sobra. O resto?...

— O resto?... disse o judeu com um suspiro. Já sabeis: emquanto elle lá ficar esborrachado em baixo da mesa, correreis aonde vos esperam.

— Tudo está muito direito, Samuel; mas de uma cousa já vos previno. Não tereis a senha e o papel senão na hora justa... Entendeis?... Mão para lá, mão para cá.

— Sem duvida; nessa idéa estava eu!...

— Pois mandae preparar a cêa, sem mesquinharia, ouvistes?...

— Oh! uma cea de principe, digna de Vossa Mercê.

D. José ergueu-se para sahir; mas parou lembrando-se de alguma cousa.

O judeu que parecia esperar essa volta sorriu:

— Meu senhor, não carece de alguma moeda?

— Já que estou aqui, veneravel usurario, aproveito a occasião. Dae cá um cartucho de vinte moedas, que vou passar-vos o bilhete.

Samuel dobrou uma folha de papel, e escreveu bem no alto da dobra um valle, não de vinte mas de cincoenta moedas, que apresentou ao fidalgo. Este riu e assignou.

O judeu contou o ouro; o alferes o metteu na bolsa, muito ancho de si e convencido de ser um fidalgo incapaz de acção feia, que sahia dessa casa levando a honra salva; entretanto emprestava dinheiro do usurario á quem no dia seguinte pretendia enganar vilmente.

— Até amanhã, honrado filho de Judá!...

— Uma palavra ainda, senhor D. José de Aguilar. Pode bem ser que vos tenha vindo á idéa, á vós nobre senhor, de zombar de uma pobre moça que vos ama, e de um misero velho, que nada já espera deste mundo.

O alferes fitou os olhos admirados no judeu, espavorido de ver como elle lia-lhe no coração.

— Como vos veio semelhante idéa, Samuel?

— Ambos acceitamos de nossa livre vontade o pacto. A parte de cada um é igual; honra por honra; ventura por ventura; a vossa na terra, a minha no céo. Eu vos jurei na palavra do propheta; jurae vós pelo nome de vosso Deus.

O alferes apanhado de sorpreza empallideceu; e sentindo o peso do olhar scintillante do judeu, balbuciou um tibio juramento.

— A maldição do Senhor caia sobre a cabeça do desleal e perjuro!...

Atordoado pela solemnidade dessa imprecação o moço fidalgo ganhou a porta e desappareceu. Dahi a meia hora esquecia elle as suas aventuras amorosas na tavolagem de mestre Braz, onde o esperava uma grande sorpresa. A primeira pessoa que viu ao entrar foi D. Fernando, que jogava um jogo de Belzebuth, fazendo dansar deante delle as mancheias de moedas de ouro, que vinham umas apoz outras amontoar-se em pilhas junto á sua bolsa.

— Com a breca, até quando vos quer durar essa veia infernal! exclamava Manoel de Mello.

— Não tem que ver!... Jogador novato, é sempre assim.

— O azar protege a innocencia!

— Embora! acodiu João d'Affonseca. Vou mais pelo ditado; que ventura em amores traz desventura no jogo!

— Pois aqui vedes o avesso!...

— E isso mesmo é o que me admira!...

D. Fernando teve um sorriso amargo:

— Pois sou eu o modelo de todas as venturas juntas.

Nesse instante sentava-se D. José, que só retirou-se pela madrugada deixando ahi o cartucho das cincoenta moedas. Não obstante o cavalleiro dormiu um somno tranquillo até o outro dia sol alto; ao erguer-se recordou-se do que passára na vespera. O juramento que lhe arrancára Samuel estava lhe incommodando um cantinho da consciencia, como uma dobra no calcanhar da meia. Nisso ouviu a voz de Fr. Carlos da Luz que fazia a sua visita habitual: serenou-lhe subito o arripio da consciencia: lembrara-se que o frade o absolveria do peccado.

VII

Em que se cava o passado para enterrar uma esperança.

Na manhã do dia antecedente, em que se contavam nove de janeiro, o doutor Vaz Caminha sahiu de casa com destino á morada nobre de D. Fernando de Athayde.

O gesto e o passo do advogado mostravam muita tristeza e gravidade maior da costumada.

Quem o vira assim avançando lentamente havia de conjecturar que ia á alguma visita de pesames, tal era o ar pezaroso e compungido que tinha sob a garnacha rapada.

No dia da prisão de Estacio e depois que o levaram ao castello do mar, o advogado ficára ainda em palacio, esperando modestamente que chegasse a sua vez de ser admittido á presença do Governador para requerer-lhe em prol da soltura de seu afilhado. Nisso entrou impetuosamente pelos paços D. Francisco de Aguilar, acompanhado do filho e do futuro genro. Os fidalgos foram logo introduzidos, como pessoas das mais qualificadas da terra.

O advogado suspeitou do motivo que os trouxera, mas não acertou com o fim a que vinham. Pensava elle que sabedores da prisão do moço, vinham para lhes fazer ainda maior carga, e peiorar a sua condição; a verdade era outra. Revoltados os seus brios com o procedimento do frade bento, D. Francisco, apenas lhe referiu Fernando o passado, correu a palacio para arredar de si e dos seus a minima solidariedade naquelle acto; e ao mesmo tempo pedir ao Governador com instancia a soltura do moço. O

orgulhoso castelhano não queria dissessem que elle se temera de um miseravel rapazola, á ponto de valer-se para sua segurança da authoridade regia.

— O braço de El-rei dizia elle á D. Diogo, nada tem que ver nestas questões de honra.

— E' escusado a insistencia, senhor D. Francisco! respondeu o Governador enchendo a voz e dando-lhe um tom de inabalavel firmeza. O mancebo permanecerá na prisão para onde o acabo de enviar, e pelo tempo que eu julgar conveniente.

O letrado, de junto do reposteiro onde se abancára, ouviu essas palavras e estremeceu. Comprehendendo o motivo porque os fidalgos podiam desejar a soltura de Estacio, quasi estimou sua prisão; lembrando-se porem quanto carecia elle da liberdade, e que amargores estava áquella hora curtindo no carcere, desanimou com a resolução do Governador e a energia de que a revestira elle:

— Uma das minhas esperanças que se desvanece! murmurou. Que será das outras?

Retirados os fidalgos, e depois de boa espera chegou emfim a vez do advogado. Vaz Caminha ia recheado de textos e armado de sua formida-

vel dialectica; fallou primeiro em nome da lei, depois em nome de seus sentimentos. O Governador o ouviu com a deferencia devida aos seus creditos e saber: mas a resposta foi cortez e delicada apenas, não favoravel.

— Socegae, doutor Vaz Caminha. Estimo pelo que valem a energia do caracter e a grande fortaleza de animo que descubro em vosso afilhado. Mas é necessario dobrar-lhe o orgulho, que pode eivar tão nobres qualidades. Em um anno vo-lo restituirei melhor do que é.

— Ao menos, me permittirá Sua Senhoria ir ve-lo á prisão?...

— Pesa-me negar-vos; mas ha ordem positiva de conserva-lo no maior segredo. Talvez vos pareça nimia severidade; não pensareis assim quando souberdes que elle recusou a menagem do castello, dizendo que sua palavra o acorrentaria mais que todas as masmorras de El-rei!

— Oh! eu o reconheço nesse dito!

— Concordaes então que procedo com justiça. Crede, doutor, que o voto de pessoa tão avantajada em saber como vós, satisfaz-me em extremo.

D. Diogo presava as lettras: a fineza era sincera. Quanto ao seu rigor para com Estacio elle

explicava-se não só pela altivez do mancebo, e sobranceria com que se portára na prisão, como por uma razão occulta. O Governador se agradára do joven cavalleiro ; e desejava abrir-lhe uma carreira brilhante : as ponderações de Fr. Carlos sobre as consequencias funestas á que podia dar lugar o desafio com D. Fernando, não passaram desapercebidas : veio confirma-las o açodamento com que o senhor de Paripe insistia pela soltura do preso. O governador lobrigou em tudo isso a ameaça de uma vingança, que o amor de Inezita e o arrojo de seu amante lhe mostravam infallivel : pelo que resolveu proteger a victima fraca contra os poderosos inimigos. O unico meio de que dispunha era a prisão, a qual tornou-se assim castigo ao mesmo tempo que protecção.

Vaz Caminha sahiu desanimado de palacio. Começava a receiar que tivesse compromettido a sorte de seu afilhado, impedindo o duello pela manhã e a resistencia já operada com a intervenção de João Fogaça. Foi desse passo ter com Alvaro de Carvalho, a quem referiu a prisão do moço.

O velho alcaide esbravejou de ira, e arrancou á força de puxa-los um mólho de pellos hispidos do grisalho bigode.

— Eis ahi em que deram as vossas bugiarias de frades e conventos, Vaz Caminha. Si me deixasseis o rapaz cá a meu modo não havia de succeder isso. Estaria agora com um olho vasado, ou algum braço decepado, mas preso!... Com a breca juro-vos que não!... Preso!...

Caminha deixou passar a trovoada. Havia entre esses dois homens, de genios tão diversos e profissões tão encontradas, uma solidariedade de sentimento em relação á Estacio. Tinham-lhe sido ambos pais desde a mais tenra infancia: um fôra pai do espirito e do coração, outro pai do corpo e dos dotes phisicos. Cada um porem sentia não possuir mais que metade dessa creatura, e aspirava ao dominio absoluto; d'ahi scenas tumultuosas que se originavam, interminaveis disputas, em que o velho soldado atirava contra a logica inflexivel do advogado, os pelouros e bombardas de suas juras e imprecações.

O advogado triumphara á final, e devia, porque a sua força estava no coração; elle amava aquelle menino como o filho de sua alma, emquanto que o velho alcaide tinha apenas por elle a affeição da affinidade realçada pela vaidade de se reviver no discipulo. Estacio para elle era a

encarnação de sua mocidade; mas para o advogado era a concentração de uma existencia inteira de sentimento, a transfusão de sua alma.

— Acabastes á final, Sr. alcaide? perguntou com serenidade o advogado.

— Si acabei!.... Um dia inteiro não bastara para tudo quanto vos terei á dizer sobre este assumpto. Conseguistes vosso intento; arredastes de mim o rapaz, primeiro para clausura-lo n'um ninho de frades, depois para trancafia-lo na cadêa! Tirai-o agora de lá!

— A esse respeito vim eu fallar-vos!

— Ah! Já careceis de mim?... Já o soldado velho presta para alguma cousa?.... Aviae-vos como poderdes!... Eu não me metto nisso!....

— Mas escutae!...

— Não! não! não!... Trinta mil vezes não!... vociferou o velho com uma voz de bombarda.

— Quem vos diz o contrario?... acodiu o advogado com o tom macio. Por dizer que vos vinha fallar, não penseis que é para soltar o menino! De modo algum! Si eu estou com o Sr. Governador que elle precisa uma lição boa!....

— Hein?... Que estaes ahi rosnando?... Lição porque?...

— E' pouco andar por ahi desafiando-se com gente poderosa, por não sei que amores...

— Então parece-vos isso?... disse o velho tremendo a cabeça branca como um camaleão.

— Pois de certo.

— Pois.... pois.. pois, callai-vos d'ahi que não entendeis dessas cousas! Ide aos vossos alfarrabios. Fez muito bem! E eu vou dar-lhe um abraço.

— Heis de da-lo!.... retorquiu Vaz Caminha escarnecendo.

— E quem me ha de impedir?...

O velho soldado precipitou-se pela porta afóra, como uma torrente, e com poucos instantes irrompeu pelas escadas de palacio. Lá estava porem o rochedo frio, onde se devia pulverisar a onda dessa cholera impetuosa. O Governador habituado á aquelle caracter indomavel, o fez voltar manso como um cordeiro. Do mesmo modo que a riqueza e poderio de D. Francisco, ou a logica e saber de Vaz Caminha, o arrebatamento de Alvaro de Carvalho nada conseguiu.

O advogado recolheu muito pesaroso e tão alheio de si, que apesar do rescendente cheiro de alho que trescalava, deixou esfriar a sopa com tanto

disvello preparada pela velha Eucheria. Todo esse resto do dia levou o bom velho em incessante cogitação ; parecia que dentro delle se travara uma lucta entre dois sentimentos, e o triumpho ora pendia para um, ora para outro. A final decidiu-se a victoria ; o advogado ergueu-se com a energia de sua resolução, e disse :

— Perdoe-me Deus si faço mal.

Abriu a arca dos papeis ; procurou em um dos escaninhos de segredo um velho pergaminho lacrado, como um testamento, e depois de olha-lo por muito tempo, sentou-se ao telonio, e cobrindo-o com outra capa, escreveu no rosto :

« Declaro, eu Vaz Caminha, doutor pela Universidade de Coimbra e advogado nesta cidade do Salvador, que receiando qualquer desgraça que me possa acontecer, deposito este papel no cartorio do tabellião Belmude, para ser aberto depois de minha morte. »

Na manhã pois desse dia se encaminhava o bom velho para a casa de Fernando de Athayde. O fidalgo o recebeu de mau humor, com um modo descortez.

— Que quereis de mim, senhor? perguntou-lhe com rispidez. Não vindes por certo cumprir

a promessa que fizestes de restituir-me o adversario na hora em que o exigisse eu!...

— Cesse a força maior que lhe impede a liberdade, e vo-lo restituirei ao menor aceno!...

— Bem vistes, pois estaveis em palacio, que nos empenhamos com todas as forças pela sua soltura; haveis de reconhecer quanto a desejava?...

— Oh! sei!... Mas nada conseguistes?...

— Nada infelizmente.

— Pois, senhor D. Fernando, disse o advogado usando do remoque em represalia, já que tanto vos interessaes por esse mancebo, animo-me a confessar o motivo de minha vinda. O que me trouxe foi a intenção de fazer-vos uma supplica em seu favor.

— Quereis divertir-vos á minha custa, senhor doutor? disse o fidalgo arrebatado.

— Não fostes vós quem primeiro lançou o remoque, e sobre uma affeição legitima e sincera?... Avaliae do que havia doer-me pelo vosso desgosto.

— Escusae-me; e si nada tendes mais a dizer-me... atalhou o moço erguendo-se.

— Tenho muito ao contrario. Disse que venho fazer-vos uma supplica; repito, e crede que

vos fallo seriamente. Venho supplicar-vos uma graça !...

— Perdeis vosso tempo. Entre mim e esse homem só póde haver de commum, bem sabeis, o odio e a vingança !...

— Estacio Corrêa nada quer de vós, e nada pede, senhor D. Fernando. Não vos fallo no seu, mas no meu nome. Elle não sabe, nem saberá nunca do passo que dei !

— Mas emfim, o que pretendeis de mim ? Declarai-o de uma feita, senhor.

— Já vos satisfaço ; disse o velho calmo e acenando ao fidalgo para sentar-se.

D. Fernando resignou-se á ouvir callado, como expediente para concluir mais depressa a pratica.

— Os cavalleiros e homens de guerra, como vós, senhor D. Fernando, costumam decidir seus pleitos e ganhar emprezas com as armas na mão, em combate leal. Este que tendes em vossa presença, pobre velho acabado dos annos, é homem de paz, e escolhe para suas contendas armas mais tranquillas. O coração do adversario, que procuraes trespassar com a ponta da espada, se esforça elle por tocar sómente com a palavra. Não leveis a mal pois que venha por tantas e tão fortes

razões extranho aos vossos favores, fallar-vos de objecto mais que muito delicado para ambos.

— Os prologos são por demais longos!... atalhou o impaciente fidalgo.

— Em chegando ao epilogo talvez não penseis assim; retrucou o advogado.

Vaz Caminha revestiu-se de um ar de nobre franqueza. Uma expressão de sensibilidade derramou-se em sua phisionomia, como si sua alma terna se desdobrasse pelas rugas pallidas do semblante.

— Tenho setenta annos, senhor, e dessa longa existencia mais de dois terços foram consumidos no rude labor da profissão. Arrancado cedo á familia pelo estudo, sequestrado depois pelo trabalho, não tive tempo nem de amar, nem de ser amado. Deus me reservava essa ventura para consolo da velhice, dando-me um filho espiritual, e encarregando-o orphão aos meus disvellos. Não sabeis, nem avaliaes, senhor, do que seja esse amor; é a procreação do espirito; tem ao mesmo tempo de pae e mãe; parece que esse tenro espirito desenvolvido e bafejado por nós sahiu das entranhas de nossa alma; parece que o nosso pensamento lhe gera as graças infantis, depois

as prendas da juventude, afinal as virtudes da idade viril. E' a felicidade desse filho querido, unica familia minha, que vos peço de joelhos, senhor!.... São estas cans humilhadas á vossos pés, estas rugas surcadas pelas lagrimas, as minhas armas! Rendei-me o nobre coração, D. Fernando!...

As lagrimas corriam ao longo das faces do velho ajoelhado; e o moço sorria de desdem, sem fazer o minimo gesto para ergue-lo.

— Sois moço, fidalgo, rico de bens e nobres prendas. O caminho da vida se abre para vós semeado de flores; basta-vos estender a mão para colher a mais formosa e mais altiva. Elle, moço como vós, mas desherdado dos bens da fortuna, descido do que foram seus pais outr'ora, orphão e infeliz, de tanto que vos sobra, nada lhe coube em partilha. Um amor grande, que elle não buscou, mas lhe foi do céo enviado, é toda sua riqueza e ventura. Deixai-lhe esse obolo ao menos, e Deus abençoará vossa caridade tornando-vos em abundancia essa esmola feita ao pobre velho e pae!...

D. Fernando que ouvira até então pasmo da extranheza do pedido, disparou em um riso sardonico.

— Oh!... Vosso pupillo, afilhado, ou o quer que seja, não está todo soberbo de ser amado e querido?... Que lhe posso eu dar, eu desprezado e escarnecido?...

— Não zombeis dos amores contrariados, que talvez breve os prantêeis e bem amargamente! disse o velho com o tom prophetico.

— Tendes usado e abusado da minha paciencia, meu velho. Não vos parece que já é tempo de terminar a farça?...

— Deveis-me uma resposta, senhor: a cortezia pede que a deis, boa ou má, porem comedida e urbana.

— Quereis uma resposta?... Eu vou dar-vo-la, e tal que ha de satisfazer-vos.

O fidalgo approximou-se do velho rangendo os dentes:

— Entre mim e este homem, já vos disse, só ha, só póde haver odio. Não vos colloqueis entre nós, velho; a espada que ha de traspassar-lhe o coração bem póde de um revez aparar-vos as orelhas, que não cabem no barrete.

A phisionomia austera do advogado cobriu-se de luto e dó: ergueu os olhos ao céo, invocando talvez a assistencia divina, e logo apoz abai-

xou-os sobre o fidalgo, duros e severos como olhos de juiz supremo que condemna.

— Eu vos agradeço, senhor, por me haverdes fallado a linguagem do rancor e da maldade. Destes-me a força, que eu não teria talvez, si vos achasse a alma boa e bem intencionada. Destes-me a força de punir-vos a soberba!

— Estaes louco, velho?... gritou Fernando.

— Sentae-vos e ouvi-me. Eu vo-lo ordeno em nome daquelle de quem trazeis o nome.

— De meu pae?.... acodiu o moço escarnecendo.

— E com a autoridade que me dá o seu testamento!

Essa ultima palavra foi de effeito magico: o fidalgo demudou-se inteiramente; da mofa e escarneo passou á anciedade.

— Naturalmente vos disseram, quando chegastes á maioridade, que vosso pae declarara na hora da morte ter feito seu testamento; mas que esse não foi encontrado.

— Como se acha elle em vossas mãos? E por que até agora o não apresentastes?...

— Breve o sabereis; e então julgareis melhor

da falsidade de certo boato que naquelle tempo correu!

— Qual boato? murmurou Fernando tremulo.

— De vos haver vosso pae desherdado!...

— Restitui-me esse papel! Onde está elle?...

— Pacientae, nobre senhor. Antes de desempenhar o encargo que me foi commettido, devo referir-vos uma historia que foi passada ha bem annos. Ouvi-me sem interromper, por mais extranhos que vos pareçam taes successos á vossa pessoa: a explicação virá depois.

O velho arrastou a cadeira para se chegar do fidalgo e começou de narrar com a voz surda, como se temesse acordar os echos adormecidos nos recantos daquella habitação.

— Vivia nesta cidade no anno de 1586 uma donzella de nobre linhagem, ainda que pouco favorecida da fortuna; mas tão avessa lhe fôra a sorte em bens, como prodiga se mostrou a natureza em prendas e graças. De todos os mancebos de então era á qual mais lhe admirasse a formosura e lhe gabasse a gentileza; mas só um teve a dita de captivar-lhe o coração, e bem o merecia. A gente o chamava o *donzel* pela no-

breza de seu parecer e gentileza de suas acções; ninguem o conhecia que o não prezasse.

« Mas era pobre, como a donzella; o que não impedia que se quizessem ternamente, e se jurassem em segredo eterna fé e amor. Ricos das esperanças e affectos que lhes enchiam os corações, com esse thesouro desafiavam o futuro e volviam os dias sorrindo e cada vez mais embebendo-se um em outro, de modo que já não eram duas, mas uma só alma repartida por dois corpos.

« Não sabiam os paes desses affectos e nem por sombra os suspeitavam. Como seu maior desejo era a felicidade da filha, e cuidavam que essa era a da riqueza e estado, mal chegou aos dezesete annos trataram de achar-lhe marido nessas condições. Facilmente o tiveram; para tão formosa dama e tão prendada não era preciso buscar, senão escolher, pois se apresentavam a cada instante dos melhores. Escolheram um fidalgo de avultadas riquezas e nome illustre, mas á quem já os annos haviam crestado a flor da idade. Não souberam a que açor iam entregar a timida e innocente rola.

« Quiz morrer a donzella quando lhe annun-

ciaram os paes as proximas bodas; lagrimas, soluços, supplicas e rogos tudo foi baldado: a palavra estava empenhada; a honra exigia. O *donzel* não disse palavra; não sorriu mais; encontravam-no ás vezes pelos ermos cruzando á passos lentos, e murmurando palavras surdas e entrecortadas. Chegou o dia do noivado; a festa foi sumptuosa; levaram a donzella quasi de rastros ao altar, livida e exanime como uma virgem finada.

« O *donzel* assistiu á toda cerimonia, embuçado, mettido n'um canto escuro da igreja; e dizem que seus dentes rangiam mordendo as carnes do braço, emquanto os ossos da mão estalavam apertando o cabo da adaga.

« De volta da igreja estiveram os desposados no saráu até tarde da noite, em que recolheram ás casas preparadas para os receber. Vinha a noiva de palanquim, pelo respeito de sua extrema fraqueza; o noivo montava um fogoso ginete de batalha, que elle manejava com dextreza. Mas no dobrar a rua o animal empinou de repente, e arremessando longe o cavalleiro de encontro a parede, disparou pela rua afora como um raio. Houve grande confusão; baralhou-se o

cortejo ; apagaram-se as tochas, e durante algum tempo ninguem se entendeu com a balborda. Fallavam todos a uma do accidente ; no dizer de alguns fôra um vulto embuçado, que surgira por d'avante, a causa da disparada do ginete ; outros attribuiam aos faixos o espanto do animal.

« Emquanto isto passava, o corpo fracturado e sangrento do noivo era levado á casa em andas de braços ; e traz elle seguiu o palanquim e o cortejo, que mais parecia agora sahimento funebre, do que companhia de bodas. Os pagens contavam no dia seguinte, benzendo-se, que na estrada tinham visto cruzar a porta e sumir-se pelos corredores o mesmo vulto embuçado de negro, á vista do qual se espantara o ginete ; e inventaram a tal respeito não sei que conto de almas do outro mundo.

« Applicavam os phisicos o primeiro apparelho ao enfermo esposo, prostrado em leito de dôr, quando do outro lado do edificio, em vasta recamera, a linda esposa conchegava-se nas vestes nupciaes tremula ainda e palpitante, como a avesinha escapa ás garras do gavião se encolhe no ninho offegante e arrufada de susto. Coitada della ! Hesitava se devia agradecer a Deus a desgraça

que tardara a sua desventura ; e ao menor rumor de fóra estremecia cuidando ver assomar-lhe por deante a figura sangrenta e livida de seu marido que viesse tomar possessão della.

« Nisto ouviu passos cautelosos ; o coração congelou-se ; as palpebras cahiram desfallecidas.

« A porta se abrira silenciosamente ; e á frouxa luz da lampada velada surgiu um vulto negro e sinistro. Mas cahindo o manto no instante em que os olhos da senhora descerravam, reconheceu ella seu amante. Grito de alegria travado de pavor, escapou-lhe do seio ; suffocou-o nos labios a mão rapida e prudente do cavalleiro :

« — Juraste ser minha, Violante.

« — E fui e sou tua ! Mas roubaram-me á ti para dar á outrem !...

« — Tu me pertences na vida e na morte ! respondeu o cavalleiro.

« O silencio da noite sepultou no mesmo antro os gemidos da dor e os suspiros da ventura. No dia seguinte havia mais uma peccadora que não pudera na phrase do Christo atirar a pedra á mulher adultera. Ella enterrára nessa noite fatal tres cousas : sua virgindade de donzella, sua honra de esposa, e sua legitimidade de mãe.

« Tres mezes levou o esposo enganado á restabelecer-se; tres mezes durou a felicidade dos dois amantes. Elles não tinham outro confidente mais que a treva da noite; á deshoras uma escada de corda descia do balcão; um vulto subia ligeiro como sombra fugace: a janella cerrava-se e o anjo dos puros amores batia as azas e voava ao céo gemendo.

« Uma noite o cavalleiro não viu descer a escada, e ficou até a madrugada immovel, olhando o balcão solitario. Outra noite, e outra, e outra, e muitas mais seguiram pelo mesmo theor. Era já passado cerca de um mez, quando ausentando-se o marido, elle tornou a penetrar ainda uma vez na camera nupcial profanada. Vinha taciturno e sombrio; esteve muito tempo de pé sem proferir palavra, nem levantar os olhos. Afinal arrancou do seio a voz angustiada e ao mesmo tempo o punhal da bainha:

« — Mulher, tu vaes morrer. Cumpra-se o juramento, que trahiste. Serás minha na morte, já que o não podes mais ser em vida! Este punhal nos reunirá no céo!...

« A amante poz nelle os olhos serenos e doces:

« — E nosso filho?...

« Tudo comprehendeu elle ! O juramento que lhe dera de nunca pertencer ao marido, e morrer se fosse preciso para escapar-lhe ; não tivera ella animo de cumpri-lo sentindo nas entranhas o filho do amor adultero.

« O cavalleiro enterneceu-se e chorou ; seu labio procurou o labio della ; não achou mais do que um soluço e esta palavra acre :

« — Não me toques, que já não sou digna de ti !

« Elle ergueu-se ; abençoou-lhe o ventre e partiu sem mais palavra. Ninguem soube nunca onde foi, pois não houve mais na cidade novas delle.

« Mezes passados, o marido da dama emprehendeu uma exploração. Durante essa ausencia nasceu o filho, de modo que a mãe pôde encobrir a epocha exacta do nascimento. O fidalgo não concebeu a minima suspeita ; e na volta foi para elle um jubilo apertar aos braços o gentil infante.

Decorreram annos : o menino cresceu em tamanho e prendas. O marido da dama sentia por elle mais que amor, adoração.. Por esse filho dera quanto tinha e o mundo inteiro se o tivera ;

agradecia a Deus não lhe conceder mais prole, para não ser obrigado á repartir com ella seu immenso amor de pae. A maior dor que já sentira fôra a de separar-se delle, quando fazia a viagem do sertão que costumava no meado de cada anno.

« Succedeu que uma vez, tornando dessa viagem, chegasse a casa sem ser apercebido. Deixára atraz a comitiva ; escoteiro apressava o passo á montaria para surprehender a esposa que o não esperava tão breve, e mais cedo abraçar o filho. Apeou no pateo ; subiu aos saltos a escadaria, e foi direito aos aposentos da dama. Lá estava ella sentada n'uma camilha forrada de damasco, com o braço apoiado no reclinatorio, e a mão espalmada na face mimosa. Seu filho brincava no chão com as figuras do tapete.

« Esteve o fidalgo da porta a rever-se um instante nesse quadro formoso de sua felicidade conjugal ; ia já lançar-se para envolver esposa e filho n'um só abraço, quando um projectil impellido com força da parte de fóra espedaçou o raze do balcão e veio cahir no meio da sala. O menino soltou um grito . a dama ergueu a fronte espavorida e precipitou para o objecto ; mas des-

cobrindo com esse movimento a figura livida e estatica do marido, recahiu exhanime sobre a camilha.

« O fidalgo fez-se medonho: o semblante fulo da atra bilis que a ira derramava ; os olhos fundos e enterrados pela tumecencia grande das faces ; o riso mau da hiena; tal era o aspecto temeroso do esposo trahido. Elle avançou e o passo era tão hirto, que lhe estalavam as juntas ; chegando em face da dama apresentou-lhe o escripto aberto ante os olhos pasmos. Não o leu ella que a vista se lhe escurecia ; deixou-se cahir aos joelhos do marido, murmurando :

« — E' chegada a minha hora, senhor. Ouvi a confissão desta infeliz.

« Emquanto o menino continuava a folgar á um canto, balbuciava a esposa tremula ao ouvido do fidalgo a narrativa de tudo quanto passára. O esposo a ouvia com a cabeça vergada e a barba fincada no peito, immovel, e embotada a consciencia ao sentimento da tremenda verdade.

« — A escada de corda ?... Onde está ?... perguntou o marido.

« Passaram á recamera. A dama abriu um cofre de charão, onde ficára intacto desde a noite

da separação, aquelle instrumento de sua vergonha. Já então cahira a noite sombria: o fidalgo fechou as portas, foi ao balcão e deixando pender a escada, recolheu á sala. Com pouco assomou á janella um vulto embuçado, que saltou no aposento. Era o *donzel*.

« Violante assistira a toda a scena, com uma serenidade de martyr; foi com um sorriso já celeste e immortal que saudou seu amante.

« Este mostrára sorpresa encontrando ali um homem e reconhecendo nelle o marido que deshonrára. Ambos metteram mão da espada á um tempo: do terceiro bote a justiça de Deus punira o amor adultero; entretanto poucos eram os cavalleiros capazes de resistir ao primeiro impeto do *donzel* no combate. Quando o coração desfallece, afrouxa o mais valente punho.

« A dama atirou-se com uma velocidade espantosa sobre o cadaver do amante, e colheu-lhe nos labios o ultimo suspiro. Depois, com a boca tinta no sangue querido, voltou-se para dizer ao esposo:

« — Agora á mim!...

« Rangeram de sanha os dentes ao fidalgo; um instante elle tripudiou no frenesi da raiva: travando dos longos e finos cabellos da formosa se-

nhora, que fazia girar-lhe em torno, com o punhal suspenso na outra mão sobre o niveo collo: elle anciava ferir e hesitava lembrando que a fragil creatura não tinha mais que uma vida, e lhe eram precisas mil para o rancor tamanho que sentia dentro de si.

« De repente passou-lhe de relance no pensamento uma idéa horrivel que o fez rir, um riso de carrasco.

« — Tu has de viver !.

« Atirou a um canto o corpo da esposa ; e fechando por fóra as portas, despediu os lacaios a varios lugares para os affastar durante a noite ; prohibindo aos creados subir ao sobrado. Feito o que embuçou-se e sahiu apressado caminho da ribeira ; chegou ás tercenas onde desembarcam os negros da costas da Mina e Guinè; a pezar da hora obteve que lhe mercassem um que pagou a pezo de ouro. Escolheu o mais boçal ; disforme arremedo de gente, immundo, comido da lepra e infeccionado da cruel enfermidade do escorbuto, que trazem de Africa.

« Segredou o fidalgo com o lingua algumas palavras que o fizeram arregalar os olhos de espanto :

— E' uma aposta que fizemos alguns cavalleiros e eu !... Queremos rir á vontade !

O lingua parece que comprehendeu, pois nada mais observou ; e voltando para o escravo começou de fallar-lhe no dialecto africano. O negro focinho inchou como o do varrão furioso ; e os beiços fistulosos arregaçaram como as bordas de uma chaga fetida. Elle seguiu com o trote miudo do cão o fidalgo que estugava o passo : e breve chegaram ambos á porta da caza, que entraram silenciosos e desapercebidos. Já eram dez horas ; a cidade dormia.

Chegados á porta da recamera, o fidalgo empurrou o monstro e fechou a porta. O que dentro daquella recamera onde jazia a dama inanimada se passou, não sei eu ; deve de ter sido uma cousa horrivel. O marido correra como louco até a porta da rua ; e de lá voltára ainda mais rapido e delirante. Quiz entrar ; cahira-lhe a chave no corredor escuro. Então bateu como um furioso com o craneo e o peito de encontro á porta, até que a despedaçou. A dama estava inanimada sôbre o tapete ; o cadaver estendido do outro lado : e o negro acocorado a um canto como um cão de guarda.

A' um gesto do fidalgo, elle tomou o espojo do cavalleiro e desceram ambos ao horto. Cavaram toda a noite; a cova recebeu dois cadaveres, o morto do cavalleiro e o vivo do africano. No dia seguinte, da scena lugubre, que se representára nessa casa, não appareciam vestigios.

« A dama perdera a razão; mezes depois a recuperou com a consciencia de uma dor maior, si é possivel de que soffrêra. Sentiu que um ente vivia em suas entranhas; e recordando a noite fatal e o sonho horrivel que a precipitára na demencia, só o heroismo da maternidade pôde jungi-la á vida ignominiosa que lhe fizera a brutal e espantosa vingança do marido. Viveu para esse novo filho do odio, como dantes vivera para o filho do amor. E, como são impenetraveis os arcanos do coração!... Essa creatura, fruto de uma quasi bestialidade feroz, ella a adorou com extremos de ternura, ainda antes de nascer! Quando o instante do livramento aproximou-se, suspeitando que o marido quizesse ainda estender sua insaciavel vingança á misera creatura, com o auxilio de uma escrava dedicada a engeitou.

« O fidalgo rugiu de cholera com o desapparecimento; porque essa creança contava elle que

fosse o instrumento de sua atroz vingança, recordando vivamente á mãe a cada instante a infamia á que ella fôra arrastada. Foi então que assolado pelas paixões odientas, consumido pela continua tortura, e sentindo aproximar-se sua ultima hora, concebeu esse homem rancoroso a idéa de prolongar á victima o supplicio, e estender além tumulo a tremenda punição que inflingira á esposa adultera, castigando-a até na geração espuria.

« Escreveu no seu testamento a historia que agora vos refiro sem nada omittir; e concluiu desherdando aquelle que passava por filho seu de todos os titulos e haveres, transmittindo-os para esse engeitado, fructo da união brutal; porque, dizia elle: « esse, meu filho é, filho da minha vingança. Gerou-o o odio meu. » Mas o requinte da crueldade se revela mais ainda nas circumstancias que acompanharam essa disposição de ultima vontade. Quiz elle que seu testamento só fosse aberto quando o desherdado chegasse á maioridade; nessa occasião se convocariam os parentes e pessoas principaes e em presença de todos se faria a leitura solemne. Pensava elle que assim já moço e afeito ao fausto e esplendor da

vida fidalga, sentiria mais o desherdado o golpe, do que se o recebera na infancia.

« Ao mesmo tempo annunciou á misera mulher a feitura desse testamento horrivel não esquecendo advertir-lhe que o deixava como o espectro de sua vingança que a seguiria na vida podendo apparecer á cada instante, e torturando-o sob essa constante ameaça. Para esse effeito ficaria depositado em mão segura ignorada por todos. Essa foi a do seu lettrado, de quem fiou tão horrivel deposito.

« Quando estava á decidir, pedio que lhe chamassem o lettrado; e então lhe prescreveu que guardasse em seu poder o testamento até que fosse chegado o momento de proceder á sua abertura: e caso executasse fielmente a incumbencia seria recompensado com uma avultada quantia, legada em codicillo. Suspeitou o advogado desse mysterio, e exigiu para encarregar-se do mandato as razões do estranho proceder:

« — Vou confiar-vos este terrivel segredo, respondeu o fidalgo; tanto mais quanto é necessario que vos compenetreis de minhá vontade para bem representa-la na terra quando nella já não es-

tiver. Este testamento é minha alma que vou abrir aos vossos olhos.

« Mostrou então uma copia do horrivel testamento, que o letrado leu horrorisado :

« — Rasgae, senhor rasgae este abominavel parto de vossa estulta vingança. Julgaes estar fallando á um algoz, ou á um homem da lei, e advogado da justiça !...

« — Porisso mesmo que sois advogado da justiça, não permittireis que logre o filho adultero o nome e a fazenda do esposo trahido !...

« — Esse direito tendes de deshorda-lo ; mas invocae a lei, não a infamia.

« — Invoco a verdade que devo a Deus e aos homens. Si fiz mal, vou ser punido. Quanto á vós, sois depositario do meu testamento, e eu virei do outro mundo tomar-vos conta do modo por que o heis de cumprir.

« Debalde o letrado esgotou razões e conselhos; tudo foi baldado ; correu á casa á busca do papel ; já o enfermo tinha expirado sem quita-lo do tremendo deposito. Mas si o guardou inviolavel, condemnou-o logo á um eterno silencio. Talvez teve a viuva alguma suspeita, porque varias vezes procurou-o para fallar-lhe do assumpto ; mas sem tra-

hir o segredo de que era depositario, conseguiu dar-lhe consolo e animo para educar seu filho, e deixa-lo feliz e estimado. »

Acabou assim o doutor a historia. Deante delle, esmagado pela tremenda revelação, D. Fernando estava inerte e estupido. A principio, quando o advogado começára a narração, a sua anciedade crescêra até que a luz se fizera no seu espirito; e veio a prostração e o anniquilamento.

— Sabeis quaes foram as figuras dessa lugubre tragedia? perguntou o velho.

O cavalleiro mordia nos labios o soluço rebelde: a sua pungente attitude respondia por elle.

— A scena foi nesta mesma casa. Aquella porta é a da camera nupcial; desta janella ve-se o horto...

— Calae-vos, demonio!... gritou o moço com os cabellos erriçados.

VIII

Como cede a glosa ao enigma.

O aposento onde se achavam os dois personagens era uma vasta sala, sombria e triste, pelo desenho fantastico dos lambeis que forravam o alto das paredes, e as almofadas de jacarandá negro que cingiam a volta das cadeiras. Carregava esse tom severo, a pouca luz que entrava

pelas persianas dos balcões, a essa hora proxima da noite.

D. Fernando ergueu-se ameaçador, e caminhou para Vaz Caminha :

— Qual é vossa tenção, senhor? perguntou com a voz tremula.

— Já que Deus poz em minha mão esta arma terrivel, usarei della para castigar o vosso coração máo, e assegurar a felicidade de um mancebo virtuoso e bom.

— Então o que outr'ora vos pareceu indigno da vossa profissão, por ser mister de algoz, não vos repugna praticar agora ?...

— Outr'ora vossa mãe vivia e ereis vós uma innocente creança ; hoje a misera senhora falleceu, e vos tornastes um máo homem, soberbo e vão. Tambem eu mudei ; como advogado e homem de lei recusei o mandato ; como instrumento, inda que humilde, de que serviu-se a providencia para recompensar a virtude e punir o vicio, não me posso eximir á um dever sagrado. Corrigirei a obra do odio e vingança tornando-a em lição de justiça e verdade, tirando-lhe a solemnidade do escandalo. Si não renunciardes para sempre á mão

de D. Ignez, seu pae saberá a historia do vosso nascimento. Eis senhor a minha tenção !...

— Pois deveras pensaste, velho estulto, que eu deixaria o meu destino á tua discripção, quando te posso esmagar aqui como um verme abjecto que és?... Restitue-me já o testamento de meu pae, ou acabarás á ponta deste punhal !

— O testamento que tenho em deposito é de D. João de Athayde, não de vosso pae !... respondeu o velho sem alterar-se.

— Não escarnecei da minha cholera, velho !

— Como posso, si della hei dó e compaixão !

— O testamento?...

— Em vindo aqui, deixei-o lacrado dentro do meu e confiado á pessoa segura, para ser aberto quando conste o meu passamento. Portanto si quereis ve-lo, matai-me depressa !...

O moço patinhou de raiva ; e afinal cahiu succumbido sobre a cadeira : o punhal escapou-lhe dos frouxos dedos e rolou no tapete. Depois de uma pausa, o advogado ergueu-se :

— Agora me dirá o muito alto e poderoso senhor D. Fernando de Athayde, si ainda pretende offerecer á D. Ignez de Aguilar com a mão assas-

sina que não duvidará ferir um velho inerme, o nome que traz do matador de seu pae !...

— Que queres tu de mim, Satanaz ? Ordena, já que me tens em tuas garras !

O velho teve dó desse desespero :

— Perdoai-me, senhor, a grande dôr que vos fiz passar. Deus me é testemunha, que si não fosse a vossa cruel zombaria, nunca teria a coragem de appellar para o terrivel segredo, devesse eu tragar as lagrimas que a vossa recusa me arrancaria. Mas sepultemos isso no passado donde não devia surgir nunca : esquecei este máo sonho. Nada pois vos ordeno, nem tenho esse direito ; sim renovo a minha supplica : renunciae ao casamento...

— Dou-vos minha palavra !...

— Deus vos recompensará deste sacrificio. Mas aquelle á quem vossa palavra deve restituir a esperança perdida, não a póde ouvir de vossa boca nem da minha... Sabeis que ha cousas tão melindrosas que não se transmittem sem alterar-lhes a essencia. Fazei a graça completa dando-me vossa palavra escripta !

— Para que elle suspeite do mysterio horrivel que me fez vosso escravo !... murmurou o fidalgo amargamente.

— Si eu quizesse que Estacio Corrêa concebesse a mais leve suspeita á esse respeito, não carecia de pedir a vossa palavra, bastava que lhe assegurasse sob minha fé, que por motivos de mim conhecidos e que em tempo revelaria, vossa alliança com a casa de Aguilar era impossivel. Não me conheceis, senhor D. Fernando; este homem que vistes á pouco implacavel para arrancar-vos a felicidade de seu filho, leva d'aqui uma dôr acerba, a de ter perturbado a calma de vosso espirito; elle não quererá aggravar o mal sem necessidade.

D. Fernando serenado por essa palavra insinuante e suasiva, que o penetrava como balsamo espargido nas chagas vivas, sentou-se á banca e escreveu:

« Por minha honra neste mundo... »

— Posso eu escrever ainda esta palavra? perguntou ao advogado com um sorriso acerbo.

— Escrevei-a sem hesitar; sois apenas desgraçado. Perante Deus só ha uma qualidade de honra, é a virtude.

« Por minha honra neste mundo e minha salvação no outro, juro que em caso algum me desposarei com a senhora D. Ignez de Aguilar, filha de D. Francisco de Aguilar; e si por desgraça e

vilesa minha o fizesse, o que espero em Deus que não, dou á pessoa em cujo poder esta minha declaração se ache o direito de com ella açoutar-me as faces, e proclamar-me o infame dos infames. »

Depois de escripto, entregou ao advogado o papel :

— Acho-o por demais severo !...

— Punge-me a consciencia do passado, doutor. Essa lepra nada ha já que a possa arrancar d'alma em que vae lastrando !...

— Misero senhor !... exclamou Vaz Caminha enxugando duas lagaimas.

D. Fernando carecia da solidão.

— Que mais desejaes de mim ? perguntou o moço.

— Ainda tenho dois pedidos que fazer-vos. E' o primeiro, que não communiqueis a vossa resolução á D. Francisco, senão quando vos eu advertir !...

— Oh ! não ! Deixae romper de uma vez esses laços !...

— E' impossivel, senhor D. Fernando. Sem essa clausula a vossa desistencia fôra inutil.

— Comprehendo agora, suspirou o mancebo com

azedume; é preciso que eu fique guardando o lugar até que chegue a vez do mais ditoso!...

— E posa-vos concorrer para a felicidade de dois entes dignos della?... Estou que não; deveis essa reparação á memoria de vossa boa mãe!...

— Qual é o outro pedido vosso?...

— Esse quasi o dispensava, pois creio que o objecto delle já está em vosso pensamento. Heis de proteger a pobre creatura engeitada...

— Sabeis onde ella existe e qual seja? perguntou o fidalgo estremecendo.

— Nada sei de positivo: mas o senhor D. João de Athayde tinha suspeitas, que não chegou á tirar á limpo. Conheceis uma rapariga que vive de ser alfeloeira?...

— Mora para as bandas de S. Francisco?

— Justo! A gente da rua a chama a *engeitada da parteira*!...

— A Joaninha?...

— Si as conjecturas de D. João de Athayde não erraram deve de ser ella.

O moço escondeu o rosto nas mãos, para occultar á luz do dia o rubor da vergonha e humilhação.

Vaz Caminha deixou-o á final e foi-se em di-

recção á casa de Estacio. O velho caminhava ligeiro como quem ia leve de cuidados : mas eram ao contrario os impetuosos pensamentos a encapellarem no cerebro, que o impelliam com tamanha força para o alvo. Dando tregoa á tristeza que lhe deixára a scena passada em casa de Athayde para entregar-se exclusivamente á tarefa que tomara a si de assegurar a felicidade do seu filho adoptivo, o doutor ruminava ainda uma vez o plano concertado em sua mente.

Desde que perdeu a esperança da soltura do moço, o advogado resolvera partir para S. Sebastião e na qualidade de mandatario do filho de Roberio Dias, receber de D. Diogo de Mariz o roteiro das minas de prata. Essa resolução ainda mais se firmara em seu animo, quando soubera da subita partida do P.e Gusmão de Molina, a qual viera como asselar as suspeitas, communicadas na vespera á Estacio. Não podia o advogado porem commetter a empreza da viagem sem levar procuração do afilhado, e deixar-lhe a esperança que o fortificasse para resistir á prisão. Na incerteza do casamento de Inezita, temia o velho pela vida do mancebo.

O mais difficil para a execução desse plano era

pôr-se em communicação com Estacio. Sabia Vaz Caminha que elle estava no castello de S. Alberto incommunicavel, pois lh'o dissera o Governador ; mas o meio de chegar ao cavalleiro atravez dos grossos muros de cantaria batidos pelas ondas e das espessas abobadas guardadas dia e noite pelos mosqueteiros, era o que não sabia o velho.

— Deus ajudará !.... dizia elle comsigo. Tenho por onde começar, já não é pouco !...

O astuto velho assentara que o primeiro passo á dar era saber ao certo o carcere onde tinham mettido o moço, e sua posição no castello. Elle partia desse axioma de geometria que não se póde tirar uma linha sem conhecer os dois pontos extremos. Era pois á solução desse problema da situação de Estacio que descia o advogado aos saltinhos a ladeira na direcção da Ribeira, em busca da casa de D. Mencia.

Os solavancos que lhe fazia dar o ingreme e abrupto da ladeira resistindo ao seu passo leve de mais, o levavam tão desconcertado pela montanha abaixo, que ia-lhe succedendo um desastre. Foi de peitos contra a testa de uma pessoinha que vinha subindo á corrida cega. Felizmente quitou-se do perigo pelo susto; cahiu sentado, com

o causador do accidente embrulhado no collo. Abaixando os olhos para ver aquelle improvisado nenê deu o advogado com o rosto bregeiro e petulante de Gil.

— Oh ! oh !... maganão !... disse o advogado rindo e beliscando a orelha ao pagem. Andas á tuna !...

O menino já estava de pé, sacudindo a terra da garnacha do advogado.

— Sua mercê me escuse ! .. A pressa com que vinha !... murmurou o pagem soffreando o riso.

— Vieste muito a proposito ; pois que ia mesmo á tua procura para me levares aonde mora um tal Esteves, pescador.

— Ui !... Que quer delle o Sr. licenciado ?...

— Naturalmente encommendar-lhe peixe. Para que serve um pescador ?... Vamos ; segue adeante.

Gil não gostou dessa incumbencia, e sem o respeito que tinha ao mestre e padrinho de seu querido amo, ali plantaria o velho a olhar para o tempo, e sumir-se-hia n'um pestanejar. Foi pois resmungando lá comsigo e de muito mau modo que obedeceu á ordem, e desceu a ladeira.

O Esteves morava n'um casebre fóra de portas á beira da praia que se estendia para a barra,

mas á pequena distancia dos antigos muros da cidade. Para lá ir atravessou Gil a collina onde está hoje situado o passeio publico. Ao chegar ás abas da collina, avistaram o pescador que arrastava em seco a canoa cheia de peixe.

— Lá o tendes, senhor licenciado. Não vedes que pucha a canoa!...

— Sim; vejo, aquelle rapagão forte!...

— Boa estopa de gente, como dizem os companheiros delle!...

— Pois vae-te, que já não careço de ti. A esta hora estarão chamando por teu nome.

— Quem me chamaria, lá não está!... disse o pagem suspirando.

— Embora, vae sempre!... disse o advogado dando-lhe um piparote no nariz.

Gil não se moveu; mas vendo que o advogado se voltára para olha-lo, tomou seu partido, e disparou á carreira para a cidade. Vaz Caminha então endireitou para o canoeiro, que lhe ficava ainda á tiro de berço.

— Sois vós o Esteves, pescador?...

— Para vos servir, senhor meu!...

— Não me conheceis?... Eu sou o padrinho de Estacio!...

— Ai, senhor! Que novas me daes do pobre moço?... Pois é certo que o prenderam?...

— Certissimo! Mas isso que vos afflige tanto, é porque o estimaes?...

— A igual de pae ou irmão, ou de um com outro!...

— Para bem delle, serieis capaz de arriscar a vossa vida?

— Mas sem duvida! Não fazia senão o que elle já fez por mim!...

— Quando isso?...

— Uma tarde que andavamos no mar veio uma chalupa que nos poz a canoa em frangalhos e atirou-nos de catrambias pelos ares. A terra nos ficava tres tantos como daqui á Victoria. Pois o moço não empurrou para mim o urú que elle tinha agarrado, e começou a nadar valente atraz da chalupa?...

— Ah! occultou-me essa circumstancia!... murmurou o advogado enternecido.

Voltando-se para o mar onde se erguia o castello, mandou seu pensamento á beijar a fronte do mancebo por aquelle acto de abnegação, como pela modestia e nobreza com que o calára, narrando a historia de seus amores.

— Felizmente tambem salvou-se por um milagre !... accrescentou o pescador.

— Pois, Esteves, careço de saber hoje mesmo com segurança em qual dos carceres do castello pozeram Estacio, e si é possivel fazer chegar-lhe ás mãos um papel? Lembrei-me de vós para isso, por saber quanto sois dedicado á elle !...

— Fazei de mim, senhor meu, como fôr de vosso contento e agrado, desde que é para bem delle !

— Despejae a vossa canoa, emquanto vos eu explico !...

Uma vozinha flautada soou pela nuca do advogado.

— Si é para saber onde está o cavalleiro, não é preciso !...

— Olé ! o Gil?... Onde estavas, rapaz?

— Ah ! bregeiro, que me lograste !... disse o advogado reconhecendo o pagem. Mas que dizes tu?... Sabes onde está elle?...

— Não soubera ! acodiu Gil vaidoso. Si eu não descancei emquanto não consegui. Em antes de hontem quando o prenderam, vim seguindo para ver onde o levavam. Do mar elle me mostrou o castello; e então corri de um folego só de lá

aqui; saltei na canoa de Esteves que andava apregoando seu peixe por essas ruas, e toca a remar. Elle está ali dentro, disse eu fazendo as minhas contas, e ha de me ouvir e dar algum signal. Puz-me a cantar umas trovas que me elle ensinou, rodeando por bem perto do castello, como quem não queria a cousa, mas com o olho vivo e o sentido alerta!... Vae senão quando eu bispo uma cousa, assim a modo de farinha, cahindo na canoa; olho para cima: eram uns torrões de caliça que atiravam de dentro por uma fresta estreitinha, que não é capaz de caber esta mão fechada!... Então eu vi que era ali que elle estava!..

— Só por isso?... perguntou o advogado abanando a cabeça.

— Não vê que eu havia de deixar as cousas em duvida; para me certificar bem, calei a boca, não cantei mais; as bolinhas tambem pararam. Torno eu a cantar por baixo da fresta, e não só a caliça a cahir, mas um assobio que não me engana, ainda que quasi se não ouvia pelo marulho forte!...

— Agora sim! Mas pirralho, si tu soubeste isto á dois dias, porque não me foste logo dizer?...

O pagem fitou no velho um olhar petulante:

— Pois si sua mercê foi causa de o metterem lá dentro!... Fui dizer a quem o quiz livrar da guarda lá na Graça, e o ha de livrar da prisão.

— Quem é esse?...

— O maior amigo delle, o Sr. Christovão, que foi quem mandou o capitão de matto João Fogaça, homem cá do meu peito, esse tall... Capaz de ir no inferno buscar o tinhoso pelas orelhas!...

— Pois agora trabalharemos todos juntos esse impossivel á ver si o conseguimos.

— Agora mesmo quando topei com o Sr. licenciado ia eu para lá, porque o Sr. Christovão me disse que estivesse de espreita e logo que apparecesse alguma cousa de novo lhe fosse levar. Ora inda agorinha mesmo vi eu lá na fresta uma tira de pano branco assim pestanejando com bandeirola!... Quem sabe o que é?...

— E' elle que te chama sem duvida para dizer alguma cousa. Vae sem detença ver.

Acabava Esteves de esvasiar a canoa e pô-la a nado; Gil saltou dentro, e a remo teso vogaram pela bahia á fora em direcção ao castello. Approximando-se do rochedo submarinho, fronteiro á seteira designada pelo pagem, parou o barquinho, e os dois, um na poupa, outro na proa,

começaram a pescar á anzol. Gil soltou o seu descante.

A bandeirola branca de que fallara appareceu outra vez na seteira; solta ao vento adejou pelos ares, e foi cahir longe sobre as ondas. A canoa singrou rapida como um peixe naquella direcção; com espanto de ambos o pano boiava sobre a agua, e só lentamente e depois de algum tempo foi-se afundando; mas Esteves atirou-se ao mar, e mergulhando foi agarra-lo quando elle ia já sumindo-se da zona esclarecida das vagas.

De posse do objecto tornaram os dois á praia, onde os esperava o advogado, que de longe acompanhára com a vista toda a manobra. O curioso Gil tratou logo de examinar a bandeirola para saber o que desejava Estacio; porém por mais que virou e revirou a tira de panno branco, nada viu que podesse orienta-lo. Afinal cançado de procurar, dobrou-a e metteu na algibeira:

— O que manda elle? perguntou Esteves.

— Sei cá!... respondeu Gil despeitado. Isso é la giria delle! Só o velho a póde entender!...

Vaz Caminha recebendo o mysterioso objecto das mãos de Gil, esticou-o entre os dedos, e esteve observando-o por algum tempo com seria attenção.

Elle sabia que um homem intelligente como Estacio, na posição difficil em que se achava, era capaz de transformar o mais insignificante objecto em um instrumento de sua vontade; e pois procurava ler naquelle fragmento de lençaria como em uma esphinge.

Afinal seus olhinhos scintillaram:

— Já sei!... já sei!... murmurou. A' noite lhe levareis o que elle pede, Esteves!.. Aqui estarei ao escurecer!...

— Mas o que pede elle, senhor licenciado?...

— Depois vos direi. Vinde!...

Vaz Caminha e o pagem voltaram á cidade: em meio do caminho interrompeu o velho a sua meditação para perguntar ao menino.

— Gil, tu vistes de perto e por duas vezes a seteira do carcere; podes tu dar-me com certeza a largura della!...

— Esperae, senhor licenciado!...

— Caberá esta canna?

— Até o castão duvido, tão estreita é!.. respondeu o pagem apalpando a bengala.

— Mas a ponta?

— Essa com certeza!...

— Está bem; pódes ir-te á casa. Não é preciso

que refiras o que é passado a mais ninguem; quando fôr necessario eu mesmo recorrerei ao senhor Christovão de Garcia!... Entendeste, pequeno! Olha não faças mal a teu amo, querendo fazer-lhe o bem!...

— Ai, não; eu vos prometto nada dizer; mas ao menos dae-me alguma esperança que me socegue!...

— Breve beijarás a mão á teu cavalleiro, e o vereis satisfeito e feliz!... Estaes contente!...

— Deus vos ajude, senhor licenciado!... Que contentamento terei.

Vaz Caminha entrou na primeira loja aberta que encontrou para descançar da longa caminhada, e mercar alguns objectos de que tinha necessidade.

IX

Uma penna por um punhal.

Eram duas horas da tarde.

A esse tempo Estacio sentado no humido chão do carcere, seguia com o olhar anciado a restea de luz que penetrava pela seteira e ia á pouco e pouco desmaiando. O ouvido alerta procurava discriminar

no surdo rumor que penetrava naquelle antro, algum som amigo.

Desde o momento em que o lançaram na masmorra, o espirito do cavalleiro trabalhava incessante; a inercia phisica parecia centuplicar a velocidade do pensamento. Com a sua vontade isolada, rompia aquelles muros de rocha, ou zombaria da vigilancia continua de seus guardas?... Era o problema insoluvel que provocava a sua poderosa imaginação.

Ouvindo poucas horas depois de achar-se no carcere a voz de Gil a cantar, o cavalleiro ergueu-se de sobresalto. Percebendo pelo som que o canto vinha de perto, e ia circulando o castello, immediatamente comprehendera o movimento do pagem quando deitára a correr pela praia: conjecturou que o menino fôra buscar a canoa para se aproximar delle e talvez pôr-se em communicação, caso fosse possivel. Seu primeiro impulso pois foi lançar-se para a seteira; entre essa e o chão estavam dispostas na muralha como degráos um buraco e um prego, que o cavalleiro suspeitou ser industria de seu antecessor: graças á esse auxilio pôde galgar á seteira; mas teve uma decepção; porque não conseguiu ver senão uma nesga do céo:

a fresta era talhada em diagonal de fóra para dentro.

Comtudo pôde Estacio ouvir melhor ; e conhecendo que a voz de Gil se aproximava do carcere atirou-lhe com os torrões de caliça que a sua mão no subir arrancára da alvernaria : depois arriscou o assobio, que não escapou ao esperto pagem. Este incidente fortificou a coragem do cavalleiro ; porque lhe mostrou a possibilidade de uma communicação com seus amigos.

Quebrado de fadiga pelas emoções desse dia, e acalmada a excitação do espirito pelo bafejo da esperança, o moço recostou-se de encontro á parede do carcere, e entregou-se ao somno que o ganhava. Dormio algumas horas ; quando espertou era noite fechada ; o carcere estava sepultado em profunda escuridão. Evocando as suas recordações para saber onde se achava, foi distrahido por um sussurro extranho que parecia vir de dentro do muro. Applicando o ouvido, reconheceu o som de voses humanas, e distinguiu mesmo as articulações das palavras, apezar de abafadas pela espessura da parede : mas não pôde comprehender cousa alguma porque fallavam em lingua extranha.

— São meus visinhos encarcerados: pensou elle.

A mão maquinalmente estendida topou com um objecto frio e liso ao tacto, e as apaldellas descobriu outro aspero e leve. Era um canjirão d'agua com uma broa por tampo. Naturalmente o carcereiro viera emquanto elle dormia e lhe deixára a ração diaria. Estacio não tomára alimento algum naquelle dia ; devorou pois com avidez a broa e bebeu meio canjirão d'agua. Feito o que recostou-se de novo na muralha para reatar o somno interrompido.

O murmurio de vozes que já escutára chegou-lhe de novo ao ouvido. Dessa vez Estacio, já livre do torpor do somno, notou que o som vinha de baixo, e não do lado, como lhe parecera á principio.

— Talvez haja outro carcere por baixo deste !

Mas não acabára essa reflexão, quando a razão mostrava a inverosimilhança della. De feito; alem de não ser provavel que existissem carceres abaixo do nivel do mar em uma fortaleza construida sobre rocha viva, accrescia que a espessura da abobada não permittiria ouvir a voz de quem fallasse nessa masmorra subterranea. Occupou-se por algum tempo o mancebo a cogitar sobre a singularidade acustica do carcere ; porem logo deu

tregua á esse assumpto para occupar-se do outro mais importante da sua evasão.

Elle estava mais do que nunca decidido á readquirir a sua liberdade para disputar Inezita á D. Fernando, e o roteiro ao P.e Gusmão de Molina. Acodiu-lhe então o velho meio tão usado desde que se inventaram as prisões: atirar-se ao carcereiro quando viesse á sua visita habitual, e subjuga-lo amordaçando-o; trocadas com elle as vestes, passar assim disfarçado entre as sentinellas, ganhar as ameias e fugir á nado.

Esse projecto arriscado tinha contra uma circumstancia que o moço ignorava: nas extremidades do corredor circular que cingia os carceres, havia duas sentinellas constantemente dia e noite; e tal era o rigor da disciplina e cautella, que o proprio carcereiro não podia passar por ellas uma só vez sem trocar o santo. Ahi portanto, de encontro á alabarda das sentinellas devia esbarrar-se o insensato arrojo do mancebo; mas elle ignaro e descuidoso do risco de sua empreza para só embalar-se na esperança do successo, continuava á cogitar nos meios de leva-la ao cabo.

— O carcereiro, segundo presumo, visita os carceres duas vezes por dia; a primeira por ma-

nhã, a segunda pouco antes de escurecer... Quando o somno me tomou já era sol baixo; e não é natural que venha noite fechada!... E' justamente a hora que convem; já não se vê; e não é ainda noite alta, em que de ordinario se dobra a vigilancia! Mas sem uma arma nada posso fazer!...

O mancebo fez uma pausa na sua meditação, e repassou de novo o projecto:

— Como poderei eu ter um punhal?...

Na solução desse problema, trabalhou a noite inteira o espirito do mancebo; até que a final a fadiga o venceu de novo e sopitou. Foi acordado pelo carcereiro, que passava a sua primeira inspecção. Estacio abrio os olhos e esteve-o medindo com elles. Era homem forte e robusto, que accusava um vigor formidavel. O moço depois de estuda-lo com attenção e calma suspirou dizendo comsigo:

— Não tenho remedio senão mata-lo! Um homem destes não é para minhas forças subjuga-lo.

Tendo assim na mente condemnado á morte o pobre carcereiro, voltou-se para não ve-lo mais; nem respondeu palavra ás consolações triviaes que lhe dirigio elle. A' essa alma jovem, ainda não polluida pelas paixões e vicios, parecia uma des-

lealdade e perfidia o menor trato com o individuo, que elle decidira immolar como holocausto necessario á sua liberdade. O carcereiro tomando o silencio obstinado do preso pelo amúo e desespero mudo dos primeiros dias, não insistio, nem se zangou: renovou a ração d'agua e de comida; juntando dessa vez á broa um caldo de ervas.

— Ahi fica a vossa ração. A's trindades quando voltar espero achar-vos mais resignado com a sorte. No fim de contas o diabo não é tão feio como se pinta!...

Estacio, embora voltado, não perdeu um dos movimentos do carcereiro: observou sobretudo qual das chaves da correia era a do carcere, afim de não excitar desconfiança experimentando outras. Apenas a porta foi de novo fechada, correu a ella e applicando o ouvido á fresta da soleira ouvio as passadas do carcereiro que se afastavam para a direita; e logo depois o ranger da chave na fechadura de um carcere visinho. Alguns instantes decorridos, voltaram os passos pesados, repassaram junto á porta, e afastando para a esquerda, foram subindo até de todo se apagarem.

— Pela esquerda!... E' o que eu pensava!...

Então o moço concentrando as idéas que reflectira durante a noite, sacou do corpo o gibão, para arrancar fóra a manga da camisa, daqual rasgou uma tira estreita, que deitou na seteira; lá a deixou com o auxilio do prego á guisa de bandeirola. Gil sabia que elle ali estava, e naturalmente seu primeiro cuidado seria olhar naquella direcção; vendo a bandeirola, comprehenderia que seu amo o chamava.

Estacio fiava de mais da perspicacia do menino; mas felizmente Vaz Caminha chegára a proposito para comprehender por elle.

Dado o signal ao pagem, faltava ainda o essencial; o recado para seus amigos. Mas tambem a esse ponto já tinha a imaginação arguta provido como ao outro por um meio engenhoso e symbolico. Cortando da manga da camisa uma segunda tira larga, Estacio conseguiu servindo-se ora dos dentes, ora das unhas ou do prego, cortar no panno o esboço tosco e imperfeito da figura de um punhal. Terminada a sua obra e estendendo-a na lage para melhor a examinar, murmurou sorrindo:

— Parece mais cruz do que adaga!... Mas elles bem podem ver logo de qual tenho eu necessidade nesta masmorra!...

Então com a ponta do prego enferrujado procurou aperfeiçoar á traço as fórmas que não podera o córte bem delinear. Nisso occorreu-lhe que o panno, embebendo rapidamente a agua do mar corria risco de afundar antes que Gil o podesse apanhar onde o vento o levasse : não succederia assim estando o panno impregnado de materia oleosa ; essa associação de idéas lembrou-lhe o caldo, que tendo já esfriado, coalhára na tona o gordo unto. Còmo foi o hieroglipho de panno atirado á mercê das ondas e chegára ás mãos de Vaz Caminha já é sabido.

Entretanto ficára o moço em cruel impaciencia, esperando o resultado de seu engenhoso expediente. Teria Christovão ou Vaz Caminha comprehendido o que elle pedia ? Conseguiriam passar-lhe pela seteira, ou enviar-lhe por outro qualquer modo, a arma de que elle necessitava para emprehender a obra de sua liberdade ?

A principio tudo lhe parecera facil ; mas á medida que decorria o tempo, seu pensamento aprofundava as difficuldades, que á principio se lhe antolhavam minimas, e agora appareciam como insuperaveis ; a esperança fugia, fugia, á perder-se no horisonte immenso de suas elocubrações ; mas

d'ahi tornava e vinha de novo adejar-lhe n'alma. Á's vezes deitava-se a conjecturar os meios que seus amigos empregariam para satisfazer o desejo ; e nenhum lhe occorria.

— Elles proverão !... disse afinal. Tem mais calma de espirito e meios de acção do que eu sepultado vivo nesta tumba.

Correram as horas ; o sol transmontou e foi descambando ; pouco restava de dia , e esse torvo e annuviado. A tarde estava calmosa ; as baforadas de ar pesado e tepido que entravam pela seteira annunciavam borrasca. De feito ao anoitecer os relampagos amiudaram ; e o mar começou a mugir açoutando as abas do castello. Estacio perdera a esperança de receber resposta de seus amigos antes da noite ; escutando porém o bramido da tempestade que ruiga sobre a cidade, elle disse comsigo :

— Excellente occasião !... A perderão elles !...

Fechou-se a noite ; de repente ouviram-se gritos de angustia, que atravessavam o fremito das ondas: depois brado de soccorro. Era um sinistro no mar. Uma canoa de pescador que barlaventava á tiro de berço do forte de S. Alberto, tomada de travez pelo vento antes que podesse o barqueiro cassar a

escota sossobrára. O misero naufrago deitou-se a nado para o castello, onde a salvação lhe apparecia mais proxima : as ondas encapelladas umas sobre outras o assoberbavam, esmagando sob as montanhas d'agua ; mas o intrepido nadador, um instante submergido, surdia avante.

Afinal chegou á lage onde estava assentado o forte e tentou debalde agarrar-se ás anfractuosidades da rocha. Exhausto de forças, vendo-se perdido levantou novo brado de soccorro :

— Uma corda !... Lançae-me uma corda, por Deus, nosso Senhor !...

A esse tempo já os mosqueteiros e mais gente da guarnição do forte, debruçados sobre as ameias seguiam com anciedade as ancias no naufrago debatendo-se contra as vagas ; mas como de ordinario succede á multidão no primeiro instante de um acontecimento inesperado, faltava a cada um a iniciativa que todos esperavam para obrar. Deu-lhes o grito pungente que soltára o naufrago ; immediatamente a aderissa da bandeira foi retirada do mastro, e lançada. O pescador promptamente travou della, e sentindo-a segura, sem esperar que o içassem, foi subindo. No meio do trajecto ou fosse que o pescador escorregasse ou se sen-

tisse fatigado, parou agarrando da mão a borda de uma seteira aberta no muro: mas foi cousa de instantes; continuou a subir sem tropeço e galgou lesto o collo de um falcão.

No grito que bradára pela corda reconhecera Estacio a voz de Esteves, partindo mesmo debaixo da aba exterior do seu carcere: estremecendo de susto pela sorte do pobre rapaz, o mancebo sentia como uma esperança a palpitar sob esses tremores do coração. Quem sabe se o pescador não vinha da parte de seus amigos, e acoberto por aquella noite tormentosa?...

Nisso passou-lhe pelo rosto, como um sopro, uma palavra antes resfolegada, que proferida; e ao mesmo tempo um objecto qualquer deslisando pela fenda veio bater-lhe no peito:

— A meia noite!...

Estacio travou do objecto que lhe enviavam pela mão amiga do pescador; e prostrando-se de joelho sobre a lage rendeu graças á Providencia. Tanto quanto podia julgar pelo tacto era uma lamina longa e fina, envolta em papel, e toda enleiada á fio. O papel servia para encobrir o ferro; o barbante para abafar o tinido metalico do estylete,

e evitar que não se embotasse o gume batendo na pedra.

Encontrando um nó sob os dedos o desfez o preso, e foi desfiando cuidadosamente o cordel, com receio de ferir-se ; pareceu-lhe então que a lamina nem tinha rijeza de ferro, nem a coesão de uma folha inteiriça ; ao contrario apresentava duas soluções de continuidade. Retirado o envoltorio de papel lacrado, diversos objectos soltos cahiram nas mãos, e um mais pesado escorregando tiniu e faiscou na lage.

Era um fuzil, facil de se conhecer, não só pela fórma, como pela pedra e isca unidas a elle : guiado por essa descoberta buscou entre os outros objectos o complemento necessario para obter luz ; e não lhe custou a achar. Viera tambem cerca de um palmo dessa vela de cêra conhecida com o nome de rolo , cujo uso era muito commum naquella épocha, e hoje ainda se vê nos acendedores de tochas das igrejas. Tendo fixado o toco no chão, Estacio bateu o fuzil, e tirou luz. Então começou o inventario das cousas qne lhe trouxera de um modo tão singular o canoeiro Esteves.

Tres varios papeis enrolados estreitamente um dentro do outro para occupar o menor espaço,

e uma penna de ganço aparada, tendo o gomo cheio de tinta e arrolhado hermeticamente com cera da terra, formavam com os preparos de tirar fogo todo o conteudo do pacote.

O moço admirado em extremo e não comprehendendo ainda o enigma, desenrolou as folhas de papel e correu a primeira de um relance. O que produziu nelle grande choque, e augmentou ainda o seu pasmo, era o juramento escripto de Athayde. Passou a segunda folha á cata da explicação por que anceiava, e achou apenas uma carta sem assignatura dirigida a D. Diogo de Mariz para o fim de autorisa-lo a entregar á seu padrinho e mestre Vaz Caminha o papel pertencente á Roberio Dias. Finalmente na terceira folha estava a palavra do enigma no recado que escrevera a seu afilhado o infatigavel e dedicado velho:

« Comprehendo vosso pedido, filho amado, e a razão delle. Tolhido em vossa liberdade no momento justo, em que mais della careceis, vosso animo valido e resoluto que a força adversa longe de abater, tempera ao contrario, revoltou-se contra a tyrannia e decidiu posterga-la. Apenas entrado no carcere, concebestes com o engenho prompto e rapido que vos coube em dom, um

plano de evasão; e concertadas todas as eventualidades e accidentes, sentistes a necessidade de uma arma para levar ao cabo a empresa; de uma arma ligeira para melhor occultar-se; muda para ferir silenciosamente. Empunhada por vossa mão dextra, ella tornar-se-hia formidavel, e podia n'um instante de sorpreza varar o coração do incauto carcereiro ou da sentinella fatigada de rudo labor. Então trocadas as vestes com o cadaver, á mercê das trevas, a evasão fôra facil a um lutador destemido e intrepido nadador; poucos instantes depois eu teria o summo gosto de abraçar-vos contra o peito que por vós anceia.

« Mas, filho, antes de executar esse plano tão ousado, quanto injusto e deshonesto, ouvi a palavra sempre amiga e sempre leal deste velho pae espiritual, que vos deixou Deus em lugar do outro natural tão cedo roubado á vosso amor e minha amisade.

« Duas razões fallam alto contra a acção que intentaes: vossa virtude e honra primeiro; vosso bem e interesse em segundo. Com que direito sacrificareis a vosso livramento de uma prisão mesmo barbara e iniqua, a vida de innocentes a quem só podereis imputar a fidelidade no desempenho

do dever? E sois vós o competente para julgar si a prisão que soffreis é ou não justa, quando é ella decretada em virtude da lei pelo juiz posto por El-rei?...

« Eu vos conheço, Estacio, e estou vendo-vos repellir com horror a liberdade comprada á titulo de assassino e rebelde. Antes mil vezes o carcere e torturas da iniquidade, que esse dom nefasto. Nem elle vos aproveitaria assim conseguido; pois si no pleno goso de vossa pessoa careceis de uma actividade immensa para levar ao cabo a magna empreza que sabeis, certo nada conseguiria quem fugitivo tivesse alem disso a prover nos meios de segurança e modos de escapar ás pesquizas das justiças.

« Não arrisqueis por um passo imprudente vossa bem parada posição. Em um dos papeis que vos envio achareis a coragem necessaria para soffrer a dureza da prisão, e a esperança que já tinheis por perdida. Não cançai o espirito em prescrutar o modo por que isso consegui; Deus fez o coração humano bom; os homens foram que o transtornaram; baste-vos essa explicação. No segundo papel achareis o texto de uma carta que deveis assignar; ella me dará pleno poder para

apresentar-me em vosso nome e receber o objecto que sabeis.

« A' meia noite lançareis a resposta pela seteira, presa ao fio; o resto fica por conta do intrepido nadador.

« Esperae, filho, esperae tranquillo, que vossos amigos velam. Assim vos tenha o Senhor em sua santa guarda.

« *V C.* »

Estacio terminando a leitura, amarrotou com desespero a carta; depois, passado o assomo, abriu-a de novo, e beijou as iniciaes de seu velho padrinho e amigo.

X

Onde o alferes vae buscar lã e sahe tosquiado.

Esse dia de domingo fôra o determinado pela filha de Samuel para o cumprimento da promessa de D. José de Aguilar.

Desde o amanhecer a cozinha do Braz andava em alvoroto com os arranjos da lauta ceia encommendada pelo veneravel rabino para regalo do

alferes e seus convidados. O taberneiro dando suas ordens á cozinheira, lhe dissera com um siso pachorrento esparramado nas bochechas:

— Olha lá, rapariga, não te esqueça o robalo á framenga!

— Com a capella de salsa e a cebola cravejada...

— Justo!... E molho de manteiga, vinho branco e uma mancheia de farinha corada sobretudo que fique bem reduzido!... E' o sainete do prato!

E o taberneiro riu como alarve.

Da cozinha passou elle á sala onde devia ser posta a mesa da ceia, a ver si a estavam lavando e basculhando conforme determinára. De caminho passou pela varanda afim de espreitar o caboclinho; e como o achasse a cochilar sobre o balcão ferrou-lhe de passagem um carollo.

— Han, sô traste!... Assim é que tu guardar a porta, cachorro!

No meio dessa inspecção dos aprestos caseiros veio acha-lo o velho judeu da rua das Palmas.

— E' vindo o moço? perguntou Samuel á puridade.

— O Beltrão?... Não tarda ahi!

— Estaes bem certo que elle venha?

— Si não viria, o birbante !... Pois foi avisado ! Não visse elle o cunho ao vosso dinheiro, quanto mais que já o apalpou bem apalpado, o sorna !

— Heis de avaliar do meu cuidado, que não vindo elle estava tudo perdido.

— Sempre havia de se dar volta... Mas socegae, que a esta hora já está elle de caminho para cá !

O rabino acommodou-se á um canto da taberna meditabundo e grave. O judengo tornou á tarefa.

Com pouco entrou de carreira na taberna um labrego sujo e mal enroupado, verdadeiro typo do bicho de cozinha Ao ve-lo ergueu-se com vivacidade o velho Samuel e deu um passo para elle ; o proprio mestre Braz, apesar de sua habitual philosophia, soltou uma exclamação de alegria.

— Olé, és tu, rapaz !... Estavas tardando !

— Pois tardava !... Inda por cima de vir de arrancada dês a praia té qui !... Uff !... Que me estão sahindo os bofes !...

— Ha de ser de seccura ; ahi tens com que molha-los, homem !

Mestre Braz encheu um pichel de vinho que o sujeito enxugou como uma esponja , estendendo novamente a taça com um gesto significativo, emquanto os olhos meio cerrados em doce beatitude

e os labios entreabertos esperavam a nova dóze do generoso licor, que devia continuar tão suave extase :

— Depois, Beltrão, depois ! Não vae á matar ! Descançae por agora as guelas que tendes que fazer com as ouças. Ali está o respeitavel Samuel impaciente por te conversar á respeito de certo negocio que bem sabes !... Hen !... Já te espetam as orelhas com o tinir das brancas, calaceiro.

A impaciencia do velho rabino e a importancia attribuida por elle ao miseravel bicho de cozinha, se explica por certas circumstancias que é tempo de conhecer.

Cinco annos havia que estavam presos no castello do mar tres flamengos, resto da maruja e guarnição de um navio capturado na ilha de Tinharé por Diogo de Campos. Um delles, Staed, homem audaz, concebera o projecto de evadir-se, cavando por baixo do carcere uma mina, que fosse ter ao mar ; depois de muitos mezes de incessante labor, conseguira arrancar uma lage do pavez, e abrir um fosso subterraneo bastante largo para passar o seu corpo, e profundo assaz para não abater com o peso da construcção.

Seus dois companheiros, Hugo Antonio e Dick, eram visinhos de carcere ; as masmorras de ambos formavam com a de Staed tres partes de um quadrado ; a mina partindo do canto desta cortava em diagonal o chão daquellas, e devia portanto atravessar o alicerce da muralha de divisão. Quando trabalhava o marujo para aluir esse alicerce os seus compatriotas ouviram o surdo rumor da escavação, e acompanhando o echo do trabalho subterraneo, presentiram o que era passado.

Cobraram esperança. Cada um de seu lado resolveu ir ao encontro do companheiro, e metteu logo mãos á obra. A cabo de muitos e longos dias, as tres minas se tocavam no ponto de intercessão, como tres raios.

Foi uma vespera de liberdade o dia em que se abraçaram os tres infelizes ; e comtudo o do livramento ainda estava bem longe. Depois das primeiras expansões , cada um communicou á associação seu peculio de força e idéa ; a obra proseguia com vigor e celeridade.

Chegaram á final á muralha exterior, e aluida essa, quando já viam brilhar a luz do céo aos seus olhos cançados da estreiteza de uma mas-

morra escura, reconheceram com dor que a base do castello pela parte exterior era revestida de rocha viva, impossivel de cortar para quem não dispunha de mais instrumentos que um prego, uma colher de ferro, um prato de estanho e uma casca de ostra.

Tiveram conselho os tres presos; e reconheceram que a evasão por aquelle lado demandava muitos annos de trabalho, e cinco havia já que estavam ali sepultados.

Abandonado pois esse projecto, cogitaram novo: foi esse dirigir a mina para a galeria, ou corredor de communicação; e uma vez ahi, por força ou por ardil ganhariam os altos e fugiriam á nado. Recobraram com essa esperança o perdido alento, e outra vez metteram hombros á empresa.

A galeria que passava em frente ás masmorras era lobrega bastante apesar das seteiras praticadas á distancia no muro exterior; uma extremidade porem onde estava o carcere de Hugo era completamente escura porque nenhuma luz penetrava Para ali justamente dirigiram os presos a mina; e quando a tinham concluido, esperaram a noite alta para levantar a lage.

Logo que se acharam com a communicação

aberta para a galeria, Dick foi de voto que tentassem a evasão immediatamente, ainda mesmo com risco de vida. Oppoz-se Staed com a autoridade que lhe davam os annos, o posto, e a primazia na empresa: o prudente official não queria perder em uma hora de precipitação o fructo de tantos annos de trabalho. Hugo encostou-se á sua opinião, que prevaleceu.

Era mister conhecer a localidade e outras circumstancias antes de concertar a evasão. Todas as noites pois suspendia-se a lage, e um dos tres sahia fóra e rondava a galeria, approximando-se o mais possivel da sentinella. Appareceu logo um embaraço: apenas escurecia um labrego espojava-se ali no mais escuro do corredor, cosido com a parede, á roncar como um porco; e tinha o desasado, no meio da sua modorra, tão leve o somno, que ao menor rumor estava só a resmungar e bater com as chancas:

— Sape, gato!...

No fim de uma semana, Staed, que era decididamente a cabeça da associação, ideou modo de tirar partido do proprio obstaculo transformando-o em instrumento de sua proxima evasão.

Tocava-lhe a vez de rondar a galeria; recom-

mendou aos companheiros que tivessem a lage suspensa, e sumindo-se nas trevas achegou-se ao labrego adormecido. Agarrou-lhe de chofre a cabeça que abafou contra o peito, para o impedir de gritar, e arrastou-o para o carcere.

Chegou o pobre diabo mais morto que vivo, não tanto dos apertos e empurrões, como do terror; suppunha elle que era Satanaz quem o arrastava para as profundas do inferno, e juraria ter sentido um cheiro forte de enxofre. Emquanto jazia por terra, com a boca tapada e o corpo a tiritar, praticavam-os tres em flamengo. Staed communicava aos outros seu plano, e encarregava a Hugo Antonio de servir-lhe de interprete.

Era esse Hugo Antonio judeu de origem allemã, porem nascido em Portugal. Filho de um mercador principal de Lisboa, fôra obrigado á fugir com sua familia á perseguição do Santo Officio abandonando seu avultado patrimonio. Refugiados na Hollanda, o rapaz sequioso de vingança sentára praça na guerra, e foi um dos mais crueis inimigos dos portuguezes.

— Não resistas, nem grites si não queres morrer!

O labrego, passado o primeiro susto não póde

deixar de fazer lá com seu bestunto esta reflexão philologica :

— Ui ! O diabo falla lingua de gente !...

— Como te chamas ?

— Beltrão, senhor Satanaz, servo de Vossa Senhoria.

— Que fazes tu aqui ?

— Sei-l'o eu ?... Si Vossa Senhoria foi quem me trouxe, e sem dizer para que !

— Pergunto-te em que te occupas no castello ?

— Ai !... No castello... sim... eu era como quem diz, ajudante de cozinha.

— Vaes tu alguma vez á cidade ?

— Todos os dias com o mestre da cozinha para as compras !

Houve entre os tres um sussurro de satisfação.

— Conheces tu um mercador judeu de nome Samuel, que mora na rua da Palma !

— Senhor, não. Nunca lo vi !...

— Pois irás por elle amanhã quando chegares á terra.

— Irei ! Oh ! se irei !...

— E lhe dirás... Ouve bem e guarda... Lhe dirás á parte que os tres flamengos presos no

castello de S. Alberto pedem sua assistencia e a de seus irmãos israelitas.

O labrego começava á comprehender que o negocio não era com Satanaz ; e isso lhe restituia a coragem. Já elle estava pensando no modo por que se havia de safar dessa entaladella.

— Cumprido o que te é ordenado terás as mãos cheias de brancas e louras ; senão, coitado de ti !

— Juro, senhor, por todos os santos, que farei !

— Melhor para nós e para ti. Si o não fizeres e fores dar com a lingua nos dentes, todos nós, que somos tres, havemos de declarar ao condestavel que nos vieste propor um meio de fugirmos ; e para prova aqui ficamos com a tua carapuça , a qual será o signal de teres estado comnosco.

Beltrão foi outra vez arrastado pelo buraco até a galeria, onde o deixaram mais morto que vivo, estendido sobre as lages. No dia seguinte, chegando á feira, achou um pretexto para separar-se do mestre cozinheiro, e correr á rua da Palma, onde com facilidade encontrou a casa de Samuel.

Desde então pozeram-se os presos em communicação com os rabinos da Bahia, por intermedio

de Beltrão. Samuel em nome de seus confrades promettera aos flamengos todo o auxilio possivel; e essa promessa era tanto mais sincera, quanto os judeus da cidade do Salvador não eram nessa empresa estimulados unicamente pela fraternidade religiosa; mas por graves interesses proprios.

Só esperava pois a conspiração a opportunidade favoravel, quando Staed enfermou perigosamente de um mal que o levou, havia tres dias; assim não pôde elle ver o resultado de seus esforços, e gosar das auras da liberdade por que tanto anceiava. Este triste successo afervorou o zelo de Samuel; pensou que a morte podia arrebatar-lhe os outros dois flamengos em quem depositava as maiores esperanças.

Foi pois concebido o plano que já estava em execução: mas era necessario que os presos fossem advertidos em tempo, e esse era o motivo da impaciencia de Samuel emquanto não chegava o bicho de cosinha. Braz tinha-se encarregado de manda-lo avisar de vespera para que no domingo cedo estivesse na taberna.

Beltrão ás palavras do taberneiro voltou-se, e viu sentado á meza o respeitavel ancião, que lhe fez signal de approximar-se. Obedeceu o moço,

saltando na pontinha dos pés ; e por muito tempo agachado aos pés do rabino escutou o que lhe elle dizia com a attitude de um vaso que se colloca em baixo da bica afim de aparar os pingos do azeite. Afinal ergueram-se ambos ; o bicho partiu a correr para as bandas da ribeira, e o rabino seguiu em direcção á casa.

O taberneiro por seu lado tambem se poz ao andar da rua, a desempenhar certa incumbencia relativa á ceia : era essa de convidar a parte feminina do brodio, no que era elle mais que ninguem esperto e ladino, apesar da disposição mui terminante da ord. do liv. 5.', lettra morta como tantas outras leis passadas , presentes e futuras que se intromettam a moralisar costumes por meio de castigos.

Depois de correr a coxia, por becos e ruelas, chegou afinal o judengo a uma baiuca lá para os lados da villa velha, conhecida do vulgacho por *casa da bruxa*. Entrando, achou dormitando a um canto escuro de companhia com um gato preto e uma galinha, a decrepita feiticeira, que mal se podia arrastar sobre a enxerga.

— Onde está Zana? perguntou o Braz.

A velha abriu uma nesga das palpebras, e re-

cahiu na modorra ; mas o gato miou, a galinha cacarejou, e a este signal appareceu a mulher que já vimos no dia de anno bom, a mesma á quem buscava o taberneiro.

— A ceia é para esta noite ! disse elle.

— Já sabia antes que viesses.

— Sim, pois que és bruxa !... O teu homem é o ajudante, o Bezerra, não esqueças. Conheces-lo tu ?

— Nada me é occulto, querendo eu, bem o sabes !...

— Guarda lá para ti as tuas artes de berliques e berloques que ninguem agora carece dellas ; do que se carece é da tua casquilharia, rapariga, que nisso de embeiçar um homem e pô-lo mesmo a babar, és mestra approvada. Isso sei-o eu !...

As palavras do taberneiro pareciam uma zombaria amarga a quem contemplasse a figura hedionda e o rosto repulsivo da feiticeira : ella propria ouvindo o elogio de sua torpeza cobriu-se de um sorriso luctuoso.

— Fizeram-me assim !

— Então logo ao escurecer lá te espero.

— Lá serei !

— O que tens a fazer pouco é. Carece-se cá para certa brincadeira das roupas do ajudante, e que o homem não se lembre dellas antes de meia noite. Entre mulher e botelha isto é nada! Que dizes?

— Tudo será á medida dos teus desejos.

Entretanto o heroe da festa, para quem a grande ceia se aprestava, D. José de Aguilar, passara o dia na tão natural impaciencia de quem esperava o bocado regio no banquete do amor, para elle preparado pelo velho Samuel. Da perfidia de que pretendia servir-se, nem mais cuidou; sua consciencia, já não a toldava a falsa jura que dera, que o arrependimento previo lavava-lhe a macula de tão leve peccado; tinha a mente cheia unicamente das locubrações eroticas e das delicias voluptuosas de que fruia o antegosto.

Seriam cerca de quatro horas, no pino da sesta, quando o official descendo á ribeira, afretou ali um barco para o conduzir ao castello de S. Alberto. O tenente Bezerra que o não esperava, foi alegremente sorprehendido, e mais ainda quando soube o fim da visita. Não deixou elle de fazer o mesmo reparo que todos os outros convidados sobre o imprevisto e descostu-

mado da ceia. O alferes era pouco dado á essa casta de prodigalidade ; seu dinheiro todo era pouco para o immenso sorvedouro do jogo. Mas afinal de contas um dia não são dias ; e nada mais natural do que um fidalgo rico divertir-se em companhia de seus amigos.

— Pois lá me tereis em sendo noite, D. José ! respondeu o ajudante ao convite.

— Iremos juntos, visto que o batel em que vim já o despachei, retorquiu sorrindo o alferes ; e estou não me quereis pôr á nado para a terra.

— Bofé que não ; sobretudo hoje que tanto careceis de forças e calor !

— Descançae, maganão, que muito vos deixarei ainda para fazer !...

— Em que vamos nós passar este resto de tarde ? perguntou o ajudante. Praz-vos uma partida de tabulas ?..,

— O jogo sempre me praz, ou de tabulas, ou de cartas, ou de dados ; é a minha paixão ! Não conheço outra !

— Andae lá ! E a vossa judia da rua das Palmas ?...

— Passatempo, e nada mais !...

Os dois amigos recolheram ao camarim do aju-

dante e começaram a partida de damas. Já a tarde ia-se annuviando, e os primeiros relampagos lambiam longe a face tumida e bronzeada das nuvens acastelladas no horisonte. O sol rubro e incandecente afogueava o céo e os mares das bandas do poente. Com pouco o vento levantou e foi alastrando pelo azul do firmamento o manto da tempestade; toldaram-se os ares; o trovão rugiu no bojo da borrasca, e o echo respondeu na profundeza dos mares.

— Excellente noite que vamos ter!... exclamou Bezerra tirando os olhos do taboleiro para levalos ao horisonte.

— E' verdade!... Nem feita de encommenda a teriamos melhor! respondeu o alferes.

— Poucas cousas me prazem tanto neste mundo como uma festa no meio de uma tormenta. E' quando o homem se mostra verdadeiro homem. Si eu fôra rei ou principe nunca dera outras.

No jogo assim adubado pela amistosa palestra foi decorrendo o tempo até escurecer: a corneta da guarnição tocou ave-marias; rendeu-se o quarto das sentinellas, e terminada a lida do dia entrou a faina da noite. O sargento de dia apresentou-se

á porta do camarim, como costumava, para receber o santo que devia servir durante a noite.

— Vindes pelo santo, sargento?

— A's ordens, Sr. ajudante.

— Vá em honra de vossa visita, D. José! disse o tenente. Achegae-vos, sargento.

O inferior avançou dois passos medidos e cadenciados, e introduziu a cabeça entre os rostos dos dois jogadores para receber no ouvido a senha esperada. O tenente soprou-lh'a ao ouvido, mas de modo que o amigo podesse ouvir distinctamente a frase:—São José nos guarde!...

Meia hora passada, o escaler do castello largava para a ribeira tirado á seis remos de voga e levando á seu bordo os dois amigos: a tempestade corria já sobre a cidade, e a travessia foi difficil e trabalhosa; mas afinal venceram os vagalhões e abicaram á praia. D. José e seu convidado encaminharam-se d'ali á taberna do Braz, onde acharam reunidos e esperando os mais companheiros do brodio. Emquanto não chegava a hora da ceia marcada para o toque de recolher, deviam encher o tempo no jogo.

Ao entrarem todos para a casa da tavolagem, chamou mestre Braz ao alferes de parte, e apre-

sentou-lhe uma bolsa ricamente bordada a fio de ouro cravejada de perolas, e alem de tudo tão recheada de dobrões e pistolas, que as malhas de repuxadas quasi deixavam escapar as moedas.

— Tive incumbencia de entregar-vos em mão da parte que sabeis, e bem assim de enche-la todas as vezes que se esvasiar esta noite!...

D. José ficou atalhado, já da generosidade do judeu usurario, já de ver o Braz até certo ponto na confidencia do pacto secreto feito por intermedio de Rachel: mas como elle tinha a alma bastante elastica para conter mais esse peccadilho de jogar á custa do usurario, á quem ia enganar, levou as cousas á risota e chalaça.

— Já vejo que é a bolsa encantada que me enviam!...

— Acertastes; pois foram dedos de fada que a bordaram!

— E' o gadanho de satanaz que a encheu!... concluiu o alferes rindo á vontade, e seguindo a reunir-se aos amigos.

D. José jogava como principe, e perdia como o Grão Turco. Tres vezes a bolsa encantada foi virada ao avesso cuspindo a ultima moeda, e outras tantas appareceu, como por milagre e de re-

lance, novamente recheada de ouro. O alferes nadava em prazer; um desgosto porem teve elle, e foi de não poder ir até a decima ou vigesima bolsa, pois apenas estava a quarta em meio, parou o jogo e deu-se principio á ceia.

Só nesse momento notou o irmão de Inezita a falta de D. Fernando de Athayde entre os convivas; a alguem que lhe pediu novas delle e o motivo por que ali não estava, respondeu galhardamente:

— Penitencias de noivo!... Deixa-lo!...

Invadiram os convivas a sala da ceia, onde acharam ordenado pelo genio inventivo de mestre Braz um choro de lindas dansarinas, que depois de graciosos volteios vieram cada uma cingir com a cadeia dos braços torneados o collo do escolhido cavalleiro, e leva-lo assim como Venus levou Anchises, ao logar do festim que lhe estava destinado.

Tangiam na Sé o sino de recolher.

O taberneiro, que tinha recebido de Samuel os competentes avisos, apressou por tal fórma o brodio, e fez jorrar com tanta profusão o vinho do Reino e das Canarias, bem como os licores finos de Jamaica e Madagascar que não eram

ainda as dez, e já todos os convivas de ambos os sexos fluctuavam nos intermundos vaporosos dos sonhos bachicos, sasonados pelos extasis amorosos. O proprio D. José não obstante a tenção em que viera, se deixara arrastar pelo exemplo sempre contagioso; e si o abandonassem ao seu moto proprio, é quasi certo que ali se deixara ficar engolfado nas delicias presentes libadas no copo que empunhava e nos labios que lhe sorriam. Si a lembrança de Rachel despontasse alguma vez na sua memoria, o torpor que o invadia sem duvida apagaria a mimosa recordação.

Mas mestre Braz velava; e mais do que elle o velho Samuel, embuçado em amplo e negro manto e occulto desde muito no vão de uma porta fronteira á taberna. A um aceno seu o taberneiro que pela rotula da janella não o perdia de vista, curvou se e atirou uma palavra ao ouvido do alferes:

— São horas!...

— Hemm!... bocejou o fidalgo Quaes horas?...

— Rachel!...

— Ah!... Sim!... Rachel!...

O taberneiro, sabido e perito na arte da bebedice, comprehendeu que o fidalgo chegara ao

estado do copo d'agua que uma só gota faz trasbordar ; mais uma taça e cahia em completa embriaguez. Era preciso faze-lo erguer immediatamente da meza, senão ficaria todo o trabalho perdido. Juntando a acção á palavra, o judengo agarrou o fidalgo pelo braço, como si o ajudasse a levantar, mas realmente forçando-o a isso.

— Ahi estão á vossa procura para cousa urgente !... Si não me engano, gente de vossa casa !

Tomado de sorpreza pela brusca acção, o alferes só deu accordo de si quando o vento frio do temporal refrescou-lhe a fronte, apagando os vapores alchoolicos. Recordou então o ajuste feito ; reconheceu no vulto embuçado o velho Samuel, e apresentou-se logo ao espirito a imagem de Rachel ; então todo o levedo sensual que o vinho e os beijos da cortezã haviam levantado no cerebro e derramado nas veias, voltou-se para a explendida belleza da judia. D. José seguiu silenciosamente a par de Samuel para a rua das Palmas ; as lufadas da borrasca e o exercicio restituiram a lucidez ao espirito do official, sem arrefecer comtudo o fogo intenso do alchool, apenas concentrado, que lastrava surdamente.

O alferes repassou na mente o seu plano sim-

ples: trazia na memoria duas senhas; a verdadeira que ouvira do ajudante, e a falsa por elle inventada na travessia do castello para a ribeira; nos bolsos trazia igualmente dois papeis, no do calção o original da nota do sargento mór, e no do gibão uma parafrase por elle adrede escripta e decorada com o titulo de copia.

Por que motivo tinha o alferes no peito do gibão o importante documento de que o velho Samuel desejava uma copia para seus fins secretos? Não era uma imprudencia arrisca-lo comsigo em occasião tão melindrosa, quando ia em propria pessoa entregar-se nas mãos de inimigos?

O alferes não primava pela prudencia e tino. Valente e fanfarrão, como era, tinha para si que não havia mais segura guarda de um thesouro do que fosse o seu peito deffendido pela terrivel espada; de resto professava pela raça judaica tão profundo desprezo, que nem por sonho admittira a possibilidade de erguer um desses reprobos a mão ousada sobre um fidalgo do seu sangue, e um official de El-Rei. De feito um caso desses importaria a expulsão dos judeus não só das colonias, mas talvez dos reinos unidos de Hespanha e Portugal.

Ora pela manhã, quando lia o memorial de Diogo de Campos para ageitar a falsa cópia, acodiu-lhe uma idéa. Samuel que tanto insistia por esse documento tinha vistas largas; com a tenacidade e persistencia peculiar á sua raça era natural que empregasse para obter o papel todos os meios ao seu alcance, recorrendo talvez á mais de uma pessoa. De certo seria esse o meio que tinha para verificar a fidelidade no cumprimento dessa parte da promessa.

— Nada, por segurança ponho-lhe o sequestro! disse comsigo D. José.

E escondeu no peito do gibão o memorial, que ainda ali estava; desse modo acautellava duas cousas; a traição de outrem menos honrado que elle; e a prova que por ventura podesse ter o judeu de seu embuste com alguma cópia verdadeira do documento. Dessa fórma, o veneravel Samuel não tinha remedio senão acreditar na sua palavra, e deixar-se embaçar como um palerma para felicidade de sua filha Rachel, e prazer de um honesto fidalgo.

Chegaram á casa da rua das Palmas, e subiram ao sobrado. Samuel, tomando o moço pelo braço, guiou-o pelos largos e escuros corredores; ou-

viam-se resoar docemente uns ternos arpejos de gusla, que afinavam para a doce melodia. Parando em face de uma porta, occulta por espesso e custuso reposte, mostrou o judeu aos olhos deslumbrados do mancebo e atravez dos lavores da madeira, um painel arrebatador.

A gentil e formosa judia descançava á moda das orientaes sobre o cochim de damasco. O gracioso movimonto do braço arqueando para dedilhar a gusla, accusava o rijo e palpitante contorno do seio esquerdo, prestes a escapar do decote, como um pombo da mão que o tem captivo. A ponta do pé, calçada em sandalia de setim, batia o compasso na banquinha de nacar ali posta, com a alampada de prata e a clepsidra dourada. Todo o mimoso talhe ondulava voluptuosamente com o fluxo e o refluxo do inquieto sentimento. Conhecia-se no sorriso vivace de seu labio, e no fogo surdo da pupilla negra, que ella esperava com vehemencia um praser já muito anciado, um prazer soberano, digno de deusas.

A voz do judeu murmurou :

— Ella vos aguarda !...

D. José sentira a vista escurecer-lhe com os deslumbramentos daquelle quadro. O sangue ardente

e impetuoso que o vento arrefecera, precipitou-o para aquelle aposento resguardado pela porta de arabescos. Samuel o conteve, cerrando-lhe o braço:

— Um instante, senhor meu. Permitti a vosso servo lembrar-vos que ainda não cumpristes vosso juramento !...

— Cumpri-lo-hei já, neste instante !

— Aqui não; em lugar mais seguro. O prazer esperado, dizem que é como vinho guardado; replicou o judeu com um riso de Judas.

— Não faço cabedal de anexins, respeitavel Samuel. São dez horas; mão para lá, mão para cá, vós o dissestes.

Proferindo estas palavras D. José tirou da cinta a chave de ouro que lhe dera Rachel, e tacteou para acertar com a fechadura.

— Ainda não são dez, retorquiu o judeu apontando para a clepsidra; e porisso ainda a fechadura não recebe a chave que vos deram.

Defeito o relogio d'agua, atrazado pelo judeu marcava de menos um quarto; e a fechadura estava coberta por uma mola interiormente movida.

— Segui então, e aviemos, emquanto não me arrependo...

Samuel levou o moço á seu gabinete ; e entrou para dentro da grade que á semelhança de uma gaiola de arame fechava seu balcão. Inclinando-se deante do fidalgo, cruzou os braços ao peito, emquanto com o pé ia sorrateiramente cerrando o postigo da grade :

— Meu senhor póde agora, que estamos em lugar seguro, fallar á seu servo ; pois elle renova aqui seu juramento de entregar-vos essa mesma noite sua filha Rachel, unica alegria de sua velhice, em troca do que lhe prometteu meu senhor.

— E' depressa feito ! disse o alferes resolutamente. O papel aqui o tendes ; o santo ei-lo : *S. Braz te valha !...*

O alferes isto dizendo sacou a mentira escripta do bolso do gibão, como lançára da boca a mentira fallada : e depois encaminhou-se para a porta. Samuel que tivera tempo de lançar os olhos ao papel atalhou-lhe a sahida :

— Perdôe meu senhor a ousadia de seu servo ; mas nem este papel é a cópia do memorial, nem foi o santo dado esta tarde o mesmo referido.

D. José ficou estupido, e tutubiou um instante; mas logo recuperando a sua arrogancia, exclamou :

— Atreves-te, miseravel judeu, a duvidar da minha palavra?...

— Somos nós tão vil ralé aos olhos dos christãos, que não pódem elles ter escrupulo de embair-nos e faltar ao promettido. Póde acaso um cão se queixar por que lhe chama o senhor com affagos para de perto e melhor castiga-lo?... Não estranhe pois meu senhor, si seu servo se precaveu contra o engano.

D. José estava sobre brazas, desesperado de se ver escarnecido pelo judeu. Teve gana de desancar o misero velho á pannos de bainha de espada, e tomar Rachel de assalto, já que a não podera tomar por manha.

— Meu senhor está irado contra seu servo, e sem razão. pois foi elle quem faltou á jura e peccou contra seu Deus; e para que meu senhor não ceda a tentação de maior peccado offendendo o innocente, vou pôr entre nós ambos uma barreira forte.

De um movimento Samuel bateu o postigo da grade de ferro, que o separava do alferes. Este tomou depressa sua resolução: era partida completamente perdida; nada mais restava senão baralhar as cartas e recomeçar nova:

— Pois nesse caso, veneravel rabino, já que sois tão precatado e não depositaes fé no que diz um cavalleiro, ficae-vos na vossa espelunca e vou-me na santa paz.

— Não póde ser assim, meu senhor; já é tarde de mais para arrepender-vos do pacto que jurastes.

— Tarde, porque?...

— Porque não só seu servo, mas outros irmãos seus, e o taberneiro mestre Braz sabem o que meu senhor prometteu fazer em nosso favor.

— Porque lhes dissestes, infame Judas?

— Sem duvida; vosso servo sabe que são precisos pelo menos os juramentos contestes de cinco infieis para crear uma suspeita minima contra um fidalgo!

— Enganastes-vos, miseravel; a minha palavra só basta para anniquilar quantos mil juramentos fizesse a tua raça inteira, presente, passada e futura!...

— Diz bem, meu senhor, e seu servo o não contraria. Mas si alem do juramento do judeu, apparecesse a assignatura do fidalgo?...

— A minha assignatura?...

— Leia, meu senhor.

O judeu tomou a bugia, e alumiou de perto

uma estante de cavallete onde estava estendida uma folha de papel: o alferes leu espavorido estas palavras escriptas sobre a sua assignatura:

« Havendo eu, D. José de Aguilar, alferes de acavallos do regimento desta capitania da Bahia feito um ajuste com Samuel Levi, mercador judeu, de lhe entregar domingo que se contarão 18 de janeiro uma copia fiel do memorial apresentado ao senhor Governador pelo sargento mór Diogo de Campos, sobre as fortificações da cidade do Salvador, e bem assim de revelar ao mesmo mercador o santo que for dado para a noite daquelle mencionado dia, no castello do mar, para cujo effeito o dito mercador ordenará em a taberna de mestre Braz uma ceia á qual convidarei o tenente Bezerra, ajudante do condestavel do forte; e tudo isto mediante a cessão que me faz o referido Samuel Levi de sua filha Rachel, para della usar e dispor como cousa á mim pertencente; por assim termos acordado, passamos este que assignamos ambos sem testemunhas por o caso não comportar, mas firmamos com o nosso juramento; e quando por qualquer accidente não cumpra eu com aquillo á que me obrigo;

« Eu, D. José de Aguilar, declaro que contarei á vista deste a Samuel Levi, mercador judeu, a

somma de cincoenta moedas, de que me confesso seu devedor. Na Bahia, aos 8 de janeiro de 1609.

« *D. José de Aguilar.* »

— Este escripto é falso! bradou o fidalgo abalando a grade. Por elle te levarei á forca.

— Não reconhece meu senhor sua firma, que elle mesmo poz nesse papel em a noite de sabbado?...

— Neste não, digo-te eu: o que assignei foi um vale.

— Ninguem tem culpa de que meu senhor não desdobrasse o papel para le-lo de principio! disse o judeu dobrando o papel ao meio e apresentando-o tal como na noite da assignatura.

— Ah! cão!... vociferou o official. Tu me pagarás...

Continuou o moço a vociferar, cuspindo injurias ao judeu; e esse impassivel esperava que passasse a tormenta. Realmente foi ella amainando pouco a pouco, e de todo esvaneceu-se com os echos de uma voz maviosa que descantava ao som da gusla. O alferes esqueceu a sua situação para escutar enlevado.

— E' sua voz que chama, meu senhor !.. São dez horas !...

Uma allucinação passou pelo cerebro do alferes; elle tornou a ver o painel que desvendara o reposteiro aos seus olhos pasmos ; o sangue bramio ; pareceu-lhe ouvir o gargalhar de uma voz satanica que lhe vasava n'alma esta palavra :

— Leve a breca a honra !...

Atirou ao judeu atravez da grade o memorial e o santo ; o velho precipitou-se sobre o papel, que desta vez era mais do que ousara esperar, pois era o proprio original de Diogo de Campos. Da verdade do papel inferiu a verdade da senha ; pois seria uma necedade do fidalgo deixar incompleta a sua traição, especialmente quando existia uma assignatura sua que o podia perder.

— Cumpri o meu juramento ; cumpre o teu, miseravel judeu !...

— Meu senhor tem a chave de ouro que guarda o cofre da mais fina joia ; sua escrava só espera o aceno de seu senhor.

XI

Como o lirio se transforma em cardo.

O fidalgo ganhou a porta do corredor; mal elle desapparecia, o rabino correu á camera visinha, abriu o postigo do balcão onde estava acocorado um vulto, e repetiu baixo a senha. O desconhecido saltou na rua com o auxilio de uma corda e deitou á correr para as bandas da ri-

beira, onde chegou esbaforido. Um bote ali o esperava de leva remos; mal poz-lhe o pé na borda já singrava o barco as ondas da bahia á voga arrancada.

Fechado o postigo soou o gongo que reboando pela casa repercutiu no camarim de Rachel. Era o signal convencionado para annunciar á filha que D. José havia desempenhado sua palavra. A judia sobresaltou-se como uma gazella nos desertos de areia sentindo o sopro abrasador do simoun, e de um salto se arrojou á porta e correu a mola interior. O fidalgo introduziu a chave de ouro na fechadura; logo apoz entrou no sumptuoso camarim. Rachel já tinha voltado á sua primeira posição.

O rabino depois de tocar o gongo, escorregou pelo escuro corredor como uma sombra; pelo arrendado da porta assistiu mudo e extactico á profanação do aposento virginal de sua filha. Ganhou então o proximo gabinete, e collocando o ouvido a um canto da tapessaria, onde existia uma porta falsa, empunhou com gesto de ferocidade um longo cutelo que trazia occulto no seio da oparlanda.

— Jurei que lhe entregaria Rachel, e meu ju-

ramento está cumprido, Deus de Abraham e de Jacob! Mas tambem, Senhor, eu jurei em vosso nome muito antes, que traspassaria o coração do primeiro homem cujo labio impuro maculasse a flor de meu candido lirio!...

A essa hora estava occorrendo no forte de S. Alberto acontecimentos que tem intima ligação com este drama.

O bicho da cosinha, Beltrão, na fórma do costume, se estirou no canto escuro da galeria, onde todas as noites refocilava o cançado corpo; desta vez porem estava elle bem esperto, e repetia no bestunto as palavras que pela manhã ouvira da boca do veneravel Samuel. Pouco havia que elle ali estava estirado, quando se ouviu o riz de uma pedra roçando na outra: era elle que levantava a lage da mina.

Soou o murmurio de uma pratica surda e subterranea, porque o Beltrão de um lado e Hugo do outro fallavam com meio corpo mergulhado no fosso.

— Alviçaras!...

— Porque?

— Boa nova vos trago.

— Qual?

— E' para hoje... para esta noite... Não tarda mais nem um instante.

— Mas o que, labrego dos seiscentos demonios? Desembrulha esta lingua d'uma feita!

— O que?... O que havia de ser mais senão o por que pianças! Pois ainda não vos bateu a titella? Ora si bateu! Ahi estaes já vos espojando e lambendo como boi solto!

— Vistes hoje Samuel?

— Si vi!... Pois elle foi que mandou-me á dizer-vos que estejaes prompto ao primeiro signal... como quem diz, ao frigir dos ovos.

— Promptos já cançamos de o estar.

— Ora descançareis.

— Que signal é esse de que fallas tu, casmurro?

— Sim!... Esta noite, em pendendo lá para as dez, ha de vir por aqui um certo sujeitinho, que o velho lá sabe. Entonce o dito cujo fará artes de embetesgar por este corredor, e passando rente cá com a pessoinha do Beltrão, lhe resmungará o santo!... Entendeis agora?...

— E depois?... Acaba, sandeu!

— Depois?.... Pernas para que te quero?.... Sape!... Um depois do outro até o camarim do ajudante!...

— Do ajudante ?...

— E' o que disse o velho! Lá encontrareis com o dito cujo, e do mais não sei eu. Estaes correntes com a historia ?

— Esperae !... A's dez horas o santo... d'ahi á pouco tu adeante, e nós em seguida até o camarim do ajudante... lá o sujeito.

— Pá, pa, Santa Justa!...

— Que horas cuidas tu que sejam ?

— As ditas não tardam.

Cessou o murmurio.

Instantes depois ouviu-se o som dos remos cortando as aguas; um batel se approximava, que em tres arrancos tocou as abas do forte S. Marcello.

— Quem vem lá ? gritou a vigia do alto da guarita.

— Do castello ! responderam.

Já toda a guarnição do forte estava recolhida. As sentinellas suppozeram com razão que era o ajudante que se recolhia, e com elle trocaram o santo sem a menor suspeita; entretanto o tenente Bezerra estava á essa hora ebrio de vinho e amor na taberna do Braz. O misterioso personagem que o representava tinha seu porte, e trazia vestidas

suas roupas. Subindo a escada de pedra, dirigiu-se ao camarim, e com a chave que tirou do bolso abriu a porta. Em vez de entrar porem, contentou-se com empurra-la, e proseguindo a marcha fez volta ao castello, descendo afinal ao pavimento inferior.

Zeloso no cumprimento de seus deveres, embora fraldeiro, o ajudante não recolhia noite alguma sem passar elle proprio a ronda para assegurar-se de estar cada um em seu posto e alerta. O passo do desconhecido não causou pois o minimo reparo, como cousa usual que era. A cada alabarda calada aos peitos, murmurava o santo com autoridade, e a arma abaixava respeitosa para deixa-lo passar. No corredor que dividia os carceres, a espada do official arrastou no chão, e ao som produzido escorregou uma sombra da parede.

— E's tu, casmurro?

— Sou eu, senhor sim.

— Ouve bem. « *S. José nos guarde* ! » respondeu o official em voz submissa.

Adeante encontrou o pseudo ajudante uma sentinella.

— Quando aqui passarem tres mosqueteiros, dizei-lhes que apressem.

— Entendido, Sr. ajudante.

De volta ao camarim o desconhecido esperou alguns instantes até que se apresentaram dois soldados guiados por Beltrão. Despedido o bicho de cosinha, entraram os tres e fecharam por dentro a porta, tendo o cuidado de tirar-lhe a chave.

— Dois sómente ?

— Sómente.

— E o terceiro ?

— Não sabeis ?... E' finado ha tres dias !

— Ah ! não me disseram. Como vos chamaes vós ?

— Dick.

— E vós ?

— Hugo Antonio.

— Pois camaradas, eu venho da parte de Samuel ; já fiz o que prometti ; o resto depende de vós e da sorte. Ha muito tempo vos não banhaes de certo ?... Pois á agua !

O Anselmo foi tratando de despir as roupas do ajudante em que se enfronhara ; os dois presos fizeram o mesmo ás fardas de mosqueteiros com que se disfarçavam.

De tudo arranjaram uma trouxa e pela janella do camarim a atiraram aos marujos do batel, que esticaram os remos, afastando-o lentamente do forte. A vigia viu da guarita o barco vogar para terra e não lhe deu attenção, nem reparou que á algumas braças do castello estacára sobre as aguas, apezar de continuar o jogo dos remos.

Os tres haviam ficado completamente nús ; então o salteador desenrolando a longa corda que trazia á cinta atou uma das pontas ao gonzo da janella, deixando a outra escorregar pela muralha abaixo. Passar ao pescoço a correia da chave do camarim, galgar a ombreira e escorregar pela corda foi para elle negocio de um minuto :

— Este é o caminho, gente !...

Os companheiros um apoz outro foram-lhe na esteira. Ouviu-se o marulho das ondas quando tragam alguma presa ; e logo a esfrol da espuma que argenteava ao longe em tres pontos successivos, como si algum peixe folgasse á tona d'agua. O barco recuára silenciosamente para mais depressa receber os fugitivos que o buscavam á nado ; conseguido o que romperam a voga arrancada para terra.

Na occasião em que passava a scena anterior um vulto ligeiro e cauteloso approximou-se da porta do camarim, e conhecendo pelo toque que ella estava fechada interiormente, dobrou o angulo do aposento, e achegou-se á linha das ameias. Debruçando para ver o que passava exteriormente, sua mão apalpou um corpo, que pelo calor lhe pareceu animado e pelo estofo das roupas de creatura humana. O vulto recuou de espanto; mas vendo immovel o individuo suspeito, serenou, acreditando-o adormecido. Realmente a posição em que se achava era indicadora do somno profundo de quem estivesse morto de fadiga.

Emtanto abicava o batel á Ribeira. Durante a travessia os dois fugitivos tinham vestido de novo as fardas de mosqueteiros; e o Anselmo o seu trajo costumeiro, deixando sempre em trouxa as roupas do ajudante. Ao saltar em terra o salteador dissera ao patrão da chalupa:

— Ao toque d'alvorada cá estaremos, Pedro!

— Não tendes mais que dar o signal! Heis de nos ver daqui amarrados á boia.

— Manda comigo um dos remeiros para trazer-te com que passar o tempo até lá.

— Bem lembrado, Anselmo. Leva o Ignacio!

O filho da Eufrasia poz-se á caminho para a cidade ladeado pelos dois falsos mosqueteiros e seguido pelo remeiro: quando galgavam a ladeira dos Padres pareceu-lhes ouvir o som de passos atraz, e voltando-se para conhecer si eram seguidos, lobrigaram na sombra um vulto que desappareceu rapidamente, deixando-os em duvida sobre sua natureza. Na posição em que se achavam tudo era para temer; e apezar de bem armados proseguiram suspeitosos, investigando á cada instante com olhares inquietos as trevas que os envolviam.

Mais adeante tiveram ainda novo motivo de susto. Uma sombra passára ligeiramente pelo lado opposto da rua e tão rente da parede que só a perceberam quando ia já adeante; os movimentos eram de gato, mas o tamanho do corpo fazia acreditar antes que fosse algum cão. Um dos escapos ainda bateu com o pé na calçada soltando uma exclamação para afugentar o animal, que desappareceu subitamente.

Chegados perto á taverna do Braz, o Anselmo deixou á esquina os dois flamengos e o remeiro; e só, adeantou-se para a espelunca. Arranhou com a unha a folha da janella que logo a abriram, apparecendo a cabeça de foinha do mestre Braz:

— Então, Anselmo, como vos correu a embrechada ?...

— A' maravilha !... Lá estão na esquina; não os vedes d'aqui ?...

— Bravo !... E's um tunante, Anselmo !... Depois me contareis tudo pelo miudo ; agora não ha tempo a perder.

— E mesmo !... Aqui tendes as roupas do ajudante e mais a chave.

— Ainda lá está roncando que nem porco... A Zana é uma matreira !. Como o arranjou... Hem !...

— Cá me vou ao velho barbaça ! .. Ai ! Vem ahi um remeiro para levar algum petisco e a competente pinga á gente !

— Pois ainda mais do que já receberam, Anselmo ?

— Quem trabalha precisa, Braz. Cuidas que remar uma noite inteira é cochilar ao balcão surrupiando os cobres aos freguezes ?...

— Para te engordar a ti, ruim besta !

O Anselmo não ouviu bem a fineza ; pois no passo em que ia já estava com os companheiros parados na esquina á sua espera.

— Ignacio, vae ao Braz que te chama ; e olho vivo !

Dali seguiram os tres para a rua da Palma.

Na casa do mercador judeu dava-se então a peripecia da scena que deixamos em jogo.

D. José de Aguilar, penetrando no camarim de Rachel, correu a ella, e sentando-se ao lado no divan de seda, quiz cingir-lhe a cintura com o braço. A moça furtou subtilmente o corpo á essa caricia grosseira, voltando para o official um rosto onde o sorriso orvalhava a mais soberba indignação. Logo porém velando essa expressão de sua alma, disse com um tom de voz doce e tremulo :

— Escute meu senhor, o que sua serva lhe pede.

— Senhora minha e não serva, sois vós, formosa Rachel ! Ordenai pois á este captivo vosso.

— Jurei que vos havia de pertencer...

— Esta noite e não mais tarde !

— Neste mesmo instante !... Mas esperava eu e ainda espero que meu senhor fizesse á sua serva menos duro o sacrificio, de modo a não parecer a prova que lhe ella dá de seu amor pura mercê e salario de feio trafico !

— Que quereis dizer, formosa Rachel? Explicae-vos melhor.

— Lembre-se, meu senhor, que até este instante ainda não lhe ouvi as fallas de amor, que tão doces dizem ser!

— Não é minha a culpa, de certo, pois nunca me déste a occasião.

— Agora que a tendes, dae-me este gosto. Esta que deve em pouco pertencer-vos de corpo e alma, antes quer-se conquistada e rendida ao encanto de vossa palavra, do que vencida á força de seu juramento. Tereis animo de negar-lhe tão pequena graça?

— Seja como quereis!

O alferes começou então a desfiar o longo rozario de protestos e juramentos inventado para uso dos namorados; apezar de pouco pratico em aventuras galantes, não lhe esqueceram as comparações mythologicas, muito em voga ainda naquella epocha do amor classico. Rachel o ouvia com as palpebras meio cerradas e um sorriso inexprimivel a borboletear nos labios soabertos. Samuel testemunha occulta da scena, apertava entre os dedos hirtos o cabo do cutello, emquanto a outra mão calcava a mola da porta falsa.

A um lado do aposento tinham posto um bufete carregado de doces, fructas e vinhos. A formosa judia, como enlevada pelas fallas do amante, travou-lhe da mão e o levou até a mesa; sentaram-se ambos. Ella ergueu um frasco de vinho da Madeira e encheu a taça do alferes; partindo depois entre os dedos um figo passado, cujas migalhas babujavam os labios purpurinos, continuou á ouvir as futilidades que o fidalgo enfiava umas sobre outras.

Muitas vezes D. José parava, julgando ter dito bastante, e dava mostras de passar á realidade de suas esperanças; mas a judia repellindo a mão affouta com gesto decidido, supplicava-lhe ao mesmo tempo com o olhar e a palavra para continuar:

— Mais!... Ainda mais!... Acabae de render-me! Fazei-me vossa d'alma, antes que o seja do corpo.

E o fidalgo, apezar de sua impaciencia, sentia prurir-lhe a vaidade do namorado, e continuava nos seus ridiculos protestos de amor.

A final a clepsidra collocada sobre a mesa deu signal que uma hora era passada desde a entrada do alferes. Vendo a ultima gotta do roseo liquido,

que escoava da ampulheta superior, Rachel ergueu a fronte com uma expressão singular. Havia nessa vibração da cabeça alguma cousa do collear da serpe quando se enrista para lançar o bote.

— Basta, disse ella, já vos ouvi de sobra !... Ouvi-me vós agora !

— Com o maior prazer, formosa Rachel !

— Sabei, cavalleiro, que eu vos quiz desde o primeiro instante em que vossos olhos se pozeram em mim. Não sei ainda hoje como isto foi ; somente sei, que vendo-vos pareceu-me reconhecer-vos por aquelle que meu coração esperava desde menino, e com quem se habituára á sonhar e folgar.

— Outro tanto me aconteceu !

— Misera judia, sahida embora de gente mesquinha e desprezada, eu pagava em admiração o desprezo em que vossos irmãos tem os meus. Nobreza, honra, valor, generosidade, todas essas virtudes que eu julgava terem nascido com a raça christã, todas amei-as em vossa pessoa. Fostes para mim o typo dos heroes da cavallaria, que desde a infancia me acostumei a adorar, enlevada na historia de suas façanhas e brios.

— Igual vos amo eu, formosa Rachel ! Para mim sois a imagem da belleza...

— Deixae que prosiga: é agora a minha vez. Sim, adorei em vós a flor de meus sonhos o lirio de minha alma! Imaginae agora qual deva ter sido meu martyrio reconhecendo no amado de meu coração, um indigno de sel-o!

— Indigno, dizeis?...

— Julgae-o!... Amava em vós a honra, e fallistes della trahindo a patria vossa e os votos á ella jurados.

— Donzella, calae-vos!... disse o alferes rangendo os dentes.

— O valor de que me orgulhava não o conheceis, pois tremestes e decorastes ante a ameaça de um velho. Nobreza e generosidade, não as tem de certo, quem se rebaixa á torpeza tal, que envergonharia o mais vil.

— Não vos está bem á vós, Rachel, por quem tudo esqueci, lembrar-me e tão duramente quanto me custa o amor que vos tenho!

— E quem melhor, senão aquella que deve medir pela grandeza do sacrificio a grandeza do affecto, afim de o recompensar dignamente?

— Nesse ponto tendes razão .. E assaz de palavras: é mais que tempo de cumprirdes o vosso juramento; o meu ha muito já o foi!...

Rachel erigiu a bella estatua, arqueando levemente o busto como o collo do cysne quando rompe a onda limpida; cravados então os olhos no alferes, seu labio frisado pela cholera trinou uma risada de escarneo, que salpicou o semblante de D. José como um borrifo de fel.

— Meu juramento?...

— Rides?

— Si o caso é de rir!... Quem somos nós para que entre ambos se falle de juramentos e empenho de honras?... Vós um traidor infame, eu uma vil barregan... ao menos por tal me julgaes!...

— Não inventeis á minha conta pretextos para vossa aleivosia!...

— Mentistes então quando dissestes que me tinheis amor?... De qualquer outra mulher poderieis suppor que vos sacrificasse a virtude para beneficio de seus irmãos... Da mulher amada, nunca; tal sacrificio fôra impossivel a mim faze-lo e a vós acceita-lo!... Como pois crer e esperar que cumprisse semelhante promessa outra mulher que não uma como ha pouco deixastes, abandonada de todo o pudor e vergonha!...

— Que nome tem esse embuste que empre-

gastes para enganar-me?... Dizei-o, vós que pareceis tão entendida em pontos de honra.

— Fostes vós mesmo, não eu, que vos enganastes!... Devieis ter visto nos meus olhos, sentido em minha voz, e em toda a minha pessoa o desprezo que me inspirastes! Si apezar disto, acreditastes nas palavras que ouvistes, a culpa é vossa, ou do vosso destino que vos engana. Que fé traz um juramento, que importa o sacrificio da honra?

— Em todo o caso vós aproveitastes da minha credulidade para obterdes o que desejaveis, vós e o velho casmurro de vosso pae?

— Tive, é verdade, este escrupulo; mas desvaneceu-se lembrando-me que aos homens de vossa estofa paga-se em dinheiro, o que ainda vos estivermos restando.

— Ah!... rugiu o official sacando o punhal. Não esperes burlar-me, judia. A tua vida e de teu pae me responde pelo cumprimento da promessa.

— Tambem vos posso pagar nesta moeda de tão vil preço para mim como a outra. Aqui tendes, esta vida que antes de vosso buido punhal, já respassou vossa infamia!

Isto dizendo a donzella offereceu ao golpe a branca

e formosa gorja, que ondulou como um collo de garça.

— Não me entendes! rugiu o alferes. O punhal é para teu pai si oppuzer-se á meu intento. Para ti bastam-me as mãos.. Tu me pertences; comprei-te com a minha traição; já que não te queres entregar de vontade, te constrangirei á istol... E' o meu direito.

— Desafio-vos a que dês um passo para mim!...

D. José de Aguilar, fincando as mãos no bufete ergueu-se á custo, e com o passo tropego dirigiu-se para onde estava a donzella. Por detraz delle a porta falsa abriu-se de repente, e appareceu no escuro a figura veneravel do velho Samuel, brandindo o cutello com um gesto feroz.

Rachel sorriu:

— Não é preciso ferro, pai!... O senhor e sua força são comigo!

Com effeito o fidalgo apenas promovera dois passos pelo aposento, sentiu faltar-lhe as pernas, e cahiu por terra; ainda esforçou para erguer-se, mas um torpor geral invadiu-lhe o corpo e o estendeu n'um pesado lethargo. O mancebo havia nessa noite bebido de mais, é certo; porém o desfallecimento de forças que o prostára não tinha visos

de embriaguez unicamente; parecia mais natural que a acção do alchool fosse ajudada por alguma droga.

Era justamente na occasião em que dava-se esse desfecho, que chegaram á rua da Palma o Anselmo e os dois Flamengos. Ao resoar das pancadas convencionadas, o rabino, arranccu-se ás emoções que ainda o dominavam, e cerrando a porta do camarim, correu á abrir. Os vindiços entraram, e a porta foi de novo fechada.

— Esperai aqui! dissera o rabino a Anselmo no topo da escada.

— Guiou então os fugitivos ao aposento proximo do camarim da filha, e offereceu-lhes vinho, que ambos acceitaram:

— O tempo nos é contado, senhores; podemos só dispor de duas horas, pois é necessario que antes de alvorada estejaes com vossos irmãos, que vos esperam para dar a vela. Para que vossa attenção chegue á tudo que a reclama, força é que se divida; emquanto um de vós aqui estiver para ouvir o que nossos irmãos desta Bahia vos incumbem de levar á Amsterdão, o outro conduzido por guia esperto, o mesmo que vos trouxe, correrá a cidade afim de tomar della uma noticia exacta que

complete o plano e memoria de que sereis portador, cuja vos confiaremos o proprio original que obtivemos.

— Irei eu, que menos entendo vossa lingua, e mais pratica tenho de assedios que este amigo Hugo Antonio.

— Parti então quanto antes.

Pouco depois abria-se a porta, e Dick guiado por Anselmo perdia-se nas trevas da noite, seguindo na direcção de S. Bento. Ahi fóra de portas, n'um tejupar, acharam cavalgaduras preparadas adredes pelo judeu. Samuel guiou Hugo Antonio ao recondito aposento, onde estava reunido o synedrio dos rabinos; deixando-o ahi por um instante em companhia dos veneraveis irmãos, tornou ao camarim da filha.

Rachel, depois do desfecho da scena anterior ficára reclinada sobre o cochim, immersa em tristes cogitações. Afinal porém espancando a languidez que lhe incutia o pesar, ergueu-se resoluta, e recolhendo nas gavetas do trumò suas joias, fechava-as em um pequeno cofre de filagrana de prata, obra da India. Nesta occupação a veio encontrar o pai:

— Filha, que faremos do cadaver deste perro christão ?

— Vivo é, pai ; está apenas adormecido !

— Ah ! exclamou o judeu.

— Para que matar tão infame creatura ? Seu maior castigo é a vida miseravel e ignobil que vai viver !

— Para vosso mal !

Rachel ergueu os hombros com indifferença :

— Tomai este corpo, pai, e alijae-o lá na lama da rua. Amanhã a gente que passar, e o vir assim espojado, cuidará que ao recolher do brodio ali cahiu ébrio !

O velho judeu envergou aos hombros o corpo adormecido do fidalgo, e sahiu com elle para cumprir a recommendação da filha. D. José de Aguilar foi atirado ao chão no fim da rua da Palma. Rachel da janella acompanhou com os olhos o rabino, até que elle tornou ao camarim :

— A empreza foi bem succedida, pai ?

— A' medida dos nossos desejos e esperanças.

— Então os flamengos estão livres ?

— Da prisão já ; mas não do perigo. Emquanto permanecerem na cidade tremo pela sua segurança.

— Quando partirão elles ?

— A' uma da madrugada.

— Iremos em sua companhia.

— Para onde, filha ?

— Para Hollanda !... Depois do que é passado nem Samuel, nem sua filha, pódem mais viver nesta terra !

— Mas é a ter a de tua criação, Rachel !

— E amanhã seria a do nasso supplicio e tumulo !... Não ! basta já que nelle fique sepultado meu coração !

— Pensaes que o traidor christão ouse denunciar de nós ?

— A vingança do vil e o punhal do assassino ousam tudo, pai ! Neste cofre estão as minhas joias; forra-te de ouro, tanto quanto te fôr possivel levar, e á uma hora, partiremos. Vae ; fico-te esperando.

O rabino voltou ao synedrio.

Rachel embuçando-se em ampla e rica pelissa, abriu as adufas da persiana, e recostando a face no umbral da janella, engolfou os olhos no azul recamado de estrellas. As lagrimas em fio deslisavam mansamente sobre faces, e rolavam como perolas pela face polida da seda.

Essas lagrimas eram o degelo de uma alma que o desengano invadira subito : eram pesadas como

os caramelos que os primeiros calores do sol despregam dos galhos das arvores. Quando a ultima lagrima tombou, o coração estava estanco de amor; apenas lá ficou a corrosão de um sentimento que se derranca e azeda, como o vinho em vinagre.

XII

Os tres sentidos de João Fogaça.

A' hora em que a tempestade amainava da sua primeira furia, Mariquinha dos Caixos levantava-se do canto da janella onde estivera a resar, e punha a ceia na mesa. A seu chamado acodiram João Fogaça e Christovão, que estavam praticando na varanda. O capitão de matto dava ao amigo

um braço em que este já quasi restabelecido se apoiava apenas por comprazer.

Sentaram-se á mesa. João Fogaça comeu com o apetite valente dos homens cuja vida é o movimento constante; a moça com o desembaraço e a singeleza da gente do povo; Christovão devorou uma jurity que a sua hospeda cuidadosa mandára assar de espeto para desenfastiar o doente. Sobre essa refeição consentiu o capitão de matto que bebesse dous dedos de vinho generoso.

Terminada a ceia, a viuva guardou os arranjos, e puxando a candeia para a outra extremidade da mesa, começou a fiar, emquanto na cabeceira os dois amigos continuavam n'uma dubia claridade a pratica interrompida.

— A verdade é, João, que fazem hoje quinze dias: e ainda não descobristes modos de passar á Elvira um recado meu!...

O sertanejo poz-se a assobiar entre dentes, o que era nelle indicio de máo humor:

— Si não fôra Estacio, a esta hora nem saberia si ella me tinha em lembrança, ou já de todo me esquecera!... accrescentou Christovão com um suspiro.

— Bem vos propuz um meio! Não acceitastes!...

— Qual foi esse ?...

— Cercar a casa uma noite, arrombar as portas e trazer-vos aqui a dama dos vossos pensamentos !

— Isso é cousa que se faça, João? No outro dia em que conceito haviam de ter na cidade uma donzella raptada á sua mãe?... Sem fallar do perigo que haveria em uma tal empreza, para vós sobretudo !...

— Pois recusaes os meios que me lembram, não lhe vejo mais geito. E' como para o livramento do amigo Estacio; chamo-o meu tambem pois é vosso... Si deixasseis as cousas á minha vontade assaltava uma noite o castello com os meus cincoenta caboclos, e havia de o desenterrar de lá, ou não seria mais gente !

— Entendeis que tudo se leva á força neste mundo.

— Tudo, não ; ainda que afinal tudo vem dar ahi. Mas se vos confesso minha pouquidade Christovinho. Cá essa vossa giria de cidade, não me entendo com ella. Fallae-me de seguir o rasto á alguem no escuro da matta, alta noite, ou fazer espera e descobrir as manhas de qualquer animal de dois e quatro pés ; aqui tendes homem

para tanto. Mas embaçar os outros de palavreado e inventar artimanhas, não nasci para isso.

Christovão escutava distrahido; parecia applicado sobre uma idéa que lhe trabalhava o espirito. Em vez de responder ergueu-se resoluto e agil:

— Pois quero eu ver se sou mais feliz!

— Que é isto?... Aonde vos botaes?

— Vamos á casa de Elvira. Talvez o amor me inspire melhor do que a amizade a vós, João.

— Está para ver que eu consinta nesta imprudencia; mal vos ergueis da cama e já vos quereis metter em cavallarias altas!...

— Desejo somente ver de longe a casa onde ella respira. Essa vista me curará mais depressa do que as vossas mesinhas.

— Não contesto a virtude della; mas a experimentareis quando vos puderdes ter sobre as pernas!

— Ora sinto-me forte, sobretudo depois que ceei!

— Nada! nada!... Basta já o susto que rapei por vossa causa.

— Repito: não ha o menor risco! Sinto-me restabelecido de todo!...

— Ainda eu não vos dei alta ; portanto sois meu enfermo, e como tal me haveis de obedecer.

Christovão riu-se e passou a mão ao chapéo do capitão de matto :

— Pois estaes despedido de meu medico !... Entendei. Si me não quizerdes acompanhar irei sozinho.

Fazendo da espada bengala, o fidalgo se encaminhou á porta. Fogaça acompanhou-o resmungando.

Para a comprehensão desta scena e das que vão seguir é necessario reatar o fio á esta parte dos acontecimentos, desde o momento em que Christovão despertando do desmaio causado pelos ferimentos, enviára seu amigo o capitão de matto á indagação sobre o procedimento que tivera D. Luiza de Paiva com a filha.

O amante de Elvira conhecera naquella noite a tempera da viuva do mercador ; e pelo que a vira praticar tão a sangue frio, temia que os impetos da cholera tigrina voltados contra a donzella hallucinassem a dama a ponto de torna-la surda ao grito de suas entranhas maternas. Porisso punha elle o maior empenho na incumbencia dada ao amigo.

João Fogaça partira. A advertencia de Estacio e o pedido de Christovão o tornaram prudente e tiraram-lhe do sentido a idéa em que estava de ir ao terreiro de D. Luiza buscar seu varapau, e com elle por desfastio escovar o pello á algum dos mariolas da casa, que apanhasse desgarrado. Adiando para mais tarde esse gosto, que o aguava, o capitão de matto fez-se na volta de Nazareth.

Daquellas bandas estava o pouso onde costumava elle arranchar a sua companhia composta de cem indios, e onde a deixára na vespera quando entrou na cidade para fazer com Mariquinhas as honras á ceia emprasada. Fogaça não era homem de palavras, nem de reflexões; seu grande merecimento estava na acção. Essa era prompta, decidida e inspirada conforme as circumstancias do momento: então um instincto maravilhoso guiava-lhe a idéa e o braço. Si fôra general, o capitão de matto só ganharia batalhas á Marengo.

Sem inquietar-se pois dos meios de que ia servir-se para chegar ao resultado, curou unicamente de armar-se dos instrumentos necessarios á obra. Era isso o que o levava ao rancho.

Entre os selvagens da sua companhia, haviam tres que formavam seu estado-maior, porque sem-

pre e em qualquer empreza que commettesse, os trazia a seu lado.

Um delles via de dia ou de noite um insecto voar em distancia onde qualquer outro de vista regular não descobrira um passaro. João Fogaça o chamava pura e simplesmente *Olho*, e com rasão, porque era o unico orgão que se distinguia nessa natureza bruta.

O segundo selvagem ouvia na distancia de cem passos o roer da lagarta na folha da imbauba, e destinguia no vasto rumor da matta virgem a qualidade e a distancia de todos os sons que formavam o surdo concerto das selvas. Pela mesma rasão que o outro esse foi appellidado *Ouvido*.

O terceiro porem era ainda mais admiravel : bastava-lhe por o nariz ao vento e aspirar uma boforada de ar, para conhecer que pessoas ou cousas estavam naquelle momento dentro do largo circulo de seu olfacto, ou por ahi tinham passado nos dias anteriores. Si lhe dessem a cheirar um molho da relva pisada por animal, elle diria em continente a especie, si bruto e qual a familia, si homem e qual a raça, europea, africana ou brasileira : e precisaria o tempo em que por aquelle lugar paseára. Esse acodia ao nome de *Faro*.

Collectivamente João Fogaça os chamava seus tres sentidos de sobresalente.

Chegado ao rancho o capitão de matto entendeu-se previamente com seu capataz, sujeito que formava com elle perfeito contraste; tanto tinha um de avolumado, quanto o outro de exiguo. Aquelle era a paxorra caracterisada; este tinha asougue na medula.

— Careço de estar estes tempos na cidade, Antão; deixo-vos pois a gente bem recommendada.

— Este que aqui está, João Fogaça, já aguentou o arranco de uma maruja insubordinada!... Si visseis como a tenteei á força de calabrote! Nem piavam!...

— Bem sei com quem lido; e porisso não vos dou mais jurisdicção, do que a de amarrar o que mal proceder, o mais fica por minha conta.

— Torno á dizer-vos, Fogaça, poupais muito o pello a esses malditos caboclos!

— Podera não; si é esse pello que me cobre a pelle!...

— Porisso mesmo; é bom traze-lo escovado.

— Sobre isto basta. Vamos agora á certa combinação necessaria. E' bem possivel que eu tenha

necessidade de communicar-me comvosco de um momento para outro; de caminho irei postando á distancia os escutas para que no caso de necessidade o aviso vos chegue sem tardança. Esse aviso será além dos mais que já sabeis: ou que preciso de vós em pessoa, ou que preciso de um, dois, até os cem indios. No primeiro caso ouvireis gritar a saracura.

E o capitão de matto imitou o grito da ave: depois deu ao grito uma modulação imperceptivel para distingui-la do primeiro, e significar conforme a sua repetição o numero de homens. Finalmente o canto cheio do passaro equivaleria a dez:

— Portanto, concluiu o capitão de matto, si ouvirdes a saracura cantar dez vezes, correi todos em meu socorro.

— Estamos scientes! disse Antão.

João Fogaça voltou á cidade com os seus tres sentidos de sobresalente e mais alguns indios, que foi deixando pelo caminho na distancia de muitas braças um outro. Chegando fronteiro á casa de D. Luiza, parou fazendo um signal aos tres indios para que se approximassem; as tres cabeças inclinaram logo, cada uma de seu modos afim de approximarem do senhor a parte mais no-

bre e intelligente ; a de *Olho*, direita encarando em frente ; a de *Ouvido*, pendida para escutar ; a de *Faro*, empinada ao vento.

— Estão vendo aquella casa?... Quero saber tudo que se passa dentro della e ao redor !... Ora pois á noite cá voltarei !...

As tres figuras de quadrumanos afastaram-se tomando cada uma forma diversa ; uma grimpou ao cimo da arvore mais alterosa do circuito ; as duas outras, pondo-se a barlavento da habitação uma embolou-se entre as moitas como um tatú, a outra escorregou de galho em galho como uma preguiça.

João Fogaça prometteu a Christovão que breve receberia novas frescas e exactas, o que serenou os animos do enfermo durante o dia. A' noite, conforme avisára aos selvagens fôra tomar-lhes conta da tareja : avisinhando-se á casa da viuva, convocou os tres, á um e um servindo-se do signal de rebate da campainha. De todas as informações colhidas tiravam-se os seguintes factos. Um jesuita sahira da casa por volta do meio dia : e um mecanico, do officio de serralheiro, viera tomar medidas de duas jánellas para deitar-lhe grades de ferro.

— A mãe que a encarcéra, bom signal! pensou o forasteiro.

Desde então Christovão recebia todas as noites um boletim exacto do que succedia na casa; as vezes que a sombra de Elvira passava por detraz da rotula, a hora em que despertava e recolhia, as repetidas orações que resava ajoelhada ao crucifixo, e os ralhos que da mãe recebia; tudo era fielmente communicado ao enfermo pelo capitão de matto. Ultimamente porem já isso não satisfazia o amante; desejou elle communicar com Elvira e escrever-lhe.

O negocio tornava-se mais difficil pela necessidade de penetrar na habitação. O meio sediço da pedra não podia ser empregado; alem de perigoso, tornava-se impossivel com as estreitas grades pregadas como em janella de convento. João Fogaça, apezar de não ser homem de planos, ideou comtudo varios expedientes; mas não tiveram o voto de Christovão, porque em qualquer delles entrava uma certa dóse de violencia. O mancebo temia irritar ainda mais a mãe de Elvira, e porisso era todo brandura e moderação: o forasteiro tinha para si que sem o emprego da força nada era possivel.

A aventura de Estacio com a cadeirinha e a memoria de Elvira por elle trazida, si a principio serenaram a ancia em que estava Christovão, depois superexcitaram com maior vigor o desejo que elle nutria de escrever á sua amante. Ella soffrera por sua causa, curtindo as incertezas crueis do que lhe acontecera naquella noite fatal. Devia pois dar-lhe um doce consolo, enviando sua alma visita-la, emquanto não consentia o fado que fosse elle proprio.

Escreveu uma pagina inteira onde vasou a essencia de seu amor concentrado por tantos dias de ausencia; e guardando no peito do gibão a carta, insistiu forte com João Fogaça para que lhe deparasse o meio de remette-la ás occultas e com toda segurança. O capitão de matto estava baldo ao naipe; prometteu trabalhar, mas nada conseguiu.

A' este ponto haviam chegado as cousas, quando Avila resolveu ir elle proprio tentar a empresa, apesar de estar ainda em principio de convalescença. Depois de alguma caminhada, o mancebo deshabituado do exercicio, e debil do sangue perdido, sentiu arvoar-lhe a cabeça, e um suor gelado borbulhou-lhe pelo corpo. Receiando cahir, sentou-se anhelante á borda do caminho.

— Eis o que procurastes, disse Fogaça amuado.

— Não é nada ; um esmorecimento que já passou. O exercicio me fará bem ; ha tantos dias que não ando...

O capitão de matto trançou-lhe o braço e quiz voltar á casa. Christovão resistiu e com tal resolução, que o amigo não ousou contraria-lo mais. Continuaram na direcção em que iam, até trinta passos da casa de D. Luiza ; procurando uma aberta entre as arvores, por onde se podesse ver perfeitamente o edificio, Fogaça obrigou o mancebo á sentar-se ali para repousar, emquanto praticavam do assumpto que os trouxera.

A habitação e os arredores sepultados no silencio e obscuridade dormiam ; mas uma luz baça velava no fundo de uma recamera da habitação, e pallejava a fresta oval da ultima janella. Christovão embebendo os olhos naquelle mortiço clarão, como si fôra o reflexo melancholico e livido da alma de sua amante, suspirou :

— E' a janella de Elvira !

— Vede a grade que a guarnece ; a outra da frente pelo mesmo theor. As portas constantemente fechadas e dobradas de trancas de ferro : o menor rumor que ouvem dentro, logo o tal que

vos quiz despedir põe a cabeça fora do postigo para espreitar. A casa está cheia de escravos negros e gente armada !... E quereis que se entre lá sem torcer uma orelha !...

Christovão já não o escutava : via a imagem de sua Elvira na idéa e trocava com ella as queixas mutuas de tantos dias passados em cruel afflicção.

O capitão de matto ergueu-se de um salto :

— Alguem nos espia !...

Com effeito ouviram-se as folhas estalarem sob um passo subtil e ligeiro ; o vulto esbelto de um homem surgiu na penumbra, e assomou em face dos dois amigos.

— Estacio !... exclamou Christovão não podendo crer no que viam seus olhos

— O Governador consentiu á final soltar-vos ? perguntou João Fogaça.

— Não ; mas soltei-me eu !

— Bravo !...

— Contai-nos isso !...

— Depois, senhor Fogaça ; agora urge negocio de maior importancia, para o qual não me sobra tempo.

— Podemos nós ao menos ajudar-vos nelle ? perguntou Christovão.

— De certo ; para isso corri até aqui em busca vossa. O acaso fez-me senhor de um segredo de estado, Christovão, deparando-me a occasião de prestar o maior serviço á El-rei e a esta capitania. Si o consigo, irei ao Governador, e remirei por tal preço e com honra a minha liberdade. Esta posição de fugitivo e escapo de uma prisão me rebaixa aos meus olhos !...

— E' desagradavel, sem duvida. Mas que contaes então fazer ?

— Preciso de armas, e de alguns homens resolutos que me acompanhem esta noite, dentro de uma hora, decididos á morrer ou levar ao cabo a façanha em que me empenhei. Esses homens, onde os iria eu buscar, de repente, tão tarde da noite, fugitivo e sem recursos ?... Lembrei-me que vós m'os podieis obter do senhor João Fogaça...

— São vossos quantos quizerdes, dos cem da minha companhia, seu capitão inclusive.

— Obrigado ! respondeu Estacio, apertando a mão callosa do forasteiro. Bastam-me dez.

— Em meia hora os tereis.

— Si alguns já foram embarcadiços, prefiro esses, porque o negocio é no mar.

— Bom ; tenho justamente um contra-mestre para a lancha ! E' o meu capataz. Esperai-me um instante, emquanto me arredo para chama-los ; aqui estamos muito perto da casa.

João Fogaça afastou-se pelo matagal a fora ; e os dois amigos ficaram sós. Nesse instante a frouxa luz que esclarecia a janella oscillou como si a mudassem de lugar. Christovão estremeceu como a chamma, pensando que ella se extinguia deixando em trevas sua alma e o aposento que illuminava. Esse movimento lembrou á Estacio o lugar onde estava e a situação de Christovão.

— Ainda não conseguistes ve-la ? perguntou com terno interesse.

— Ve-la, a minha Elvira ?... Não pedi tanto á Deus, Estacio, nem tanto ousei esperar !... Por feliz me dera si lhe pudesse mandar uma palavra minha !...

Christovão tirou do peito do gibão a pagina que escrevera na vespera.

— Que sejam tão impenetraveis aquelles muros, que apezar da dedicação de amigos e vigilancia dos espias, não possa ali penetrar de mim, nem esta delgada folha !...

O mancebo arrancou estas palavras do coração

com um suspiro pungente. Estacio sentiu-se commovido desta magoa, que o tedio da recente enfermidade exacerbava ; e correu o olhar do papel que o amigo tinha na mão, á janella esclarecida. Da confrontação desses dois objectos resaltou-lhe no espirito a idéa de approxima-los realmente, e abrir á um passagem pelo outro.

— Dae-me este recado, Christovão.

Nesse instante ouvia-se o grito da saracura vibrar nos ares, e logo apoz o canto da ave. Era o signal do capitão de matto chamando o capataz e dez homens.

Estacio apalpava o papel e experimentava nos dedos á ver si enrolava-o com facilidade : achou-o rijo por causa do dobrado.

— Não podeis abri-lo?

— Que pretendeis fazer, Estacio?

— João Fogaça não tarda. Em chegando elle vereis.

— Ei-lo aqui á vossa disposição! disse o forasteiro avançando.

— Ainda estão por aqui perto os olhos de coruja e o lombo de cobra que eu vi ha quatro dias?...

— Por força. Cada um no seu posto!

— Então temos o que é necessario. Onde ha um indio, ha um arco.

— Precisaes de um arco?

— Justamente !

Fogaça assobiou. As folhas rumorejaram, e o capim estaliu. Instantes passados uma bola despenhou-se do cimo de uma das arvores ; um vulto saltou do lado ; e uma sombra surgiu da terra. Eram os tres sentidos do capitão do mato, o qual arrancando da mão de um delles o arco, deu a Estacio.

— Uma faca !... disse este.

— Serve esta ?...

— Perfeitamente.

O mancebo diminuiu o tamanho da flecha por metade, e abriu junto á farpa uma racha bastante para ahi passar o papel, que enrolou na flecha. Christovão acompanhava em silencio os movimentos do amigo ; tendo já comprehendido a sua intenção esperava em ancias o resultado da idéa, que aliás parecia-lhe impraticavel. Tambem o capitão de matto se inclinava a este parecer.

— Agora é preciso que nos approximemos !... disse Estacio esperimentando a corda do arco.

— Esperae !... Aqui é preciso toda a cautella.

Que estão elles fazendo agora na casa? perguntou aos indios.

— Ainda estão acordados, disse *Olho*, porque ha luz embaixo da porta.

— Estão batendo pratos! disse *Ouvido*.

— Estão comendo! acrescentou *Faro*. Comendo peixe...

— Em qual parte da casa?...

— Na varanda de baixo; as vozes dizem.

— Não ha ninguem no terreiro que nos veja?

— Ninguem.

— Então acheguemo-nos!...

— Conseguirás tu, Estacio? perguntou Christovão sentindo o coração palpitar-lhe.

— Esperemos em Deus, Christovão!

Approximaram-se cautelosamente, com receio de espertar a attenção no interior da casa, até a borda do vallado que duas semanas antes impedira o passo ao capitão de matto acorrido para salvar seu collaço. A janella de Elvira ficava na distancia de tres braças, e a fresta esclarecida na altura de vinte pés.

Estacio examinou de novo a perspectiva da casa; e voltou-se para João Fogaça:

— Onde estão os vossos *olhos?*

O capitão de matto segurou a cabeça do indio, como quem apanha um coco, e apresentou-a ao estudante.

— Vês tu, lá na fresta da janella, umas sombras delgadas?...

— *Olho* não vê sombra ; mas os ferros da grade que está por detraz do pau.

— Quantos ferros são?

— Dois, um que vai da cabeça ao pé outro do hombro ao hombro.

— Em fórma de cruz!... E' justamente o que me parecia. Agora sóbe a esta arvore, e olha para dentro por todos os lados.

O indio grimpou pelo tronco ácima, como um macaco, e subiu ate as ramas da arvore ; d'ahi viu elle uma nesga do soalho coberto com tapete, e o canto de um bufete onde havia uma bilha d'agua, e uma pada intacta sobre escudela de pau. Logo desceu para communicar a Estacio essa observação, que arrancou um gemido á Christovão.

— Isto já sabia eu, mas vos não queria dizer para não affligir-vos!... murmurou João Fogaça.

O indio passára aos ramos oppostos da arvore, donde podia enchergar de travez um dos cantos do aposento. Ali viu reflectida no espelho do trumó

a imagem graciosa de Elvira, ajoelhada ao genuflexorio na cabeceira do leito. A formosa donzella, desfeita do lindo parecer, com a melancholia esmaltada no rosto mimoso, resava ; mas de repente turbava-se o recolhimento e compunecção de sua attitude devota ; e uma idéa vehemente arrancava-lhe um gesto de energico desespero. Sua mão arrebatava do seio, onde tinha occulto, um papel, e esmagando-o entre os dedos convulsos, o erguia para o cruxifixo com as mãos ambas estendidas implorando a misericordia divina.

Quando o indio deu conta pelo miudo do que vira, Christovão apertou o braço do amigo :

— Esse papel é para mim, Estacio !

— Sem duvida !

— E ella não tem um meio de m'o enviar.

— Nós lh'o daremos !...

— Como, meu Deus ?

Estacio tirou do bolso onde o guardára o fio que lhe mandára Vaz Caminha, e começou a medir-lhe ás braças : tinha oito, mais do dobro da distancia em que estavam da janella :

— Para onde está olhando a virgem branca ?

— Para lá ! respondeu o indio.

— Não tires os olhos della.

Feita essa recommendação o mancebo galgou a arvore por sua vez, até por-se ao nivel do oculo esclarecido da janella. Ahi amarrou uma das pontas do fio no meio da flecha e segurando a outra nos dentes, esticou a corda do arco. Ouviu-se um sibilo nos ares; e no mesmo instante a luz mortiça do aposento escureceu. Christovão suffocava com as mãos ambas os palpites violentos do coração; João Fogaça admirava com a franqueza e sinceridade dos homens fortes e superiores.

— Lá está!... murmurou Estacio sentindo a resistencia no fio

Ouvido ergueu-se de um salto, e collando a boca á orelha de João Fogaça soprou-lhe:

— Levantaram-se da mesa! Ha gente na janella da frente!...

No mesmo instante saltava *Faro* na outra orelha do capitão do mato:

— Negro está no terreiro espiando. Vem para cá·

João Fogaça deu aviso aos companheiros, e estendeu-se no chão, com Christovão e os dois indios. Estacio e *Olho* ficaram immoveis sobre os ramos da arvore. Todos retinham a respiração, que os poderia trahir si o espia se aproximasse da borda do fosso. O negro veio rondando o terreiro, exa-

minou a janella de Elvira e todo o espaço que o separava do vallo; e afinal desappareceu, dobrando o canto para dar volta á casa.

Então *Olho* pendurando-se pelos pés aos ramos superiores, de cabeça para baixo, como um cajú suspenso pelo talo, encostou os beiços ao ouvido de Estacio. Este julgou que o indio ia-lhe dizer que nada vira porque a luz se apagara; mas ignorava a força pasmosa dessa pupilla.

— A virgem branca assustou-se e saltou em pé no meio da casa olhando a frecha.

— A luz não se apagou?

— Não; escureceu, porque ella poz-se adiante! Agora descobriu!

Com effeito a fresta clareara de novo. O indio recobrando a anterior posição examinava outra vez.

Elvira, no primeiro assomo da sorpreza se erguera de chofre e ficara extatica e aterrada, ouvindo o sibillo da frecha e vendo o projectil cravar-se na parede do aposento; mais calma agora divisara o fio e o papel enrolado no collo da seta. Precipitou para o lugar; subindo ao bufete despregou a arma com violencia e desdobrou anciando o papel. Cahiu de joelhos lendo o nome de Christovão, e foi nessa posição que continuou

a leitura da carta de seu amante. A carta era longa, e os olhos da donzella foram a cada instante nublados pelas lagrimas; essas, enxugadas pelos beijos, que iam apagando as lettras, e tornando-as invisiveis á luz baça da lampada.

Estacio, corrente do que se passava, receiando de um lado qualquer rebate, e do outro apressurado pela sua empreza, advertiu Elvira. A donzella vendo a frecha levemente arrastada pelo tapete, não fez reparo nisso, embebida como estava nas palavras do amante; suppoz talvez que fosse o seu proprio vestido que produzisse aquelle movimento. Mas afinal a frecha fugiu e foi subindo pela janella; recordou-se da linha a que estava presa: substituindo-a pelo papel que tinha no seio, imprimiu ao fio conductor uma vibração para indicar que podiam retira-lo.

O mancebo comprehendeu, e recolhendo rapido a linha, teve o prazer de sentir em pouco o perfume do bilhete de Elvira. Christovão correu á recebe-lo das mãos do amigo, que lh'o estendia do alto da arvore.

No momento em que o extremoso amante devorava de beijos o papel, em pé na borda do

fosso, os dois indios pularam outra vez do chão aos ouvidos do capitão de matto.

— Está cheirando á polvora!... rosnou um.

— Barulho de espingarda!.. soprou o outro.

Mal acabavam, *Olho* despenhou-se do alto da arvore, e embrulhando-se como uma serpente pelo corpo de Christovão, arremessou-se com elle na moita visinha. Era tempo; uma centelha fuzilara no terreiro da casa, e a bala do arcabuz passara zunindo na direcção occupada um segundo antes pelo amante de Elvira.

João Fogaça ergueu-se com a sua costumada paxorra, sacudindo o pó das bragas.

— Desta vez me pagam o novo e o velho! disse elle sondando as trevas com o olhar.

— Por Deus, João, acommodae-vos. Não peioreis o caso com as vossas estraladas! exclamou Christovão travando-lhe do braço.

— De certo! acodiu Estacio. Já que fomos bem succedidos não convem excitar ainda mais as suspeitas. Tenho para mim que nada perceberam!

— Então vamo-nos, emquanto não me aperta a tentação! disse o forasteiro afastando-se.

Christovão deu um passo ; mas recuou tomado de uma idéa terrivel :

— E Elvira que talvez me suppõe morto!...

— E' isso que vos inquieta ! respondeu Fogaça. Prompto é o remedio.

E o capitão de matto soltou uma de suas estrepitosas gargalhadas, que reboou ao longe enchendo o silencio do ermo.

— E' o damnado do capitão de matto !... resmungou uma voz da outra banda.

— Elle mesmo, biltre !... Vae juntando no teu canhenho ! Eu te farei as contas um dia.

Ditas estas palavras, seguiu os outros, que já iam adeante. Christovão ardia de impaciencia por devorar as lettras de Elvira. Estacio anciava por ver-se á caminho de sua empreza.

— Que horas serão ?

— Passa de meia noite, respondeu o capitão de matto olhando as estrellas. A gente ahi está.

O ouvido tinha dado signal. Por algum tempo nada se percebeu ; depois começou um ligeiro estalido, até que o vulto dos dez indios com o capataz Antão Gonçalo á frente, surgiram do matto.

João Fogaça arengou assim os caboclos :

— Ides acompanhar este cavalleiro, o Sr. Estacio, onde elle vos quizer levar, e para o que elle ordenar, ainda que seja para vos atirar ao fogo e esfolar-vos vivo. Estaes entendidos ?.... Ora bem ; pé leve, olho vivo e ouvido alerta ! Marcha !...

Voltando-se para o capataz :

— Heis de gostar de dança, Antão Gonçalo ! E' negocio de embarcar.

Estacio abraçou Christovão, cerrou a mão á Fogaça e desappareceu nas sombras.

Christovão tornou apressado da impaciencia de ler a carta de sua amada ; e correria si não fôra rete-lo o prudente capitão de matto, que o levava pelo braço.

Elvira escrevera estas palavras :

« Bem meu.

« Desde o instante cruel em que vos arrebataram a meus braços, tenho desvivido em continuo martyrio. A' principio foi com a nova terrivel de vosso passamento que tentaram envenenar-me aos poucos ; ainda que eu vos sentia vivo

no fundo de minha alma, não sabia si era porque já tranzida deste mundo, me fôra reunir comvosco em outro melhor. Usaram depois rogos e ameaças no vão intento de me alheiarem de vós. Bem viram logo que mais longe vos afastavam de meus olhos, mais dentro vos mettiam de meu coração. »

Houvera no traçar da carta uma interrupção, como indicava o final.

« Que ouvi agora, Santo Deus ! Tremo de horror lembrando ! Nem ouso escreve-lo.

« Christovão, esperança unica desta minha alma afflicta, vinde amparar-me, si não quereis que me fine amaldiçoando a vida.

« Pensava eu que não houvesse mal para me abalar emquanto me fortalecesse a fé de nosso amor. Que podiam fazer ? Matar-me uma vez em minha pessoa? Iria esperar-vos no céo. Matar-me duas vezes, roubando-vos a existencia ? Seriamos logo reunidos na eternidade.

« Mas por desgraça nossa enganei-me, esposo meu. Querem separar-nos para sempre na terra e no céo ! Vinde ; é forçoso que vos veja e falle. Vinde salvar-me da eterna perdição. »

A alma de Christovão acodindo á esse reclamo anciosa arrojou-se; mas seu corpo debilitado pela enfermidade apenas erguido recahiu inerte e frouxo.

FIM DO IV VOLUME.

INDICE DO VOLUME IV

—

I Como se espreme o soro de um coração de donzella. 5

II Como naquelle tempo se fazia opposição ao governo. 39

III O que havia no mysterioso palanquim. 71

IV Como a bengalla bem manejada póde mais que muitas espadas. 99

V Como Vaz Caminha escreveu torto por linhas direitas. 131

VI No qual o christão se faz judas. 159

VII Em que se cava o passado para enterrar uma esperança 185

VIII Como cede a glosa ao enigma 217

IX Uma penna por um punhal 235

X Onde o alferes vae buscar lã e sahe tosquiado 253

XI Como o lirio se transforma em cardo 285

XII Os tres sentidos de João Fogaça. 309

LIVROS A VENDA

NA

LIVRARIA GARNIER

69 RUA DO OUVIDOR 69.

—

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Amor de perdição, 1 volume, 2$500.
Amor de salvação, 1 volume, 2$500.
Anathema, 1 volume, 2$500.
Annos de prosa, 1 volume, 2$500.
Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado, 2$500.
O bem e o mal, 1 volume, 2$500.
Carlota Angela, 1 volume, 2$500.
Cousas espantosas, 1 volume, 2$500.
Doze casamentos felizes, 1 volume, 2$500.
Duas epochas na vida, 1 volume, 3$000.
Esboço de apreciações litterarias, 1 volume, 3$000.
Estrellas funestas, 1 volume, 2$500.
Estrellas propicias, 1 volume, 2$500.
Filha do doutor negro, 1 volume 2$500.
Lagrimas abençoadas, 1 volume, 2$500.
Livro negro, 1 volume, 2$500.
Memorias de Guilherme de Amaral, 1 vol. 2$500.

Memorias de carcere, 2 volumes, 5$000.
Mosqueteiros d'Africa, 1 volume, 4$000.
Mysterios de Lisboa, 2 volumes, 5$000.
Neta do Arcediago, 1 volume, 2$500.
No Bom Jesus do Monte, 1 volume, 2$500.
Noites de Lamego, 1 volume, 2$500.
O que fazem mulheres, 1 volume, 2$500.
Romance de um homem rico, 1 volume, 2$500.
Scenas da Foz, 1 volume, 2$500.
Scenas innocentes da comedia humana, 2$500.
Tres irmãs, 1 volume, 2$500.
Vingança, 1 volume, 2$500.
Vinte horas de liteira, 1 volume, 2$500.

OBRAS DE ALEXANDRE DUMAS.

Acté, 2 volumes, 4$000.
Amawey, 3 volumes, 5$000.
Angelo Pitou, 4 volumes, 8$000.
Ascanio, 2 volumes, 5$000.
Capitão Paulo, 2 volumes, 3$500.
Casa de gelo, 3 volumes, 5$000.
Catharina Blum, 2 volumes, 4$000.
Cavalleiro da casa vermelha, 1 volume, 5$000.
Cavalleiro d'Harmental, 4 volumes, 8$000.

Cicilia ou o vestido de noivado, 2 vol., 4$000.
Cofre de prata : O premio dos pombos ; um masso de cartas, 1 volume, 2$000.
Collar da rainha, 1 volume, 5$000.
Companheiros de Jehu, 2 volumes, 4$000.
Conde de Monte Christo, 4 volumes, 8$000.
Condessa de Charny, 8 volumes, 16$000.
Condessa de Salisbury, 2 volumes, 4$000.
Dama das Camelias, 1 volume, 3$000.
Diana de Lys, 1 volume, 3$000.
Familia dos Borgias, 2 volumes, 4$000
Fernanda, 2 volumes, 4$000.
Filha do Regente, 3 volumes, 6$000.
Gabriel Lambert, 1 volume, 2$000.
Gemeas de Machecoul, 4 volumes, 8$000.
Guerra das mulheres, 4 volumes, 8$000.
Historia dos Stuarts, 2 volumes, 4$000.
De Paris a Tanger, (suisse), 6 tomos em 3 volumes, 12$000.
Impressões de viagem, 2 volumes, 4$000.
Izabel de Baviera, 3 volumes, 6$000.
Kean Drama, 1 volume, 2$500.
Marqueza de Brinvillier, 1 volume, 2$500.
Minhas memorias, 4 volumes, 8$000.

Memorias de Garibaldi, 3 tomos em 2 vol., 4$000.
Pastor de Ashbourg, 7 tomos em 5 vol., 10$000.
Pomba, 1 volume, 2$000.
Paulina, 2 volumes, 4$000.
Perdição, 1 volume, 1$500.
Princeza de Monaco, 2 volumes, 6$000.
Recordações de minha vida, 4 tomos em 2 volumes, 4$000.
Reinado de Luiz XVI, 6 volumes, 12$000.
Romance de uma mulher, 3 volumes, 4$000
Sophia Printemps, 2 volumes, 3$000.
Tres mosqueteiros, 4 volumes, 8$000.
Tulipa negra, 2 volumes, 4$000.
Urbano Grandier, 1 volume, 2$000.
Vida aos vinte annos, 1 volume, 2$000.
Vinte annos depois, 6 volumes 10$000.

OBRAS DE GARRET.

Alfagem de Santarem, 1 volume, 3$000.
Arco de Sant'Anna, 2 volumes, 6$000.
Dona Branca, 1 volume, 3$000.
Camões, 1 volume, 3$000.
Catão, 1 volume, 3$000.
Flores sem fructos, 1 volume, 3$000.

Folhas cahidas, 1 volume, 3$000.
Frei Luiz de Souza, 1 volume, 3$000.
Lyrica, 1 volume, 3$000.
Philippe de Vilhena, 1 volume, 3$000.
Romanceiro, 3 volumes 9$000.
Retrato de Venus, 1 volume, 3$000.
Virgens da minha terra, 2 volumes, 6$000.

NOVELLAS E ROMANCES.

Abbadessa de Castro, novella, 1 volume, 1$600.
A açucena de Israel, por Anna Maria, 2 vol. 4$000.
Adelaide de Clinter, por Nicoláu Maria da Silveira Estrella, 1 volume 2$000.
Adelia de Senange, ou cartas de Lord Sydenham, 1 volume, 3$000.
Adelina e Mauricio, ou o casamento e o amor, aventura contemporanea por E. Voiart, 2 vol. 3$000.
Adolpho, anedocta allemã, 1 volume, 2$000.
Adriana, ou historia da marqueza de Brianvelle, 3 volumes, 5$000.
Affonso, ou o filho natural, por Mme. de Genlis, 2 volumes, 3$600.
Affonso e Dalina, ou a magia da arte e da natureza, 1 volume, 3$000.

Alberto, ou o deserto de Strathnavern, por Mistriss Helm, 3 volumes, 6$000.

Alexina, ou a torre velha do castello de Holdeim, 4 volumes, 7$000.

Almocreve de Petas, ou moral disfarçada para correcção das miudezas da vida, por José Daniel da Costa, 3 volumes, 15$000.

Amanda e Oscar, ou a historia da familia de Doureath, 13 volumes, 16$000.

Amantes desgraçados, ou memorias do conde de Comminge, 1 volume, 1$600.

Amantes (Os) desterrados na Siberia, ou aventuras de mademoiselle Hamilton e do conde de Narisking, de Pedro Grande, 2 volumes, 4$000.

O amanuense dos amantes ou o correio das damas, 1 volume, 1$000.

As amazonas, romance original de D. Pedro Matta, 1 volume 2$500.

Amelia de Mansfield e Ernesto de Voldemar, 4 volumes, 7$000.

Amelia ou dezoito mezes de vida privada de uma menina, 2 volumes, 4$000.

O amigo das mulheres, 1 volume 2$000.

O amnistiado, 2 vol. 3$600.

OBRAS DE ALEXANDRE HERCULANO.

Eurico, 1 volume.	3$000
Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal, 3 volumes	9$000
Lendas e narrativas, 2 volumes	6$000
O monge de Cister, 2 volumes	6$000
Poesias, 1 volume	3$000

OBRAS DE EUGENIO SUE.

Atar-Gul, 1 volume	2$500
O aventureiro ou a barba azul. 3 volumes	5$000
Bertha de Plouernel, 2 volumes	4$000
A gula, 1 volume.	2$000
Hercules Valente, 1 volume.	2$500
Luxuria ou Magdalena, 1 volume	2$000
Marquez de Surville, 1 volume.	2$500
Martim o engeitado ou memorias de um escudeiro, 6 volumes.	12$000
Mathilde, memorias de uma jovem, 8 vol.	20$000
Mysterios de Paris, 16 tom. in 8.°	16$000
Pachá de Janina, 1 volume.	2$000
Preceptora, 3 volumes.	6$000
Perdição, 4 volumes.	8$000
Preguiça, 1 volume	2$000
Segredos do travesseiro, 4 volumes	8$000
Vaticinio, 2 volumes.	5$000

JORNAL DAS FAMILIAS

PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA,

LITTERARIA, ARTISTICA, RECREATIVA, ETC.

O JORNAL DAS FAMILIAS sahe uma vez por mez, e fórma no fim de cada anno um bello volume de cerca de 400 paginas de impressão esmerada, ornado de figurinos, vinhetas, gravuras sobre aço, aquarellas, sepias, peças de musica, desenhos de trabalhos sobre talagarça, de crochet, tricot, lá e bordados: moldes de vestidos, capas e em geral tudo o que é concernente a trabalhos de senhora.

E' geralmente observada a lacuna que existe no jornalismo brasileiro, isto é, a falta de um jornal que trate exclusivamente dos interesses das familias, offerecendo ás senhoras um entretenimento substancial e agradavel para o espirito, e de utilidade domestica.

Convidados por alguns amigos e conhecidos para preencher semelhante lacuna, ha muito tempo nos preparamos para corresponder a essa confiança que depositárão em nossas mãos.

Hoje temos, emfim, o prazer de annunciar-lhes que, do modo por que está organizada a nossa empreza, esperamos satisfazel-os completamente.

A redacção desta linda publicação, é a mesma que a da *Revista Popular*, já conhecida de ha quatro annos pelo seu talento e pela moralidade que preside aos seus escriptos, que serão sempre variados, instructivos e amenos.

As gravuras, os figurinos de modas, modelos de tapeçaria, bordados, desenhos, n'uma palavra, tudo o que fôr concernente á arte, está confiado aos melhores artistas de Pariz. Tambem daremos, no correr dessa publicação, uma escolha de peças de musica modernas, dos mais habeis compositores, incluindo polkas, walsas, quadrilhas, etc.

As assignaturas são feitas por um anno, a contar de Janeiro a Dezembro, em casa do Editor-proprietario B. L. Garnier, *rua do Ouvidor* 69, Rio de Janeiro.

Corte e Nictheroy 10$000 Provincias..... 12$000
Numero avulso 1$000.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Brasiliana USP

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).